

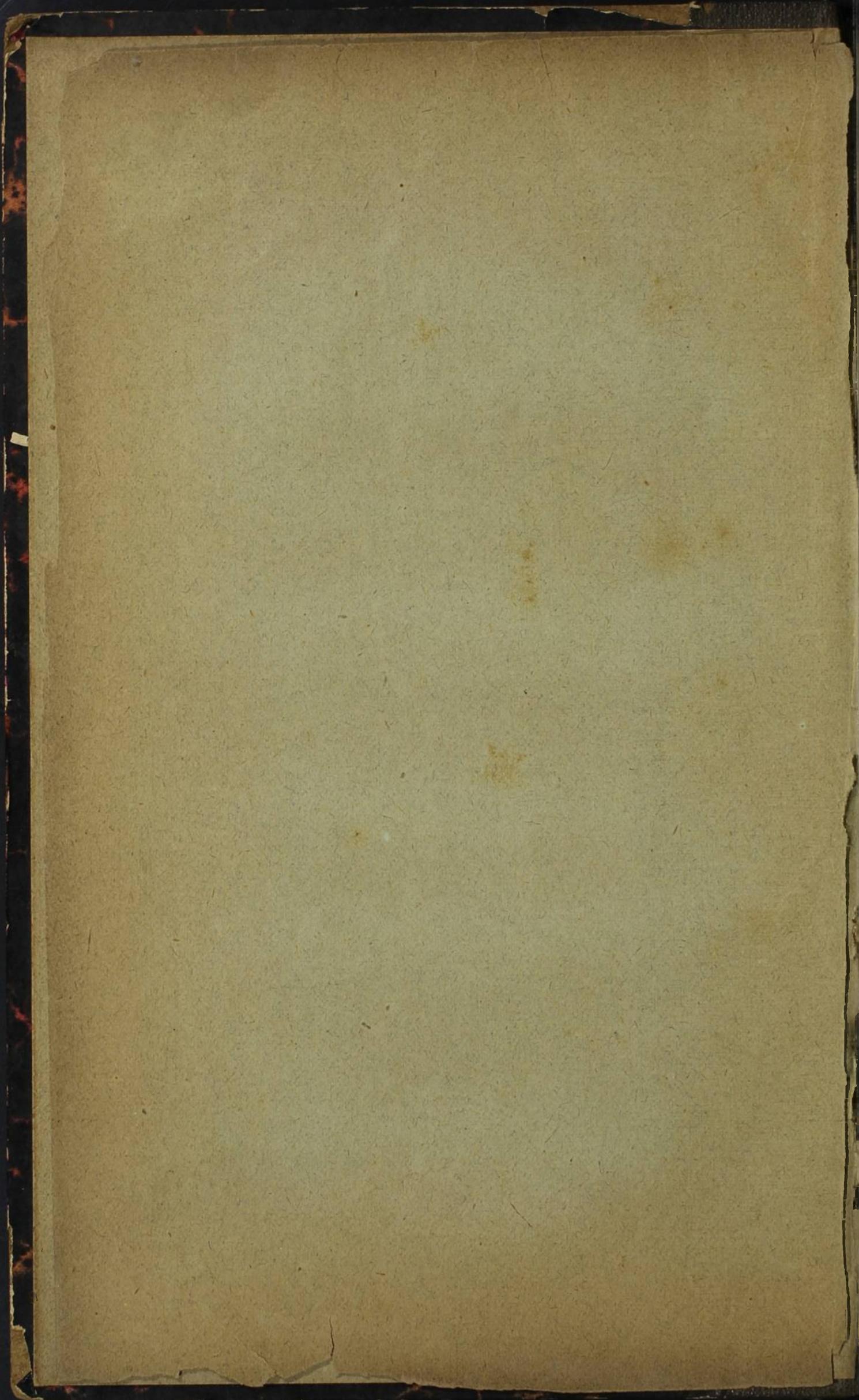
m

Je ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

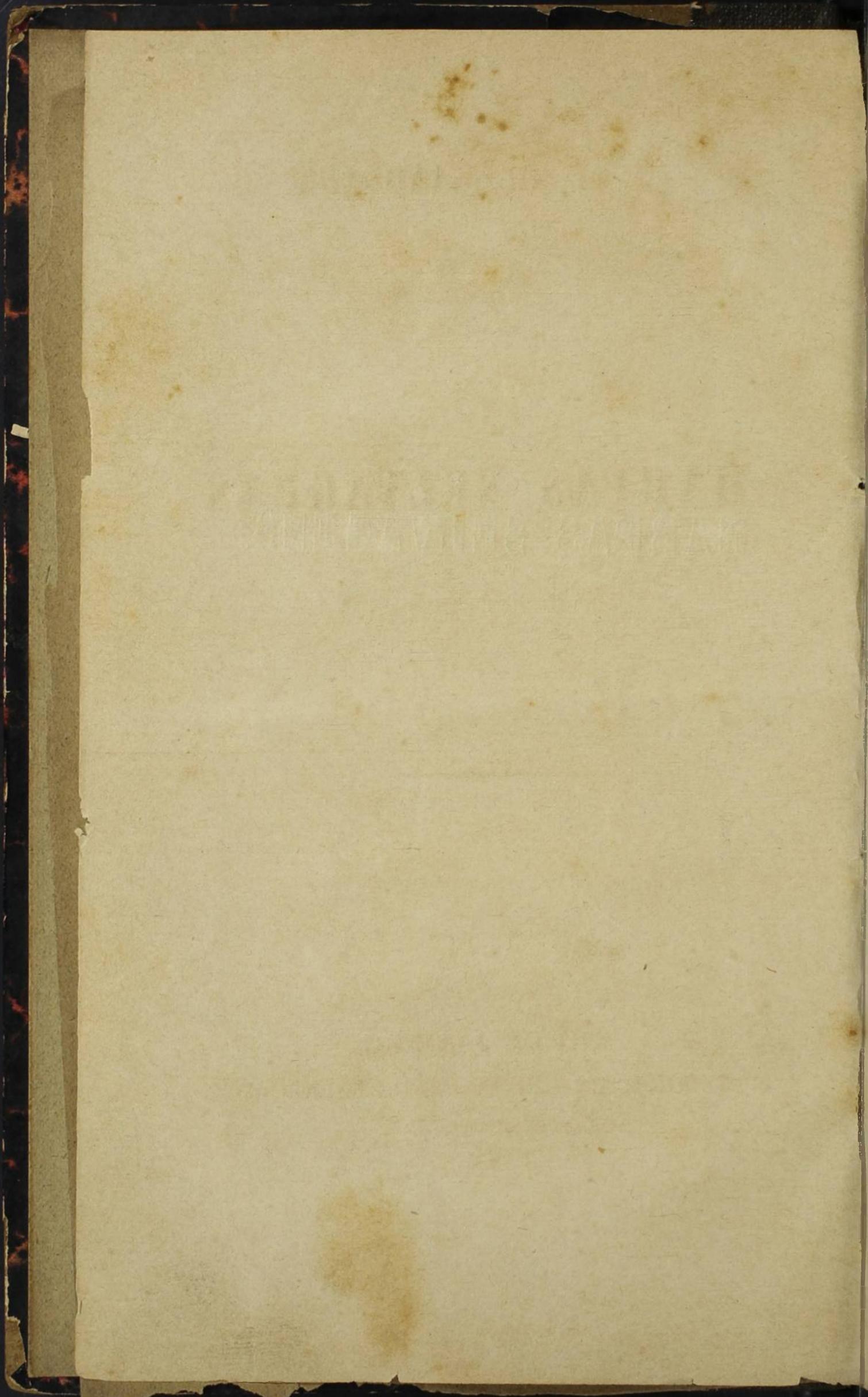
*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin





**HARPAS SELVAGENS.**



**J. DE SOUZA-ANDRADE**

---

**HARPAS SELVAGENS**



**RIO DE JANEIRO**

**TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE LAEMMERT**

Rua dos Invalidos , 61 B.

1857

REAR COVER

41

REAR COVER

REAR COVER

REAR COVER

# ESTANCIAS

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

PHYSICS DEPARTMENT

PHYSICS DEPARTMENT

# HARPAS SELVAGENS.



## I

### DESESPERANÇA.

O' tarde dos meus dias!  
O' noite da minha alma!...  
A vida era tão calma  
Aqui na solidão!  
    O' rio, que corrias,  
    Tuas aguas vão seccar....  
    Á flor no seu murchar  
    Que importa a viração?

O' sol da minha infancia,  
Que valem-me os teus raios?  
A lua em seus desmaios  
Um tumulto embranquece.  
    E tu, que na distancia  
    Me déste a vida e a dôr...  
    Eu sinto — a esp'rança, o amor  
    Meu peito não aquece.

E eu que sonhei tanto!  
E eu que tanto via  
No longe d'algum dia  
A vida apparecer....

No rio do meu pranto  
Meus annos vão passando:  
Assento-me, esperando  
O meu triste morrer.

Assim, rapidas flores,  
Donzellas da manhã,  
Sem terdes amanhã  
Nas limpidas capellas,

Passais; vão-se os amores  
E o hymno da belleza:  
Nem deu-me a natureza  
Um dia! assim como ellas.

Divago os olhos lentos  
Do plano ao monte, aos céos:  
Eu lá vejo um só Deos,  
Em Deos sómente o amor;

Aqui... levão-me os ventos...  
Eu nada tenho... sorte!  
No cume eu vejo a morte,  
Nos valles morta a flor.

A mim pranto e saudade,  
A mim funebre exilio,  
Cantando umbroso idyllio  
Da morte á sombra fria:

Em pallida orfandade  
As dôres me acabárão  
Miserias me embalárão  
Nos berços da agonia.

Adeos... palma, que ouvias  
Minha harpa á sombra tua:  
Tu és a voz que é sua,  
Eu sou tua criação.

O' tarde dos meus dias!  
O' noite da minha alma!...  
A vida era tão calma  
Em paz na solidão!

Adeos á doce vida,  
Adeos á rosea esp'rança  
E o céo! que era bonança  
Cobrindo o campo e o lar;

Adeos, terra querida!  
Adeos, formosa infante!  
Por ti, no mundo errante,  
De novo eu corro o mar.

**II****HYMNO.**

À liberdade os cantos !  
A filha destes céos,  
A filha do meu Deus  
E minha irmã do peito,  
Meus sonhos do meu leito,  
Dos valles minha flor,  
Da vida o meu amor :  
O' doce liberdade,  
Imagem da verdade  
Dos meus altares santos !

Na tua divindade  
Os astros nos parecem  
Que pelos montes descem ;  
O mar sóbe o rochedo ;  
Os ventos o arvoredó  
Diceras transportar ;  
A fonte a suspirar  
Se perde na soidão :  
Quem vibra o coração  
Tu és, ó liberdade !

Ainda na saudade  
Da patria, na distancia  
Ês tu que dás constancia,  
Que fazes tanto amar  
O sol, o campo e o lar!  
O indio prisioneiro  
Não teme o cativoiro,  
Nem chora por ser vivo  
O timido cativo  
Chorando a liberdade...

Coitada philomella  
Seu canto desfigura  
Tirada da espessura:  
Qual perde o murmurio  
Mudado o leito o rio:  
Tambem a còr perderas,  
Em tiras te fizeras...  
E o mar que tens na face,  
Que embebe um sol que nasce,  
Foi só cadente estrella!

E o sol que do arvoredó  
Crescia docemente  
Raiando resplandente,  
Por Deos despedaçado  
No espaço foi lançado!  
E o mundo todo em trévas,  
Confuso o tronco e as hervas,

Os mares e o ribeiro  
Em negro paradeiro,  
Cahio monte e penedo!

E quando um astro novo  
Viesse duvidando  
Em vez do sol andando,  
A vaga n'outros climas,  
O céu por outras cimas  
A desdobrar-se achara:  
Tremera e se apagara!  
Uns campos e outro monte  
Já fórma outro horizonte,  
E a lingua é d'outro povo ...

Virente-aurea bandeira,  
Eu chóro assim te olhando  
No ar desenrolando:  
A virgem d'innocente  
Ouvio o homem que mente:  
Enleia-te ao pendão,  
És morto coração:  
A raça está perdida;  
Nem fôra denegrída  
Não sendo brasileira ...

Dos labios creadores  
E a fronte, ó liberdade,  
Tu foste a claridade  
Que o astro edificou,  
Nossa alma irradiou:

À crença tu me elevas  
Na voz do vento e as selvas ;  
Me levão nesta vida,  
Qual ave ao céo perdida,  
Os teus, os teus amores !

Bella arvore da gloria,  
Teus frutos já pendêrão,  
Teus filhos já murrêrão :  
Apenas á tua sombra,  
Tão rota, e qu'inda assombra,  
Á morte se arrastando,  
Teu nome estrebuxando  
Os vejo ! indifferentes  
Á terra e o Deos ; descrentes  
Rompendo a vil memoria . . .

E d'aguia ensanguentada  
Nas serras, pelo abysmo  
Gemendo ao despotismo,  
O' victima piedosa,  
Á voz baça e ruinosa  
Diceste á eternidade  
O adeos ! não ha verdade,  
Razão, virtude, amor,  
Nos campos não ha flor  
Ás mãos da foice afiada.

O' mãe da humanidade,  
O' raio de meu Deos,  
Oh! lança-te dos céos,  
Que o gelo se desfaça!  
Teu echo em plena praça  
Desdobre a palma de ouro  
Por entre o verde louro!  
— Ao peso de sua dôr  
A força caia, horror!  
Aos pés da liberdade.

Caudal açoita o rio  
O mar, n'alta corrente;  
E o mar, que é mais potente,  
Rugio — ás cabeceiras  
Reflue pelas balseiras:  
Assim quebrem-se os ferros  
Do despotismo d'eros  
Nos infernaes altares!  
Repousa nos palmares,  
O' livre sol d'estio.

**III****AO SOL.**

Ἡμέρας ῥόδον , ἔγειρε!

Timida e bella e taciturna virgem  
Pelos campos, na zona solitaria,  
Do mar no isolamento, lá do azul  
Banhando a terra de uma lua argentea,  
Á matinada sobressalta e foge:  
Chama aos seios o manto, os pés retira  
Da terra e vôa, descobrindo os bosques  
Que estremecem, do monte a sombra arranca,  
Toma á pressa os vestidos que vão soltos  
E as grinaldas d'estrellas, fugitiva.  
Roda o plaustro de um principe, os cavallos  
Vem nevados nos valles do oriente;  
Cobre os ares a poeira do caminho  
Alva como o pó d'agua; se arrepião  
No ninho as aves desatando o bico;  
Brisa fresca e geral passa acordando  
Os vegetaes, o oceano; bellas nuvens  
De marinho coral, nuvens de perola

Como a face de um lago os céos abríão;  
 Estende o collo o passaro cantando  
 Por detrás da palmeira, qual pergunta  
 Aos pastores, ao gado apascentando  
 « Quem faz este rumor? » deslisa o orvalho  
 Na flor, derrama o vento, o vento leva  
 Ondulações d'incenso; a natureza  
 Nas barras da manhã respira amores:  
 A noiva docemente bocejando  
 N'alva da noite da esperança longa  
 Embalada nos berços conjugaes.

---

Sol! idéa de meu Deos, me aquenta  
 Gelada a fronte pallida, sulcada  
 Do scepticismo horrendo; sol, m'inspira  
 Um cantico de paz, que a musa afeita  
 Neste cantar selvagem, rude, asperrimo,  
 Que o temporal da sorte ao peito ensina,  
 Como ao rochedo a vaga, ao monte o raio,  
 Como a torrente ás sombras da espessura,  
 Duro golpe ao carvalho, ave enfezada  
 Jámais cantou de amor: abrio-me a bocca  
 Esta sede eternal, que eu mesmo ignoro,  
 De um desejar.... que secca-me a existencia,  
 Que minha alma lacera, como ao peso  
 D'um africo samoun sem fim rolando!

---

Abre um lado da abobada celeste,  
 Amostra o rosto, só, centóclo e bello,

Rege de lá seu mundo: apaga os círios  
Do seu altar da noite; arrasta a nuvem  
E embalança nos ares, sombreando  
O valle do pastor e das boninas;  
Encarna de mil côres o arvoredó;  
Pousa um raio na petala das flores  
Como virgens abrindo alegremente;  
Espalha almo chuveiro. Sol! ó sol,  
Deos dos meus olhos, meu caminho franco  
À unidade invisivel, me suspende  
Deste lodo da terra onde hei manchado  
A alma de meu Deos! rios, montanhas,  
Levantai minha voz; aves, favonios,  
Não pergunteis que nasce de alegria  
Em vosso seio que vos move os echos:  
Cantai, cantai de amor, subi louvores,  
Batei as azas, penetrai os ventos:  
È nosso pai! enchendo os nossos campos  
Da terra de mil dons; as nossas veias,  
Como do pensamento Deos nossa alma,  
Banha de sangue e vida. A borboleta  
Sobre as folhas dormindo, a agua passando,  
À beira da corrente, a ti se eleva  
Em turbilhões de luzes centelhando,  
Deslaçando seus vôos, que um raio fura  
De cada vez que brilha, matizado  
Do pó das azas d'iris; a velhice  
Arrasta a ti seus passos; minha vista  
Amo cobrir de lagrymas te olhando,  
Fallar contigo, consultar-te o que és:

Embora a minha voz nos teus fulgores  
 Tu percas desdenhoso, e não respondas.

Quantas vezes passava a contemplar-te  
 Solitario no mar! sem pai nem mãe,  
 Teus raios ensopei com minhas lagrymas,  
 Que os teus raios seccárão: então contigo  
 Sómente e o mar, meu pensamento errava  
 Ante os meus olhos, mas sem ver abertos,  
 Nem despertava me roçando a fronte.  
 Amigos mendiguei, meu peito aos homens,  
 Meus braços, minha fronte, abrí minha alma:  
 Como os homens vi rindo-me um momento!  
 Me odeiavão depois, logo amanhã:  
 Outros buscava; mas, as mesmas ondas  
 Do mesmo oceano mentiroso e amargo;  
 Corri terras em fóra e passei mares,  
 Ví novos climas—sempre os mesmos homens!  
 Nem um só!... nem um só achei que o nome  
 Santo de amigo merecesse ao menos!  
 Ah! se um ente nascera, que eu amasse  
 Deste amor todo que meu peito espaça!  
 . . . . .  
 Sublime erupção, nasceu minha alma!  
 . . . . .  
 Desde então, na descrença resequido  
 Murchou, cahio meu coração, e os homens,  
 Que minh'alma tão rude calcinárão,  
 Nunca mais pude amar.... vou solitario  
 Pelas praias sombrias da existencia.

Às vezes recostado n'um penhasco,  
A minha criação faço ideal:  
Fórmoo um côro de virgens de annos d'hontem  
Nuas e puras; me rodeão, cantão,  
Eu adormeço.... mas, desperto, rujo!  
Tu, deos immovel, subalterno, seiva,  
Despertador da terra, ergues meus sonhos,  
Material hyperbole dos céos!  
Mentira, ou não sei que vejo em sua frente  
Que não entendo, e me repugna.... eu fujo  
Às minhas solidões, não posso amá-los:  
Ah! se eu pudesse, bem feliz que eu fôra!  
— Mesmo de um Deos descri.... perdão, Senhor!  
E mirrado na dôr, pelos desertos  
Buscava sombra: — as arvores murchavão,  
Desfolhavão! da frente que eu sostinha  
Descançar pelo collo de seus troncos,  
Tocar meus pés sua leiva! exposto ao clima,  
O sol fendeu-me o dorso, como açoite  
Da Providencia, e amei p'ra sempre o sol.

---

O' tu, dia primeiro, em que no espaço  
A fogueira de ouro o sopro eterno  
Accendeu: quando a terra estremecia  
Em pasmo se revendo, e tudo em vozes  
Naturalmente! O' tu, dia vindouro,  
Em que a mão, que a erguen, desça apagá-la—  
Que bella scena! quanto denso fumo  
Não ha de se exhalar d'entre os seus dedos,  
Da tocha immensa no morrer! quizera

Sentir ranger meus ossos, perturbar-me  
Nessa emoção de horror! vêr-te apagando,  
Qual vêr-te ao mundo vindo, eu só quizera  
Esses dous dias vida, entre elles morte.  
Sol esplendido e bello! deos visivel!  
Tu, corpo do meu Deos, queima o meu corpo;  
Vá minh'alma á tua alma, ao Deos sómente!

---

Silencio. Passa o vento em meus ouvidos,  
« Emmudece! » disserão-me: quem foi?...  
Rios, montanhas, incolas do bosque,  
Cegos nascemos, meus irmãos da morte,  
Sem saber quem nós somos, onde vamos....  
Para cantar?... Cantemos harmonias  
Ao sol que se levanta do arvoredado,  
Lá das terras de além, fruto d'estio:  
Enchamos nossos olhos de seus raios,  
Nosso peito de fé — Deos é mais longe!

---

**IV****TE DEUM LAUDAMUS.**

Et ego, et terra, mareque  
Cœlumque, tibi canticum damus!

Já longe de mim vai comprida a margem  
Da infancia feliz: navego ao largo,  
Da barca ao leme; os gonzos ferrugentos  
Rangendo são custosos menêados  
Pelo meu braço que os tufões cançaráo.  
Na pesada corrente eu vou descendo,  
A brisa vôa fresca, azul o céu;  
Balança, entesa ou bate o panno eburneo,  
Conforme a direcção; n'alta ribeira  
Ondulações sonoras levantando  
Indolente e penosa a vaga adunca  
Arruinada em pedras, na fragura,  
Na costa, no rochedo. Agora eu canto.  
Os rios que desaguam se entorpecem;  
A nuvem desce mais dos céos de seda,  
Vem suspensa escutar-me; acalma o vento,  
Cahida véla; fóra d'agua os peixes  
O dorso ondêão; mudamente alcyone  
Do humido ninho serpentêa o collo;

Distante a voz do mar, distantes praias  
Sobre si mesmas desterrando vão-se;  
Acceleradas sombras das palmeiras  
As seguem para o extremo, as cumiadas  
As sombras deitão para trás da serra,  
Que cobrião-lhe o rosto: é amplo o berço!  
Calada a natureza espera em torno  
Minha voz responder. Agora eu canto:

« Meu Senhor Omnipotente!  
Minha harpa, as harpas do monte,  
Do rio caudal e a fonte,  
Librada a nuvem nos ares,  
Perante ethereos altares  
Se humilhárão. Santo! Santo!

Deos immenso! eterno sopra  
Os labios teus fecundárão:  
Os céos de sóes s'estrellárão,  
Sobre os sóes outros céos vão:  
Nasce o mundo, a criação  
Nasce, e canta. Santo! Santo!

Cheio o vacuo, o espaço ondula  
Do infinito; retumbante  
Geme o cháos, e palpitante  
Começa brilhar, viver,  
Contemplar-se, estremecer,  
Rugir de horror! Santo! Santo!

E nos ventos, e nas ondas,  
No universo equilibrado,  
Harmonioso, animado,  
E n'um atomo da terra,  
N'uma flôr, penedo ou serra  
Teu nome está. Santo! Santo!

Echo infindo envolve o mundo  
Infindo se renovando:  
Hontem vi-me alevantando,  
Hoje me vejo a cantar,  
Amanhã no meu logar  
Talvez serei... Santo! Santo!

Ande o mar lambendo a arêa  
Manso e calmo e deleitoso,  
Ou se estorça procelloso  
Cortado da ventania,  
O mar teu nome dizia,  
Dí-lo ainda. Santo! Santo!

Vezes quando o filho ingrato  
Sobre o pó dorme indolente,  
E renegado ou descrente  
Não te vê na doce esp'rança,  
Vingativo e sem bonança  
Deixa os leitos. Santo! Santo!

Erre a lua em brancas noites,  
Doire o sol rubras celagens;  
Estas montanhas selvagens,  
Estas compridas palmeiras  
Cantando pelas ribeiras,  
Dão louvores. Santo! Santo!

Meu Senhor Omnipotente!  
Senhor Deus da criação!  
Escuto o meu coração,  
Verguem-se os cumes do céu,  
Queime o raio o azul do véo —  
Repetirão! Santo! Santo!

Santo! Santo! Deus dos astros,  
Que lá no Horeb Adonai,  
O rubo cercar-te vai  
Em flammas de um fogo innato,  
Camadas de um fumo grato  
Circulando! Santo! Santo!

---

Me obedecêrão: pelos céos um côro  
Vai ondulando d'encantados orgãos —  
A voz dos animaes, dos elementos,  
Das plantas o meu cantico entôando.

---

« Tu, que enriqueces  
Abrahão nos desertos,

Que livras da infamia  
Moysés e Jacob ;  
Que fazes David  
Sonhar o Messias,  
Que o nome estremece,  
Destróe reis soberbos,  
Suas aguas que desce  
Remonta o Jordão,  
Suas altas muralhas  
Desfaz Jericó  
Aos olhos immoveis  
Do sol suspendido  
Nas mãos do Josué —  
Teus filhos encontra  
Na ingratição!

No paraiso esquecem  
Teu preceito: as feras  
Fraternaes, tão mansas,  
Inimigas são;  
Venenoso insecto  
Os consome; os prados  
Murchão como o sol!  
Já cidades vingão,  
Se corrompem, morrem  
Do diluvio aos pés.  
No céo arco de rosas  
Traçou nova alliança,  
E novas plantas nascem.  
Balthazar soberbo

No festim ruidoso  
 Lá profana os vasos  
 De Jerusalem:  
 Da tua mão de fogo  
 Pelo muro errante  
 Daniel amostra  
 As impressões fataes  
 Ao assombrado cónviva:  
 Deslocou-se o Euphrates!  
 Babylonia préão  
 Rubras mãos de Cyro!

Amavas Israel,  
 A idolatria a ruina;  
 Rainha que levantas,  
 Tambem perdes Judá!...  
 — Meu Deos, tão grande que és  
 A terra que não sente  
 Ignora-te, e sorri!  
 — Nos seios te comprehendo,  
 Tua gloria me engrandece,  
 Tu és minh'alma, ó Deos!  
 Minh'alma um reino teu. »

---

No firmamento os ares se embalarão;  
 Removidas as margens se approximão;  
 Salta o peixe no mar, desprende alcyone  
 Atado o longo bico e já revôa;  
 A barca móbil nas argenteas azas  
 Pelas correntes liquidas se alegra.

---

## V

## A LEGENDA.

« Onde vais? perturbado no semblante,  
Da sombra de ti mesmo perseguido!  
O que entre os dedos te reluz mal preso  
Na mão se ennegrecendo, ó desleal?  
Não ouves um gemido lá no monte?  
O Christo é quem suspira... e porque foges?... »  
Perguntava o plebeu d'asco. O discípulo  
Treme, seus olhos se desconcertarão.  
A exalação de um beijo nos seus labios  
Inda fazia nuvens: e maldisse  
Abominosa venda... oiro fatal!  
— Lava Pontius suas mãos nas mãos da esposa,  
« Tu disseste que eu sou » dizendo o justo:  
Então ringio-lhe o coração do crime,  
E de remorsos afrouxando os braços,  
O templo resôou d'argenteas moles  
Os pés rodeando de Caiphaz: « sanguineas,  
A córbona as não quer, aos peregrinos  
Sanguineos campos d'Haceldama comprem. »  
— E no outro dia um'arvore encontrou-se  
Estendida no chão, fogo nem tinha,  
E em cinzas desfazia-se fumante!

---

Gemia o Nazareno ao longo açoite  
 Do phariseu. Chorava o caro Pedro  
 Quando o gallo cantou: negar trez vezes  
 O rei de Galiléa! — em nardos — triste,  
 As oliveiras do horto entristecendo  
 E as torvas aguas que de ouvi-lo voltão.

---

O sonho confirmou-se dos prophetas:  
 O que viste morrendo era o Messias!

---

Fallava Jeremias inspirado —  
 Sábias revelações: « Caim primeiro  
 Invejou, foi traidor: dinheiros vís  
 Do primeiro assassino a terra os veja  
 Cometa errante despertando longe,  
 Longe, e fazê-la estremecer de assombro  
 Cada vez que gemerem malfadadas  
 Entroncadas irmãas no cofre impuro:

D'igneo facho perseguido,  
 Abre as mãos o irmão d'Abel,  
 Vendidos serão d'escravos  
 Tristes filhos d'Israel;

Vendido verão d'infamia  
 Sagrado, puro Messias!  
 Muitos sóes hão de turbar-se... »  
 Porém, calou Jeremias.

Como ao chefe poderoso,  
Fatal á bella Orleans,  
Como ao rude pegureiro,  
Como ás rosas cortezãs!

E quantas vezes nas grutas  
Não verás teu coração,  
Como do demonio oppresso,  
Sacodir-te a vibração?..

Recolhe sobre o teu peito  
Puras virgens argentias;  
Maculado nunca o oiro  
Fatal a dôr do Messias.

---

Quasi ao sol posto, nos logares santos  
Romeiro velho entrou, de pó coberto;  
E de fóra uma voz se ouviu correndo  
Entre soluços por historia longa:  
« Vês, filha minha, aquella cruz pendente?  
Ali gemeu profundo, doce e manso;  
Aqui por estas naves assombrosas,  
Açoitado de varas... arrastado...  
Suores rubros derramou Jesus!  
Estas paredes salpicadas, negras,  
Sedenta a terra que pisavão monstros  
Ensanguentou de pranto... e roto o corpo  
De lançadas crueis... desfallecia  
Da lagrimosa mãi nos castos braços,

Que a fronte beija que os judeos cuspirão!  
Fugirão seus discipulos; a preço  
Seus vestidos os cães dilacerarão!..  
Ali a fenda pavorosa, escura  
Onde os supplicios uma vez descansão —  
Calix amargo de azedado fél,  
C'rôa tecida d'espinhosa vime...  
Inda este vento que na cruz se enlêa  
—Meu Deos! meu Deos! porque me abandonaste?—  
Parece repetir, como se o lenho  
Nessa voz eternal fundido fôra:  
Dentro ainda de um sol vejo uma fronte,  
E dentro della uns olhos de piedade!..  
O céo trez horas s'envolveu de sombra;  
Do dia a nona o véo do templo rasga,  
Como o raio divide a noite densa,  
E cahio trovejando em duas partes;  
Tremeu a terra e se fendêrão as pedras!  
Erguem-se os mortos que dormião, correm  
Novos viventes visitar seus lares!  
Sobre esta rocha deslocada um anjo  
De semblante de luz, de argenteas vestias  
Assentou-se, e de um braço tão nevado  
O caminho apontou de Galiléa  
Sorrindo á lamentosa Magdalena,  
Que chora de prazer compridos dias,  
Encarnada visão doirando as nuvens... »

---

Ia fallando como o vento grosso  
Na matta, a filha pela mão, que ouvia

Movida e terna o compassar prophético:  
Na garganta gelou sua voz dorida,  
Choro rouco vertendo: era tão triste,  
Do passo tactêando, os olhos cheios,  
Uma entrada por onde elle sahisse!  
Os échos descahião das ruinas,  
Entre os pés dellas repousarão lentos.  
— Santos sepulchros! perennal socego,  
Mysteriosa paz, soidão profunda  
Suspensa em sombras — qual vapor, deixando  
Levantar-se a verdade, nua e bella!  
Que não em cónos de loquace fama.

---

Onde vais, pobre donzella?  
« Ah, senhor, meu pai morreu!... »  
A todos ella abraçava,  
Corria louca e gritava:  
« Vêde a luz! a luz é bella...  
Mas a orphã desgraçada  
Hoje só por essa estrada...  
Ah! senhor, meu pai morreu... »

---

A rouxidão do occaso apenas dava  
Pelas montanhas da cidade santa:  
E n'um silencio pensativo o velho,  
Como o que a noite faz subindo os astros,  
Descançou n'uma lasca da ruina;  
Lavada do crepusc'lo a fronte calva,

Ermo rochedo que as escumas cercão,  
Nos hombros virginaes da filha amada  
Um pouco recostando adormecia...  
E meiga infante com seus dedos roseos  
Das faces lhe tirava os regos d'agua.  
— Da noite a brisa se alevanta e verte  
Das suas azas em torno della o somno:  
Córos celestiaes cantando ouvia  
Em seraphica voz n'um sonho vago,  
Quando ao seu grito despertou: d'aurora  
Innundada — e seu pai buscava em vão!...

---

Inda alguns dias, nessas mesmas horas,  
O clarão boreal se apresentava;  
Formado a pouco e pouco, e se extinguindo  
Tão docemente. Nem noticias houve  
Mais da pobre filhinha que o guiava.

---

## VI

## A HECTICA.

De amor e goso, ella vai morrer;  
apenas a laranjeira da vida começava  
abrir-lhe a vigesima-nona flôr: suas  
folhas crestárão no viço, a seiva não  
circula mais. . . mulher!

Nascer hontem, morrer amanhã,  
Um só dia na vida existir,  
Hoje só! como a flôr da romã,  
Ver sua petala rubra cahir:

Mariposa das noites mimosa,  
Vendo a aurora na bella candêa,  
Sobresalta ao nascer, e amorosa  
Seu encanto sua morte incendêa:

Alvo pó de suas azas trementes,  
Todo o corpo em amor desfazendo;  
Olhos grandes de Venus humentes  
Inda bellos de morte languendo,

Inda amores pedindo famintos  
No pesado levar derradeiro  
Ou cahindo, qual lampada extinctos  
Se envolvendo no crepe agoureiro:

Mulher! tu não vieste sobre a terra  
Para a impura existencia: nessa idade  
D'infantes annos, folha tenra e verde  
Lançada pelo vento sobre o tumulo,  
Contrahida e mirrada. Ignorante,  
Que de ti tu não sabes.... Providencia!  
Que ao menos morres sem sabê-lo ainda.  
Soffrega, accesa, devorando amores  
Sem temperança, n'um só golpe o calix,  
Derramando d'excesso e de offegante,  
Acabastê-o, cahiste embriagada,  
Voluptuosa; n'um suspiro longo  
O veneno tomou-te. E tu nem pensas  
Porque medrosa e tremula palpitas;  
Porque batem tuas fontes, fugitiva,  
Inconstante te abraças toda inquieta  
Co'os frios braços de marfim; e as tranças  
Desdobradas pendurão-se em teu corpo:  
Anhelante, frenetica, demente  
De um gosar.... que não ha nem é da terra:  
Fusão terrivel do inferno e o céu!  
Seccos labios em fogo e os olhos humidos  
Lampejando fugaces.... E eu maldigo  
De minha vez o amor! o amor, que é vida.  
Mulher, anjo celeste que minha alma  
Toda abranges n'um riso, ó meus amores!  
Não tu, que me ouves: eu te choro, sim,  
Com piedade sincera e dôr que sangra;  
Mas sobre os teus meus labios nem meu peito  
Não se alimentão, não: mulher sem mancha,

Bella e simples, mulher como eu comprehendo,  
Anjo, irmãa, doce esposa e mãe do homem,  
Seu amor e ideal, com essa eu fallo.  
O' desespero, ó fado! e sempre, e sempre  
Nessa quéda abysmosa! lindo fruto  
Da manhã suspendido á florea coma  
Que a borrasca fatal, que a mente accende,  
Agita e lança ao pó: cobre-o a poeira,  
Pasto dos bichos, apodrece e acaba!  
E o mundo todo escarnecendo della,  
Sua victima, se o brilho a côr apaga  
E as faces murchão. Então passa mendiga;  
E os homens que de amor hontem nutrira,  
Que em seus labios ardêrão, desdenhosos  
Cospem-lhe a fronte! e na miseria some.  
Amor material d'immundas victimas,  
Nada tens de commum com os meus amores!

---

O' sorte da mulher, destino horrendo  
Se apascentando em casta virgindade,  
Tigre tão farto! e descansar nem sabe  
Do candido rebanho todo avaro  
Matar — sómente o sangue bebe e a boca  
Ama eterna em cruor banhada, e dorme!  
Sem vida o coração, pisado o corpo,  
Arido e vil bagaço agora o deixa  
Sobre os campos aos corvos, á immundicia.  
O' sorte da mulher! Anjo coitado,  
Sem azas, sem vôar.... quem fez-te assim?

---

E' tua vida sómente o despontar,  
Quando longe do amor o peito dorme  
D'echos vasio do estrondar das veias,  
Que vão sombrias, e os sentidos livres  
Innocente se expandem, como esta arvore:  
Na face o fresco virginal, e os olhos  
Cheios de humor de luz; é flôr abrindo  
Toda perfumes, nitidez e côres,  
Que os insectos rodêão — não na toquem!  
Toda doçura e mansidão, agora  
Toda selvagem, d'infantis cruezas,  
D'inconstancia infantil; ora piedosa,  
Toda um riso e brincar, toda esquivança,  
Vergontea ao vento, singeleza toda —  
Foi sua vida em botão. E o vento sopra:  
E mais forte a vergontea já resiste,  
Para o breve estalar.... e sopra o vento:  
E já n'alma lhe ancêa amor; seus olhos,  
Seu coração, suas veias, todo o corpo  
Emboborado em amor, o calix pende,  
A flôr abre — ai, coitada, o fim 'stá proximo,  
As folhas pelo chão vão-se perder....  
— Se queres ser feliz, amor não queirás:  
Mas onde ha vida quando amor não ha?  
Antes a morte.... ou ama eternamente,  
E nem te illudas porque não viveste....  
A vida toda está no fugir della.

---

E o homem ruge contra ti d'impura,  
Com voz do temporal. Homem malvado,

Nojosa, immunda criação da terra,  
Tu, fraco seductor, monstro fallaz,  
Porque de joelhos lhe beijaste os pés?  
Donde veio-te a falla tão sonora,  
Que em balido amoroso a ovelha arrasta,  
Branca, indecisa da existencia ao tumulo?  
Donde veio-te o pranto, mentiroso?...  
E a pobre crente, que tu dizes, finges  
Ella o teu deos que teus designios rege,  
Arrancou-te da morte, e triumphante,  
Em seus delirios natural perdida,  
Geme em teus braços.... Pallida desperta,  
Solitaria se achou! espalha a vista  
De si em torno, em solidões vasias,  
E rompe fundos ais! ninguem a entende.  
Baço medo escorreu-se-lhe no corpo;  
Vestio-se de mortalha, á terra, e só!  
Longos adeoses, porém tarde, expira.  
E o homem? como ave ensanguentada  
Da rapina nocturna alça o seu canto,  
Nem olha para trás fugindo — a infame.  
Oh! não te rias da pobreza sua:  
Fraca e amante, que grandezas d'alma  
Humana e franca! Bruto, que a calcaste  
Às plantas vis, demonio dos infernos!

Lisboa.

## VII

A \*\*\*

Tu não és como a arabe infante  
Encantada no branco corsel  
Nos desertos d'arêa brilhante,  
Aurea adága no cinto de anel,  
Ou na doce cabilda—ondulante  
Nos amores de louro donzel ;

Nos floridos kiosques saltando,  
Ou n'ogiva fumosa a dormir,  
Cousas d'Asia amorosa sonhando,  
Que sonhadas se fazem sentir :  
Tu não és como a arabe—amando  
Tens no rosto mais santo sorrir !

Nem semelha-te a rútila estrella,  
Nem as ondas douradas do mar,  
Nem a flôr mais esplendida e bella ;  
Terra e céo não te sabe imitar :  
Brilha uns olhos de bronze a donzella,  
Docemente te vejo a me olhar.

**VIII****VISÕES.**

Oui, mademoiselle, adieu...  
adieu pour toujours.

Sim, donzella, te amei, victima pobre  
Dos caprichos do homem vão do mundo :  
Minha falla escutaste, a voz sonora  
Dos labios teus brandio lá na minha alma,  
Tanto dentro a calar e tão suave...  
Mas, um momento : esvaecia aragem  
Pelos sinos da torre que dormião,  
E passou. Indeciso inda o silencio  
Estava e bello, quando estala o raio :  
Candidos seios virginaes tremêrão,  
Sensitiva mimosa se fechava :  
Formosa luz do sol se esverdeando  
Por frescos ramos de frondoso estio,  
Que a nuvem tólda, que o tufão desloca.  
— Uns olhos infernaes, blasfemia a bocca  
Latio damnosa contra ti, ó deoses !  
Nem tu mesma o sabias, d'innocente  
E descuidada amando, os sentimentos  
De flôres pela morte assim te davão.

Fizerão-te saber que era de amores  
Que vermelha te vias, tão vaidosa,  
O pensamento meu, no fundo espelho  
A radiar de formosura e encanto  
Passando, te enlevando, ora assaltada  
Quando o sangue alterado refluía  
Envenenado ao coração : me vendo,  
Que tu amavas para sempre o creste.  
Eras como avesinha que ás primeiras  
Ondas do sol sacóde e estende as azas.  
Ah, que o mesmo nascer dessa manhã  
Foi pôr do sol do amor, ambos morremos !  
Já foges diante mim, teus olhos bellos  
Sobre os meus, vergonhosos já se apagam  
Em mudo prantear do que passou-se.

---

Sua cabeça me encostou no peito  
Namorado, sua nuvem de cabellos  
D'ambrosiadas noites na montanha  
Despejou nestes hombros longos crespos !  
Cheirosa e pura, como os lirios são  
No vaporoso e candido crepusculo  
Do luar da lua — respirei, por nuvens,  
O corpo seu de vaga suspirando.  
Eu vi fundido um seculo n'uma hora !  
E hoje as horas seculares sinto  
Se desencadeando dos meus dias...

---

Soluçaste, ovelhinha mansa, ouvindo  
O tronco de que és fructo á ventania

Rugir horrendo e máu : « amores vis,  
Amor de poeta nos teus seios, louca !  
Vaga criança, ou foga a lyra torpe,  
Ou de teu pai e a côrte abandonada...  
E os teus paços doirados, e esse mundo  
Que luminoso te rodêa ? oh, crime !  
A filha da riqueza amando o artista  
Que vive d'illusões ! sonhar, que vale ?  
Seus cofres de papel sómente aos vermes  
Estão cheios, bem como os raios vergão  
De seus armarios de volumes aridos  
Dos outros seus irmãos, que assim viverão.  
Raça de loucos, pobres e orgulhosos,  
Formando uma familia e sós se amando,  
Porque só uma sorte é para todos  
Em todo o tempo; voão pelas nuvens,  
Leves como ellas : nós de ouro brilhantes,  
Equilibrio da terra, o céu gozamos !... »

---

Porém, tu, innocente, sim, perdoa :  
Lancei odio a teu pai; quiz dentro em mim  
Romper as leis da natureza, odiando-te !  
À voz do pensamento eu vi minh'alma  
Cahir de horror ! morrendo nos meus pés !  
Eu pisei-a ! e sorri-me, de tão fraca....  
Ai tu, que me fizeste ? amar sómente,  
E o homem ingrato te maldice, anjo !

---

E hoje, enraivecido, hoje eu te deixo :  
Odeio o mundo, és d'elle. Dá perdão,

Perdão.... ó virgem ! se me amaste um dia,  
E s'inda o pódes: não porque eu mereça :  
Por minha imagem não manchar teu peito :  
Tão puro como o achei respire eterno.

---

Tambem não sei.... não quero ver-te, e morro  
Se penso que esse amor desses treze annos  
Que primeiro por mim sahio-te n'alma  
Como o sol no oriente que esperasse  
Sómente por seu dia inda nas trevas,  
Para á voz do Senhor apresentar-se,  
Tão de hontem falleça a luz das alvas !  
Minha flôr que eu plantei ! orvalho della,  
Zephyro della fui. ... quem que arrancou-te  
Da terra propria, para transplantada  
N'outro clima te dar, onde lá cresças,  
E já planta mais fraca e triste e pallida ?  
Ah ! com que viço o teu amor vingava !  
Ah ! se sómente a mim, donzella, amasses,  
Como feliz tu fôras, ensopando  
N'um só amor tua alma !... Tu, sem crença,  
Impio, assassino, homem, que eu mordera  
Teu sangue ! mas, respeito: delle corre  
Seiva de flôr : a veia torna limpida  
Alveo puro. Cobarde eu fui, ó meiga,  
Pelo mundo fugir, dar-te o desprezo !  
— O Luso como é bello ao deos da sorte  
Vida, amor exhalando ! o Tasso amante,  
Victima assim, os dias seus prolonga  
N'um tumulto que os echos lhe esfriavam

Dos ais doridos, de um ou dous seus passos  
Na terra entrando : Josaphá piedoso,  
Teu pranto vai morrer no lago impuro,  
Estéril ás cidades, e o Sorrento  
Mesmo, viste o Sorrento como as cinzas  
Das prostitutas que cercavão o Asphaltito !  
E o cantor de Marilia, quando os campos  
Suas hervas estremecem de escuta-lo  
Em tão saudoso adeos lá se ausentando,  
Branco touro amoroso das pastagens  
Mugindo aos montes : arrastado o levão  
Pelas torpes correntes da politica  
Gemer em negros climas ! Inda amão  
Todos elles morrendo : eu já não te amo....  
Eu que te amava, e não co'amor de labios :  
Com amor d'alma, em que eu amo angustiar-me,  
Em contracções de morte me exaurindo ;  
Essa paixão de furia ardente, horrivel,  
Que sóe peito de poéta arder sem fim !

---

Dar-te ao mundo, sua filha, por no mundo  
Esmagar-te infeliz, zombar de ti !  
Não sabes, atro cão, que a branca virgem  
D'homem carece para amá-la, e amante  
Doces harpas lhe afine, onde ella passe  
Viva e mimosa á idade que não morre ?...  
Gasta o ouro a mão d'homem, o tempo o marmor  
Faz cahir das cidades, podres fructos,  
Vão-se com o tempo os deoses ; mas a lyra,  
O sec'lo, as gerações passando quvirão

Á eternidade, e o tempo azas nem corta.  
 E ver não temes da innocencia os dias,  
 Longo viver, finados tristemente,  
 Escorrendo das mãos de vil materia,  
 Quantas vezes no vicio mergulhadas?

. . . . .  
 Oh! tu, porque me amaste? e os nobres tantos,  
 Que te incensão de roda, não bastavão?  
 Para que me quizeste, eu longe andando?  
 Foges delles para mim.... Não : emmudece  
 Á pobreza, ao candor : tambem no bosque  
 Deixa a selva frondosa ingenua pomba,  
 Vai no pallido e fraco e humilde ramo  
 Recostar-se e gemer — assim no peito  
 Sonoro e livre, de singela, a virgem  
 Ama abrigar-se e suspirar, morrer.

Que longos dias, dos tão curtos, poucos  
 Dias que eu tenho a percorrer ligeiro  
 As campinas da vida, eu hei perdido  
 Em tua adoração, penosos, tristes!  
 Arreponder-me.... não, que esta existencia  
 Toda minha não vale um teu semblante,  
 Um teu rapido olhar. Quanto me custa  
 A tua ausencia sopesar ainda!  
 Amo ao longe te ver; roçar os muros  
 Que habitas; 'stremecer julgando ouvir-te;  
 Nutrir-me de illusões, de que me nutro,  
 Cantando nas soidões da minha vida,  
 Em humidos suspiros meus amores

Expirando em teu peito; esta saudade  
Que deixaste embalando-me nas lagrimas....

. . . . .  
Eu sou ditoso de perder-te! adeos....

Adeos! perdoa, se inda o podes, virgem!

---

## IX

### O ROUXINOL.

Rouxinol, o que procuras  
Por entre o verde murtinho,  
Por entre a grama cheirosa,  
Por entre as moitas da rosa :  
Procuras acaso o ninho  
Que a torrente deslocou ?

Teu amor inda dormia  
Na ramagem do espinheiro  
Dando á prole almo calor :  
E vais perguntando á flôr,  
Como ás aguas do ribeiro,  
Quem teu ninho te levou.

Teu só possuir no mundo,  
Doces filhos, doce amor,  
Tudo, tudo te acabarão....  
Ai, porque não te matarão  
Essa torrente de horror  
E os gritos do vendaval!

Ora somes na toiceira,  
Ora na pedra musgosa  
E pelas fendas da terra,  
Como quem se desenterra;  
Levantas na voz queixosa  
Teu canto, que diz teu mal.

Denegre a terra tuas pennas,  
Rompe tuas pennas o espinho:  
Não sentes? e vais cantando,  
Teus amores demandando,  
Embora perdido o ninho  
Cheio de fructos de amor.

Vês o sol como refulge  
Depois que a chuva estiou,  
Reflectindo sobre o orvalho  
Pelas folhas do carvalho?  
Nunca o sol não rutilou,  
Quando o peito ancêa a dôr.

Os pimpolhos resplandecem,  
Perfuma a brisa o jasmim :  
Nada sentes, philomela,  
Que no mundo sem tua bella,  
O mundo ledo carnim,  
São trevas nos olhos teus.

Sobre a margem do ribeiro,  
Túmido e torvo correndo,  
Triste e muda a terna amante,  
Desplumada e delirante,  
De tempo em tempo gemendo  
Acaba os instantes seus.

Ei-la junto de seus filhos,  
Ambos mortos! roto o ninho!  
Rouxinol, pára o teu canto,  
Respeita seu mudo pranto,  
Nas coifas do rosmaninho  
Vai solitario chorar.

Ella não te ouve, não te olha,  
Toda na prole sem vida!  
Elles murrêrão da sorte;  
A mãe lhes dará sua morte;  
E tu á amante querida:  
A todos vejo acabar!

Tu, amor, que cegas o homem,  
Dás mortes mil á mulher;  
Tu, que eu te chamo deos;  
Tu, que dimanás dos céos,  
Porque não fazes morrer  
A mim que tudo perdi?



### CANÇÃO DE CUSSET.

Se fosses, moreninha, sempre bella,  
Tão bella como és hoje nesta idade,  
Eu fôra exp'rimentar se amor perdura,  
Te amando muito.

Eu sei que amor existe emquanto brilha  
A flôr da mocidade resplandente;  
Porém, que logo morre, quando os annos  
A vão murchando.

O sonho que de noite nos embala  
Em vagas estranhezas não sonhadas,  
Apaga-se com o sol — rompendo as nuvens,  
Elle é qual é:

Não sabes, moreninha, que os amores  
São astros deste céu do nosso tempo ?  
E' noite que, passando, além d'aurora  
Deixa a lembrança ?

Não quero pois amar, sentir não quero  
A dôr que sempre dóe, que sempre dura  
Daquillo que passou tão docemente  
E tão de pressa !

Eu tenho inda saudades dos brinquedos  
Dos tempos festivaes da minha infancia,  
Dos beijos que bebi da mãe querida  
E a benção de meu pai ;

Eu tenho inda saudades da donzella,  
A quem dei meu amor, o amor primeiro !  
E ella ao romper d'annos tão queimada  
Nessa paixão !

Os lares paternaes, meu berço amado,  
Com quem no bosque andava os companheiros,  
Amigos que eu perdi.... basta p'ra a vida  
Levar-me ao fim.

Vichy.

---

## XI

## UM DIA É SEMELHANTE À ETERNIDADE.

Nasce a menina, e suspensa  
Como um fructo matinal  
Dorme nos seios da mãe,  
Bella serpente do mal.

Já desperta no outro dia,  
Branca rosa abrindo amor,  
Se cobre de pejo e graças,  
Como os mysterios da flôr.

E foi virgem só n'um dia,  
E no outro dia é donzella,  
Esposa e mãe já mais tarde  
Tambem cria a prole bella.

Quando não foi prostituta  
E n'alva a estrella apagou,  
Nem foi a fria velhice  
Que sob os pés a calcou....

Quando no crime e nos vícios  
Não afoga o coração,  
Quando maldicta não some  
Debaixo da perdição.

E é sempre a mesma scena  
Que repete, illude o mundo,  
Como a pagina dos annos,  
Como o sol no céo profundo.

---

**XII****MINH'ALMA AQUI!**

Eis o céo todo estrellado,  
Eis as campinas do prado,  
Eis o monte cultivado  
Que tantos annos não vi!  
Andei por terras estranhas,  
Entre amor, bellicas sanhas,  
Grandezas eu vi tamanhas!  
E sempre minh'alma aqui!

Pela candida capella  
Do valle, sonora e bella,  
Onde o pastor, a donzella  
Salvas cantão do Senhor;

Pela campestre harmonia ,  
Por esta vaga poesia ,  
Pela innata sympathia  
Da natureza do amor ;

Por este bosque de flôres  
Entreluzindo em verdores ,  
No paiz dos arredores  
Ondeando o plano e o monte ;  
    Por minha terra palmosa  
    À tarde, enferma e saudosa ,  
Quando manada formosa  
    Varia as margens da fonte ;

Pela rustica choupana  
Do lavrador, da silvana ,  
Da coberta americana  
Erguendo espiral o fumo ,  
    Qual no horizonte do mar  
    Branca vela a balançar ,  
    À luz d'aurora a cortar  
    Serenos, transversos rumos :

Esqueço o marmor lavrado  
Nas cidades levantado ,  
Como figuras do fado  
Por nuvens mettendo a coma ;  
    Esqueço o céu sobre a terra ;  
    Doirado gelo na serra ,  
    As torres que desenterra  
    Sagrada, ruínosa Roma !

**XIII****A VIRGEMZINHA DAS SERRAS.**

Vês, ó mãe, que vão dizendo,  
Toda a gente do arrabalde?  
Que eu amo, porém de balde,  
Que o meu amor vai-se embora,  
Que na lyra se evapora  
Tanto amor que elle me tem...

Elle deu-me um beijo, ardente !  
Tão doce como a sua falla,  
Que de sua bocca se exhala  
Como o perfume da flôr ;  
Mas... foi um beijo de amor,  
Que ainda me queima o rosto.

Meu coração estremece,  
Minh'alma foge de mim :  
Eu nunca senti assim  
O correr da minha vida...  
A paz da infancia é perdida,  
Minha mãe, eu vou morrer.

Eu agora o comprehendo :  
Elle chamou-me infeliz,  
Nem mais afagar-me quiz,  
Nojento da sorte sua :  
Hoje bella como a lua ,  
Para ennoitar a manhã.

Elle chorou uma lagryma  
Na minha face , coitado !  
Era tão triste e mudado...  
Meu Deos ! me vendo, dizia ,  
E eu de ouvi-lo tremia  
Sem saber o que ora entendo :

« Sentir amor nessa idade ,  
« Nesses treze annos de flôr ,  
« Qual manhã tinta de côr ,  
« Que logo se esváe no dia...  
« Como a tua sorte, Maria ,  
« Começa-te hoje enganar !

« Tu sabes ? eu vou partir...  
« Quem déra que eu não partisse !  
« Sempre commigo te visse  
« Em vida eterna de amar !  
« Adeos, Maria, chorar  
« Seja sempre a nossa vida. »

Meu senhor! porque me olhaste?  
Porque me ensinaste amar?  
E tu vais correr o mar,  
E, talvez! queimar por hi  
Teus olhos que sobre mi  
De amorosos se extinguirão.

Que queres do mundo? e sabes  
Onde vais? o que procuras  
Nessa sede de loucuras?  
Oh, não vás... fica commigo...  
Por estes valles te sigo  
Das minhas serras de Cintra.

Irei de rubra saloia  
Plantar a terra lavrada,  
E debaixo da ramada  
Na calma te acolherei:  
Teus suspiros beberei,  
Na serra gemendo as aguas.

Me vestirei como as flôres...  
Para a lyra te enflorar,  
Só por mim doce a tocar!  
Humilde no teu mandado,  
Pastora de nosso gado,  
Eu serei, oh! tua escrava.

E uma escrava te não basta  
E uns amores de treze annos ?  
Pelos céos americanos  
De Cintra a filha não queres...  
Tu choras... não tem poderes  
Os olhos que a patria chorão.

Eu te sigo... Queres livre  
Ter no mundo o coração.  
Uma captiva é prisão ?  
E só maldizes tua sorte,  
E só me fallas de morte :  
Saberei te consolar.

— És selvagem dos teus bosques,  
Dos teus climas do equador :  
Sôlta a vida, sôlto o amor  
Ao fallar da natureza ;  
Tu amas pela aspereza  
Resvalar teu pensamento.

Terás, ó vento da selva,  
Terás, ó voz natural,  
Com o meu amor virginal  
O teu ser livre senhor...  
Porém, chorando sua dôr,  
Beijou-me... não sei... vôou !

Sonhos máos eu vi de noite,  
Com rios d'agua sonhei!  
Meu choro, ó mãe, verterei,  
E como as ondas andando  
Tristemente e soluçando  
Vou morrer tambem no mar.

Minha infancia perturbarão:  
Com minha mãe socegada;  
Me deixarão desgraçada,  
Que docemente eu vivia...  
Era a noite irmãa do dia:  
Meu amor tudo acabou!

Meu amor foi só d'uma hora,  
Foi como o lirio sorrindo:  
Sentia minh'alma abrindo  
Qual filha do sol n'um raio!  
Porém murcha já desmaio  
Nos seios de minha mãe.

Cintra.

## XIV

## HORA COM VIDA.

Eu contemplava o céo no pôr do sol,  
Olhando para o sul. Anna commigo,  
Depois de toda a tarde em nossos brincos,  
No cahir do crepusculo assentou-se  
Nos meus joelhos, pensativa olhando;  
E depois nos meus hombros por dormir  
Deixou pender sua fronte somnolenta,  
Como essas flôres de alegria, como  
A rosa branca matutina, infante  
Bella entristece no fechar da noite.  
Dorme, flôr da manhã, somno sem sonhos  
Na arvore do amor, pomba celeste  
Que adormeceu na terra, sê meu zephyro  
Com teu alento virginal: teus seios  
Como nos seios de tua mãi eu sinto.

---

Como ethereo rochedo, negra nuvem  
Começou a crescer; atrás se abrião  
Relampagos, relampagos, que fendem  
Como o fogo da casa dos pastores  
Entre a parede rustica accendendo.  
A noite desentrança-se em desordem

Por toda a terra; os ventos furiosos  
Soltarão-se acoçando a chuva adiante;  
O bosque estronda, como em desfilada  
Mil cavalleiros nos despenhadeiros;  
O mar repete o céu; perto o trovão,  
Qual sobre nós rolando pelos tectos,  
Pesado brama, e sob a terra o sinto  
Os meus pés levantar, qual de medrosa  
Reflectindo sua voz que cahe dos ares,  
E o mar debaixo arremessando os uivos!  
Os raios despejavão-se em distancia  
Sobre uma torre negra: e o bronze rompem,  
Todo o templo arruinão, como os anjos  
Do fogo, que o Senhor aqui mandasse  
Destruir seus altares profanados.  
Mas, passou. Branquearão mansamente  
As estrelladas ondas, morre o vento,  
Espalha-se o luar pela montanha,  
A limpidez do céu brilha a torrente  
Para os valles sonoros, e eu desperto  
Como de um sonho matisado d'extasis.  
Corri a minha mão no corpo d'Anna:  
Qual n'um raio do sol mimosa pomba  
Arripia o pescoço, estende as azas  
Em sensações gostosas, se encolhendo,  
Me apertando com os braços longos, brancos,  
Estremece, e tão placida ondulava!  
No manto meu agasalhada, humido  
Pelas rajadas que de um lado entravão.

---

Eis uma hora da vida que me encanta.  
 Ah, que um' hora eu vivi nesta existencia!  
 — Meus sentidos, minha alma á tempestade  
 Horrivel, bella; e sobre o coração  
 Um anjo virginal, uma criança.  
 — Ella depois fallou-me dos trovões,  
 Que vendo-me tão quieto não temia  
 Dormindo; e deu-me um beijo, e pela mão  
 Leva-me junto de sua mãe rezando.

---

**XV**
**VEM , Ó NOITE.**

Já partem do occaso as sombras primogenitas da noite : já imagens de amor diante mim revôão, nascem á meus lados, chamão-me — e eu estremeço!

Vem, ó noite esperançosa,  
 Sobre a montanha descer,  
 Nas azas sombrias, longas,  
 Tantos crimes esconder.

Lá fuma a linda cabana  
 Onde irei morrer de amores.  
 Vem, ó noite, me arrebatá  
 Para a filha dos pastores.

Com teus mádidos alentos,  
Varrendo a flôr e os perfumes,  
Amorna o fogo embalado  
Pelo aquilão dos ciumes.

Fujo a Deos, que me condemna,  
Foge a filha ao velho par —  
Para amor! oh, vem, ó noite,  
Tantos crimes occultar.

Autcuil.

---

**XVI**

A \*\*\*

Tambem por entre os cardos abre a rosa . . .

Amor! amor! na mangueira  
Já cantarão os passarinhos:  
Acorda, ó linda, no monte  
Vamos ver nascer o alvor:  
Mesmo assim desentrançada  
Vem, não tardes, meu amor!

A' frescura repousemos  
Do boninoso pomar,  
Meigas auras, meiga flôr  
Contemplando, ó doce amor!

A borboleta respira  
E deslaza ébrios revôos,  
Como a folha solta ao ar :  
Mas ás correntes do olor  
Não, não anda, ó virgemzinha,  
Louca, louca vai de amor.

Prateado rompe o lirio  
Nevinitentes casúlos,  
Roda delle o beija-flôr  
Illude-se vendo amor.

A lorangeira offerece  
Lindo adorno á linda noiva....  
Matiza os verdes raminhos  
De scintillante candor :  
É bello o pomar ! mais graças  
Vejo nelle ao ver-te, amor !

Já se doirão teus cabellos,  
Doirou-se toda a manhã,  
Teus olhos dão mais fulgor....  
Não fujas.... ó doce amor !

Foi o sol.... como é formoso,  
Leda barca em mar de azul —  
Fazes do mundo um primor !  
E mais que o mundo o teu rosto  
D'eburneo-roseo pallor :  
Por elle que tudo alegre,  
Por elle rujo de amor.

Sobre nós vérga a ramagem  
O murmuoso espinheiro  
Symbolizando o pudor :  
O' virgemzinha os espinhos  
Nascem mais onde ha mais flôr :  
Pudibunda e rigorosa  
Tambem me foges, amor.

Tens medo que o sol te veja ?  
Deste zephyro em tuas tranças ?  
Tens medo que o saiba a flôr  
Que tens nos olhos amor ?

Coitadinha, anjo innocente !  
As azas de musa temes  
Manchar da manhã na côr  
Do primeiro sol da vida !  
E delirante em rubor  
Ao seio as fechas, nem sabes !  
Plantando rosaes de amor.

## XVII

## SONHOS DA MANHÃ.

A \*\*\*

Foge do sol, ó noite, lenta barca,  
Vais no golfo do dia naufragar :  
Aqui sómente os temporaes me agitação :  
Remonta ao largo mar.

Recomeça tuas horas somnolentas  
Do cume das estrellas para o monte ,  
Cadentes d'astro em astro; o sol que morra  
No fundo do horizonte.

Oh, maior do que um deos, dobrado escravo  
Sobre a terra, meus olhos te adoravão!  
Estranha de me ver assim, teus olhos  
Castos se envergonhavão.

Eu beijava os teus pés, que nos meus labios  
Se contrahião fugitivos, frios,  
Qual tremula mimosa sensitiva  
No calor dos estios.

D'innocente, ignorante, qual murmuras  
Timidas negativas amorosas,  
Que sómente se lêm na côr das faces  
    Como vermelhas rosas.

Cercada de uma luz religiosa  
Tens dentro das tuas mãos a minha mão :  
Não se ouve uma voz, sómente arqueja  
    A bocca e o coração.

Nossos olhes formavão longo pranto....  
Oh, quantas vezes limpidas torrentes  
Engrossárão de novo adormecidas  
    Moribundas correntes !

Por sobre o nosso peito ondeante baixos  
Debruçavão sua luz morta, embebida  
Nas aguas dos seus rios da esperança  
    Como d'extincta vida :

Como dous corações que se buscavão,  
Errantes sombras de soidão, de dó :  
Quebrados de emoção estremecêrão,  
    Só pranto... e pranto só.

Oh, tu nunca me olhaste ! e o que mais falla  
Do que essa lagryma espontanea, pura ?  
Como o sulco celeste, como as veias  
    Retratando a espessura.

E um respeito de amor prendeu-me os labios,  
E eu pedia aos céos tu não fallasses,  
Anjo mudo.... terror bello subio-me,  
Julguei a voz soltasses :

Foi brando soluçar ; como na arêa  
Cae suas ondas azues queixoso mar,  
Como a lua, passando as jardas nuvens,  
Respira outro luar.

Já sentia no tecto as andorinhas,  
A calhandra no ramo, o rouxinol  
Entrando pelas fendas, e os obreiros,  
Tudo dizia o sol.

— Temeste acaso que de ti soubessem?...  
Cahia a minha mão : eu despertava  
Da tua adoração : perulea sombra  
Já longe se apagava.

Qual lymphatico sol vejo rodêando  
Meu corpo como a terra, que fecundas  
De força e vida ; qual de amor, d'esp'rança  
Toda minh'alma inundas :

Depois, desfez-se em raios vaporosos ;  
Meu peito era só lagrymas : eu via,  
Toda minha existencia desgraçada  
No sonho se esvaía.

E de hora em hora mais eu tenho amor :  
Eu abro diante mim sombras da morte  
Por ver-te no longinquo duvidoso,  
    Embora, embora a sorte !

E' por ti que estes montes fructificão,  
Que estes campos do mar são meus amores ;  
E' por ti que nos céos tenho um só Deos,  
    No prado tantas flôres !

Tu és a voz que exprimo, és o meu echo,  
Es minh'alma, és a minha eternidade !  
O' noite, volta a minha vida, apaga  
    Do dia a claridade !

---

## XVIII

M.....

Maria, porque choravas  
Na minha triste partida?  
Sou tão longe, escuto ainda  
A tua queixa perdida !

O nosso amor educado  
Dos berços, na solidão,  
Foi como a flôr enganada  
Aos bafos da viração.

Crescemos: e d'innocente  
Me davas o teu amor.  
Amei-te! porque te amava,  
Fui teu sévo ceifador.

Porém, essa flôr colhida  
A grata sombra da palma,  
Encanto! ideal mimoso!  
Aroma eterna minh'alma.

Amei-te! tua voz d'aragem  
Ainda ouço, donzella,  
Nos olhos meus embebida  
Foste para sempre bella.

Ês commigo em ceos estranhos,  
Toda formosa aldeãa.  
Inda juntos nos deitamos  
Nas ramas do piryman.

Os annos que vão descendo  
Sejão dias d'esperança,  
Á noite de tempestade  
Succede o sol da bonança.

Maria, dos olhos bellos  
As veias limpidas pára,  
Não laves do fogo as faces  
Que eu amoroso beijara.

Maria, constancia e vida,  
E todo esse amor d'outrora :  
Os annos a flôr não murchão  
Quando o amor não descora.

Paris.

---

**XIX****POBRE FILHA DA POLONIA.**

Uns olhos d'eterno, saudoso cantar  
Que em ondas vanzêão, se arqueão no mar,  
    Que em pranto se fazem,  
    Que em luz se desfazem  
    Se enchendo de amor;  
Uns labios tão tintos  
De vida e pudor,  
Não vendas, donzella  
De fronte d'estrella !  
Embora mendiga, chorando na terra  
    D'estranhos, sem pais,  
Não manches essa alma no goso mundano,  
    Que o céo vale mais!  
Tyrannos opprimem tua pobre familia,  
    Tua patria infeliz...  
A França é tão bella ! coitada avezinha,  
    Tu sejas feliz!  
Encontres um ramo nas selvas gaulezas.

Oh, tua mãe te faltou, virgem, bem cedo,  
 Flôr sem rocio, rouxinol sem ninho!  
 E nossa mãe perdida... chora! chora!  
 Qual pára o viajante, e mudo e triste  
 Ante o abysmo... não foi da morte a idéa:  
 E nem pranto e nudez sem dôr os homens  
 Te virão, lindo céu d'alvas estivas.

Paris.



## BERÇOS DO AMOR PRIMEIRO.

(EPISODIO.)

Tristes recordações! a mãe chorosa,  
 Como quem busca confirmar um sonho  
 Ante a sombra que fica do passado  
 Errante pelos sitios tão queridos  
 N'uma saudade sem poder deixa-los,  
 Carpe sua filha amada: julgou vê-la  
 Naquella flôr ao vento s'inclinando;  
 Vaga promessa a natureza exprime  
 Em doces gestos de quem vai ser mãe,  
 E ella já sente palpitar-lhe os seios,  
 Ella embala-lhe os braços d'esperança —

Espera — assalta — vai — porém sorrio-se,  
Foi leve susurrar daquelle ramo.  
O amor materno triumphou, quebrou-se  
Mundano orgulho aos pés da humanidade:  
Tudo a convida ás lagrymas, e o mundo  
É tão mesquinho, que um amor sómente  
O faz esvasiar! Delira e geme,  
Vendo harmonia abençoada em tudo,  
Sua filha amando como as aves amão,  
Innocente e divina, e ser maldita  
Fugitiva do lar: remorso a come —  
Cerdosos javalís a acommettendo,  
Em gritos, sem lhe a voz sahir dos labios —  
É seu vivo sonhar. E contra o filho  
O homem, que é mais bruto, inda fremia!

---

Nos berços vivião d'argentea existencia  
Tenrinha donzella, ephébo gentil:  
Mais elles crescião, mais nelles vibravão  
Assónias d'amores na crença infantil.

Tão linda era a virgem! mais linda que a lua  
Na face das folhas, nas ondas do mar —  
Seu rosto era nota de lyra encantada,  
Seu corpo cadencia de um vago pensar:

E elle tão nobre, sisudo e formoso,  
No raio dos olhos derrama a paixão —  
Feridos centelhão de morte, na calma  
São órgãos sagrados em branda canção.

---

Intriga se erguêra, vai lisa serpente  
 Fallaz, venenosa minando as familias :  
 Os velhos rugirão vingança de sangue ;  
 Os moços choravão compridas vigílias.

Furtivos uma hora no templo se vião :  
 Na hostia e no calix seus olhos jurarão :  
 No eterno da noite da vida distante  
 Um sonho de um dia sómente sonhárão.

Em labios ardidos não dormem suspiros,  
 Qual aves de fogo perdidas no espaço  
 Carpindo seu ninho, seus olhos se fechão ,  
 Coitados amantes, ouvindo o fracasso.

E filhos da infancia que amavão seus pais,  
 Já ouvem suas bençãos em mudo terror :  
 Tão doce d'outrora , sua mãe aborrece —  
 Mais crua se a leva, mais nutre-a de amor.

---

Sobre os joelhos paternaes o moço  
 Delirante cahio nas mãos sostida  
 A fronte apaixonada. Ella innocente  
 Ás discordias senís : « Senhor , » dizia,  
 « Minha vida não dais, eu sou mendigo  
 « Por serdes pai, e só... na divindade  
 « Deste amor que é do céo minh'alma apuro :  
 « Que não sejais maldito nos meus labios ,  
     « Menêai a cabeça  
 « Crespa de cãs : de balde não são ellas  
     « O sello da prudencia... »

Semblante de punhal cingio-lhe o aspecto,  
De amarello clarão banhado e tinto  
Dos olhos dentro de uma sombra negra,  
Qual se gemeos não fossem, transtornados;  
Vacilla o corpo; os dentes se arrastarão  
Em seus rancores; convulsando os braços,  
Viscida boca biliosa impreca:

« Vai-te! » e repete: « vai-te!  
« E o pranto, fraco! desses olhos tira. »

---

Solitaria estava a virgem  
No seu exilio de amor,  
Em torno della gemia,  
Emquanto a brisa corria,  
Indecisa, breve flôr—  
Timidamente exprimindo  
Seu viver encantador.

Com seus pés sua mãe se abraça  
Toda em lagryma banhada:  
Seus olhos erão piedosos,  
Seus cabellos envirosos,  
Como a sua alma cortada,  
Dolorosa a cruz do Christo  
Na mão de cera ajuntada.

Apresenta-lhe nos braços  
Os lacteos seios que amou  
De maternas vibrações,

Onda n'alva dos verões  
 Que o mar na praia ondulou :  
 « Pela nossa ilha prezada  
 « E este sol que Deos creou ,

« Pelas flôres que plantaste  
 « Nas terras do teu jardim,  
 « Por este lago dormente  
 « E pela verde corrente  
 « Que cerca os pés do jasmim,  
 « Pelas aves que te amárão,  
 « Fructo que nasceu de mim !

« Não queiras de um pranto funebre  
 « Tudo murchar que foi teu :  
 « Que valem do mundo amores,  
 « Como estação de verdores,  
 « Como uma aurora do céo?...  
 « Desgraçado o amor que a filha  
 « Em féra vil converteu !

. . . . .  
 . . . . . »

« Meu caminho tu levaste  
 « Para o encontro do amor :  
 « Eu era ovelha innocente,  
 « Tu vias essa alma ardente,  
 « E nem vias com terror  
 « Uma paixão que crescia  
 « Como para a morte a dôr !

« O amor com os annos muda  
« Em cada quadra da vida :  
« Hoje á mãe pertence a filha  
« Que depois o amor humilha.  
« És culpada, ó mãe querida,  
« Sigo as leis da natureza...  
« Nem sou maldita perdida. »

---

Ira de pais da terra sibilava  
Contra o casal de Deos e de natura.

---

Flôres, abri-vos, perfumai a relva  
Nos braços da soidão ; sombra da balsa,  
Cahi fresca e tremula dos zephyros ;  
Vinde do monte, estrellas taciturnas,  
Do monte, ó sol de raios creadores,  
Aos cantos matinaes da cotovia !

---

E o colono cantava :

« Nos meus valles da Germania,  
« Meu amor junto de mim,  
« Nunca o dia foi tão bello,  
« Nunca a noite amei assim !

« Morremos n'um sol — do céu  
« Nosso amor foi tão sómente  
« Um raio puro do Eterno,  
« Que logo a si se recolhe  
« Destes pedestaes do inferno. »

—É voz etherea— os amantes  
Dizem sempre quando a ouvião  
Sahir do rio ou do campo—  
Morrêrão n'um sol! tão breve  
Passa na esphera o relampo.—

---

N'uma noite de prazeres  
Quando as luzes se apagarão,  
E longinquas desmaiárão  
Sonoras vibrações

Das coplas que elles cantavão  
No mui saudoso violão,  
Como oppresso coração  
Almas irmãs exhalando;

Quando pelo ameno rio  
Subião longas canôas,  
Longa palma em curvas prôas,  
Véla de ramos ao vento;

Pelos bancos de remeiros  
Nocturnas alas cantando,  
Melodias balançando  
No silencio dos mangueiros,

Melodias encantadas,  
Melodias que choravão,  
Que nas correntes boiavão  
Das mansas aguas do Anil —

Dos regolfos á cadencia  
Do remo na pá tangida,  
Como ás vezes comprimida  
Parece a nuvem cantar;

Quando n'um leito de sombras  
Pallida lua descia,  
Como que seu rosto erguia  
Lá de trás dos horizontes —

Por ver os astros ficando,  
Por ver a terra jazendo,  
Por ver ás auras correndo  
Brando arfar o palmeiral,

Esse rumor indeciso  
Da natureza, a ardentia  
Que ruga a pròa e desfia  
Subindo na maré cheia;

Quando o monte está dormindo  
Sobre os valles debruçado,  
E sombrio e rodeado  
De vago e bello pavor —

Um'ave parou no tecto,  
N'azas o somno estendeu:  
Nem mais o vento correu,  
Nem mais ouvio-se uma voz.

---

Era o tempo em que os campos do outro anno  
Queimão os pastores ao pacigo novo:

Um fogo occulto da juncosa terra  
 Os seios lavra e lambe. Sobre o rio,  
 Só, pendia a cabana graciosa  
 Do par amante em páramo espaçoso,  
 Branco arbusto de flôr entre a verdura.

---

Virentes trepadeiras nas paredes  
 O buxo e a primavera s'estendião,  
 Perfumadas de flôr:  
 E arde o fogo na flôr, arde a pindoba  
 Em rapido estridor.

Entre o fumo de altar, batendo as nuvens  
 Suave claridade entrou no céo.

Já nada existe!

Passando os pescadores na corrente,  
 Perguntão « viste? »

---

E o boato correu. Conta na historia  
 Junto do fogo de á noitinha á porta,  
 Á calada da rustica familia,  
 Candido e crente o camponez vizinho:  
 « Não descambavão as estrellas ainda:  
 « Vi florir no oriente uma roseira  
 « Como o dia: sobre ella revoárão  
 « Duas rodas de nuvem tão bonitas,  
 « Tão limpidas, tão alvas como o pombo!  
 « E a roseira as levou — rosas e o dia —  
 « Lá para o fundo do anilado céo.

« Tornou anoitecer : e sobre as margens  
« A cabana das vozes archangelicas,  
« Qual na entrada do estio os passarinhos  
« Fazem seu ninho, se aninhando cantão,  
« Não vio-se mais; assim desaparecem  
« Lá nos mares do Norte ás luas mortas  
« Palacios encantados a deshoras. »

---

Quanto é doce a desgraça dos amores,  
A lembrança das lagrymas enxutas  
Servindo de horas vagas namoradas  
Ás camas d'ambrosia, são preludios  
De um eterno gosar que os céos ensaião!  
— Mas os dias felizes são tão poucos...

Já nada existe!

Passando os pescadores na corrente,  
Perguntão « viste? »

---

**XXI****O PRINCIPE AFRICANO.**

(EPISODIO.)

O amor do céu vem á terra só  
por um dia, e morre como as  
flores morrem.

« Bella escrava da minha alma,  
Do teu principe senhora,  
Adeos — a ilha m'espera,  
Já desponta a rubra aurora. »

« Não, ó principe, não fujas  
Da sombra da tamareira :  
Só contigo, como é doce  
Descansar nesta ribeira !

Olha, a praia é tão deserta,  
Tão deserto este areal....  
Vejo o mar leão sanhudo  
Com sua juba de crystal. »

« Filha da noite sem astros ,  
O' filha minha, Nydah !  
Flor do verde sycomôro,  
Dias de sol do Sarah,

Mil homens levão a guerra  
Às margens do Senegal:  
Em ferros trarei mil homens  
Nestes caminhos de sal.

Quando a lua andar trez vezes,  
Vindo depois a nascer,  
Dos teus braços desatado  
Nos meus braços te has de ver. »

« Não, ó príncipe, não fujas!  
Não sei o que n'alma eu sinto....  
Morrerei... se assim te fôres:  
Crê nos meus olhos, não minto.

A voz d'abestruz n'aurora,  
Estes soluços do mar,  
O vento morno, o céu triste  
Não sentes tanto fallar?...

Já debaixo do baobab  
Veem com o sol saudar o dia:  
Sagrado o fogo se accende,  
Templo de folhas lumia:

Batendo o pé das raizes,  
Dizem aos teus antepassados  
Que jazem dentro do tronco  
Ha dous mil annos passados—

Que venhão ver seus dominios,  
Que ainda existe a nação —  
Todos adorão cantando,  
Todos joêlhos no chão.

Acordão... vão pelos galhos  
As sombras dos velhos reis...  
O povo e o reino bem dizem  
Vivendo n'antigas leis...

Fizeram o gyro... lá descem  
Na ordem da successão....  
Em torno o povo já dança,  
Ruidosas palmas na mão.

Despedio-se o anniversario  
Do que foi vivo primeiro.  
Entrárão as almas... só pende  
Um braço do derradeiro...

Grita o atropos ao lado,  
Fazendo voltas, zumbindo,  
Craneo pallido em seu dorso,  
Gestos sinistros abrindo...

Oh, não vás! calamidade  
Move o braço e dá signal:  
A morte vòa na guerra  
Do peão ao principal.

E esse vegetal sarcóphago  
Onde dormem teus avós,  
Nau perdida vejo em mares...  
Servindo de terra a nós !... »

---

Amor de gloria insensata  
Vence os amores da escrava :  
E o coração que não mente  
Vingança delle bradava.

Como ave a fugir do ramo,  
Que prende o laço, a donzella  
Sua alma tem pelas azas  
Em forças nos braços della :

E mais longe indo a piróga,  
Mais a luta se animava :  
E d'azas longas o alado  
Comsigo o ramo arrancava.

Seus gritos aterrão os ventos  
Voltando as vagas no mar,  
O cávo da vela eburnea  
Veio-se opposto formar.

Rolou nas abas do monte,  
Gemeu na beira arenosa,  
As ondas vierão mansas  
Lamber-lhe a pelle mimosa :

Sahião d'agua por vê-la,  
Fazião-lhe um berço amigo,  
Umás escumas de flôres  
Trazendo vozes comsigo.

Pávidas fogem. Das praias  
Longa o berro a penedia :  
« Minha sorte ella sonhava,  
Pendente o braço a dizia. »

Parou seus ramos o tronco,  
Yaloso nobre ululando :  
As rochas forão sensiveis,  
Seu choro ás rochas levando.

Inda os olhos se desfião  
Por negro-nitido rosto,  
Inda gelava na bocca  
Mudas fallas de desgosto,

Uns fructos nas mãos guardando,  
Gostoso pasto de amor.  
Tomou-a nos largos hombros :  
« Morre o que comigo fôr ! »

Como o elephante mordido  
Do insondi no palmar,  
De vê-lo as vagas recuão  
Amedrontadas ao mar.

« As correntes ! as correntes !  
Tempestade e o vento largo !  
Meu rumo o abysmo, do nauta  
Voz de agouro o pranto amargo. »

---

Passa a ilha de Goréa,  
Passa as terras de Daccar,  
N'outro dia o Cabo-Verde  
Ficava longe a boyar.

Navegando á negra pôpa,  
Elle a vive, ella o matava :  
Seu pranto em fumo se exhala  
Do corpo frio que lava :

Elle a cinge sobre o peito  
Comprimindo o coração :  
A frialdade da morte  
Faz-lhe querida illusão.

Libra-se no ar indecisa,  
Saudosa e tarda a pairar :  
Olha aos céos, olha na terra,  
Não póde a terra deixar

A alma que a terra amou :  
Ave muda esvoaçando  
Em volta do bello passaro,  
Partindo sempre e ficando.

Morria contente o amante :  
Por nuvens a sombra vendo ,  
Abraçava-se com a morte ,  
Membros a ella estendendo.

Elle já vê-se em caminho,  
A vida na morte está ;  
Mas, vê-se vivo : « m'espera ! »  
Brada « ó alma de Nydah ! »

---

Ninguem sabe aonde o junco  
Acaso fôra encostar—  
Naufragado, em terra imiga ,  
Pelas costas de além mar :

Qual n'arèa a caravana  
Vezez some' nos desertos,  
As ondas nada disserão  
Nestes campos descobertos.

Inda hoje pelos valles ,  
Pelos montes vai gemendo  
Errante, sombria gente ,  
Os nomes delles trazendo.

E, tão lenta, vem com a noite  
Nos cumes da penedia  
Arrancar ave estrangeira  
Fundos pios de agonia :

Depois revòa, chorando  
Sobre a praia e sobre o mar,  
E se perde no horizonte  
Para outro dia assomar.

Dizem ser a alma do principe  
Que futuros vem contar :  
Perderão seu rei, sua tribu  
Terras altas de Daccar.

Senegambia.

---

**XXII****PRIMEIRAS-AGUAS.**

O' tempo onde a poesia tambem nasce !  
Coròa triumphal das mãos das auras,  
Dão-te louvor os animaes contentes ;  
Conversa a natureza com suas hervas ;  
Cresce a vegetação, cantando o rio ;  
O céu de transparente azul, e os mares  
Pela corrente balançosa o levão  
N'um leito de liquor : eu tambem vivo !

---

O céu, a terra sorri,  
Brilhão astros, nascem flôres,  
Cantão aves na montanha,  
Formosa estação de amores !

Nas plantas do prado ameno  
 Favonio passa e voltêa,  
 Fallão nayades na fonte,  
 Falla na vaga a serêa :

Novo o campo, a rez esmalta,  
 Mimosa cria a pular ;  
 Lisa fusca novilhinha  
 Anda a manada inquietar :

Roça as pontas aguçadas  
 No touro, foge ligeira,  
 Cava ou berra, e na planicie  
 Doudeja incerta carreira.

---

Verdura matinal da criação !  
 Primeiros dias da existencia, quando  
 Nas mãos de Deos o mundo palpitava !  
 Encantado prazer da natureza !  
 Nua donzella peregrina, candida  
 A sahir da espessura aos campos verdes  
 Abrindo as flôres, despertando os zephyros !  
 — O horizonte se embala, como os olhos  
 Da formosura preguiçosos librão  
 Vagas fórmãs de amor : matiza o monte ;  
 Pela baixa odorante o insecto gyra ;  
 A serrania se trajou de galas ;  
 Em seus galhos os troncos se encurvárão  
 Desdobrando suas folhas vigorosas,  
 Aos esmaltes do sol pendendo a fructa ;

Deitou-se a onda, por adormenta-la  
Desce apenas galerno ; em seus clamores  
Vai queixoso ribeiro, qual perdido,  
As pedras compungindo e o penhasco.

---

Sobre a margem do ribeiro,  
No regaço da espessura  
Terno á voz quebrada d'agua  
Exalta o moço gentio  
Os encantos da tapuya,  
Da caça quando voltou;  
Nos seus braços côr do côco  
Doirado no manzarí,  
De ramo em ramo o japi,  
Chuva de flôres por elle,  
De leito em leito a corrente,  
Olhando ao céo descansou:  
E tão ditoso de amores  
Brincos engendra com ella,  
Tece-lhe as tranças corridas  
E depois uma capella,  
E depois, de vivas tintas  
Enche-lhe a face de côres.

---

Como minha alma s'engrandece ao ver-te,  
Principio da existencia do equador!  
Nem os annos caducos envelhecem  
Na zona perennal, formosa, esplendida:  
Nasce o inverno em candida menina,

Educada e nutrida do alvo leite  
Da camponeza forte, e como a planta  
Viçosa desenvolve-se uma virgem —  
Veze nos olhos centelhando o raio,  
A bella voz nas azas do trovão,  
Pelo corpo robusto lhe ondulando  
Esta vegetação d'Eden — ás vezes  
De uma tristeza pensativa e doce,  
Um vago contemplar — vezes risonha  
Se diffundindo em trinos contendores  
Na fresquidão dos ramos, sobre a aurora  
A espalhar-se de amor — ou se amostrando  
Na flôr aberta da geniparanna,  
Do maracujá rôxo, aos afagos  
Da natureza rindo-se, a fugir-se  
Aos seus beijos na ponta da vergontea.  
Dos castellos argenteos do zodiaco  
Venha agora o verão, nem desfallece  
Dando-lhe o reino florescente a irmã,  
Que seis mezes depois torna a ser della,  
Quando ás flechas do sol o campo fuma  
Calcinado e fendido, e o vento move  
Branco areal os astros retractando;  
Quando dos montes para a beira descem  
Ledas tropas — eu amo ouvir suas vozes,  
Dormir na choça, levantar-me cedo,  
A malhada mugindo a alvoroçar-se,  
Como o grupo das nuvens no oriente.

---

O bosque mollemente se sacode

Nos vapores da terra embalsamada;  
As palmeiras se abração pela encosta,  
Amorosas donzellas se esquivando  
Aos enleios dos zephyros que gemem,  
Seus esgalhos e as pencas arrebetão,  
Aonde o sabiá guarda o seu ninho,  
Os cachos pelo collo suspendidos;  
Pericuman que passa bracejando  
Pelo longo d'arèa echos repete  
Da voz dos vegetaes, por toda a parte  
Renascente harmonia; acordão os psalmos  
Entre as aves palustres pela borda  
Da azulada lagòa; o cysne a corta,  
Formosa jaçanan dá-lhe accidentes  
Erguendo as azas esmaltadas, longas;  
Na moita do capim depõe seus ovos,  
Qual outros picão, qual já estão tirando;  
Attrahida ao seu canto urubarana  
Vem no bico morrer da bella alcyone;  
Nos ares a araponga, alimentando  
Doce pomba-sem-fel no ramo a prole.

---

Lá ronca o pecorí, restruge a onça  
Das entranhas da brenha — amor a leva,  
Amor a mata no cahir da sombra  
Da tabóca frondosa: as féras te amão,  
Innocente sorrir da natureza!

---

Reunem-se os vaqueiros nos curraes,  
Estão ferrando o gado: as ancas fumão

Na chapa dos senhores, berra a aneja:  
 Rompem-se as festas: das cortinas saltão  
 Para o touro que parte e a vacca brava  
 Se approximando inquieta á voz dos filhos  
 Inda encostados: na planicie amansão  
 Os poldros, e á parelha se desfilão.  
 Percorre a baccalar o senhorio,  
 Os agricolas fallão de suas lavras.

O camponez na rustica choupana  
 Passa alegre o serão junto da amante:  
 Á terna viola que nas mãos lhe treme  
 Como em doce gemer se evaporando  
 Seus amores reconta apaixonado,  
 Flôres perennes aos que são ditosos  
 (Meu cypreste fatal que nunca murcha,  
 Co'a negra lança me escrevendo letras):

« Te lembras, zagala, ainda  
 Quando o amor nos ferio?  
 Esses dias tão formosos  
 Da quente sésta do estío,  
 Esses floridos no inverno  
 Fazião pelos meus olhos,  
 Eu te não vendo, o inferno!  
 Dès que a terra escurecia,  
 Como a noite eu a chorar:  
 Mocho nocturno me ouvia,  
 Ouvia-me a lua branca  
 Nestes céos a divagar;

Inda acordado me achava  
O canario, o rouxinol  
Quando a romper começava  
Mimosas canções ao sol;  
E eu sózinho levava  
As ovelhas ás campinas;  
Não me alegravão matinas  
Em lindo rôxo arrebol... »  
E desperta, e deixa o canto,  
Nos olhos a pôr-lhe um beijo:  
« Como tudo está sorrindo,  
Zagala, que assim te vejo! »

Porém no prado da ribeira guião  
Em balada amorosa alvo armentio;  
Reluz o orvalho no capim rasteiro,  
Que mais se atentra pela sombra irmãa:  
E ali se brindão de murtinho e flôres,  
E em virentes juncaes passão na sésta.

## XXIII

## VAMOS JUNTOS!

Tu seras ma bergerette,  
Je serai ton pastoureau :  
A nous chante l'alouette,  
A nous bondit le taureau.

Formosa Anna dos campos, vem commigo,  
Vamos ver pascentar nosso rebanho,  
Como salta na relva o teu castanho  
Carneirinho que tanto e tanto estimas :

Vem trazer-lhe nas mãos cheiroso trevo,  
A lã mimosa lhe afagar : tremente  
Virá de manso, candido, innocente  
Resvalar em teus pés, lamber de amor.

A tarde já se estende na campina,  
E já balando a ovelha ajunta os filhos  
Tangendo para o cerco : os verdes trilhos,  
As alvas ancas d'alvas tetas banha.

O gado é todo alegre nesta quadra  
Quando a terra florio, primeiras aguas ;  
Contente o peito humano esquece as magoas,  
O Janeiro a sorrir pintando os montes.

Risonhos céos, na lavra as plantas nascem :  
Errar é doce os campos viridantes,  
A vista dilatar pelas distantes  
Solidões melancolicas, caladas ;

Ver como brandamente embala o vento  
As folhas meneantes da palmeira,  
Como ao choro lá cantão da ribeira  
As aves que com ella vão descendo.

Subiremos o cimo da collina  
A fresquidão gozar da tarde amena,  
Das filhas do silvedo a cantilena  
N'assombrada espessura realçando ;

Ver como do salgado já rulina  
Nédia manada á sombra dos mangueiros,  
Contemplando das ondas os cruzeiros  
Quando passa a canôa a navegar.

E depois, o serão gostoso e grato  
Em pratica innocente e deleitosa :  
Contarás em tua falla sonora  
Aquillo que mais soube te agradar :

E eu te escutarei nessa harmonia  
Que faz minh'alma delirar, morrer !  
A lua tão vaidosa em seu correr  
Nos ares sentirá tanta ventura.

Formosa Anna dos campos, vamos juntos  
Pelos sitios do nosso alvo rebanho,  
Pela relva onde brinca o teu castanho  
Carneirinho gentil, que são teus mimos.

Pericumán, 1852.

---

## XXIV

### O INVERNO.

São lagrymas, são lagrymas fecundas  
A chuva no arvoredó carregado  
Arrastando no chão sua flôr e os ramos :  
Exhala o campo os mádidos aromas  
Ás borboletas esmaltadas, bellas,  
D'azas largas e azues, aos mil confusos  
Insectos de ouro : lá no bosque longe  
O lago berrador. Fresca roseira  
Toda aberta de rosas encarnadas,  
Como um anjo da guarda se arripia,  
Susurra ao beija-flôr que ruge as azas,  
Defendendo suas filhas : e amoroso  
Elle pia e faz circulos, defuma  
Suas pennas em seus bafos virginaes ;  
Porém, respeita a voz materna e maga,  
Mimosas folhas, e os botões que inclina  
O viço esplendido e o crystal — humanas  
Donzellas, que verteis na mocidade  
A rubea seiva que de excesso monta.

---

Salve ! felicidade melancolica,  
Doce estação da sombra e dos amores —  
Eu amo o inverno do equador brilhante !  
A terra me parece mais sensivel.  
Aqui as virgens não se despem negras  
À voz do outono desdenhoso e despota,  
Ai dellas fossem irmãs, filhas dos homens !  
Aqui dos montes não nos foge o throno  
Dessas aves perdidas, nem do prado  
Desapparece a flôr. A cobra mansa,  
Côr d'azougue, tardia, umbrosa e ductil,  
No marfim do caminho endurecido  
Serpentêa, como onda de cabellos  
Da formosura no hombro. À noite a lua,  
Qual minha amante d'innocente riso,  
Co'a face branca assenta-se nas palmas  
Da montanha estendendo os seus candores,  
Mãe da poesia, solitaria, errante :  
O sol nem queima o céu como os desertos,  
Sympathicas manhãs é sempre o dia.  
Geme ás canções d'aldêa apaixonadas  
Muito saudoso violão : as vozes cantão  
Com nautico e celeste modulado.  
Chama ás tacitas azas o silencio  
Ao repouso, aos amores : as torrentes  
Prolongão uma saudade que medita :  
Vaga contemplação descora um pouco  
O adolescente e o velho : doce e triste  
Eu vejo o meu sentir a natureza  
Respirar do equador, selvagem bella

De olhos alados de viver, á sombra  
Adormecendo d'arvore espaçosa.

---

O touro muge ; a ondulação passando  
Deita o junco, que torna a levantar-se,  
E de novo se acama e s'embalança.  
A filha das soidões e dos mysterios  
Do meio dia e da tarde desmaiada,  
A mãe dos ais, a rola desgraçada  
Geme, geme! — se cala a natureza,  
Tudo se despovôa e se deserta,  
Entrando a revocar reminiscencias,  
Que a lembrança perdida ella desperta.  
Vê-se um genio a vagar por toda a parte  
De mãos no rosto, de pendido collo  
E os ébanos compridos em desfios —  
Eu amo o inverno ! — e o genio que divaga  
Desce a collina pelo valle ás praias,  
E lá perante as aguas pára e chóra,  
Irmãas tão bellas que se sympathisão ;  
E os seus prantos consomem-se nas fendas  
Ennegrecidas pela encosta parda.

---

Cae a tarde dos serros emanando  
Os vermelhos vapores do occidente.  
Não teve sol o dia, suspendido  
Da chuva por detrás, vento nem houve :  
Grosso orvalho se escôa na espessura :  
O céu d'um azul vasto se evapora.  
Sae da varanda do casal a filha,

Tão cheia da amplidão que está na tarde ;  
Pura e candida e vaga, tudo amando,  
Chega ao pé de uma flôr, afaga-a e passa,  
Como quem dice « não és tu » : se nascem  
Das hervas que a rodêão com suas flôres  
Borboletas de prata, se estremecem  
E vem suas azas lhe encostar nos braços,  
Pousar em seu vestido e seus cabellos  
Dos seios almos humectando a alvura.  
Virgem das brenhas, eu no teu regaço  
Dormirei placido? eu nesses teus olhos  
Longos esquecerei meu pensamento,  
O coração de amores s'inflammando?...  
Vai distrahida pela estrada nova,  
Do cajú rubro e o limoeiro em fructo  
No manto florescido se encobrando.  
Eu amo o inverno ! ó matta silenciosa,  
Onde suspira a nambú-preta, e canta  
Psalms o sabiá d'intimas harpas !

---

Deu mais um passo a natureza, e nasce  
A viração mimosa do crepusculo :  
Quando a canôa do anajá se abrindo  
Da parte do poente a flôr miuda  
D'eburnea fenda pelo tronco entorna,  
Como a perola corre perfumada  
Dos labios de uma esposa ; se desprende  
Um côco e faz a vibração no sólo.  
A cigarra se esváe penosa, e morre.  
— Dá mais um passo a natureza, e s'ergue

Nocturna brisa pelos negros ramos;  
E já sómente senhorêa a noite  
Juncada de luar. Espasma os gritos  
O urutauhy na umbahubeira alvar,  
Tão conchegado a se perder no tronco,  
Como se o tronco que desconcertasse  
Uma voz vegetal pelas soidões.  
Qual d'estrellas em pó que os ceos filtrassem,  
Treme o horizonte de folhame argenteo,  
Dorme aos piados de desagasalho  
Do caboré friento. Agora estende-se  
Uma nuvem de chumbo: e n'alta noite  
Gemia a chuva: a madrugada é bella,  
Linda menina a amanhecer na fonte.

---

Estrala a ave no bosque, aves ignotas  
Rompem alegre matinada: o rio  
Enlaça o pé da languida jussára,  
Onde o tocano embala-se engasgado  
Cantando sobre os cachos: zumbem a abelha,  
A silvestre uruçú se envermelhece  
Nos humidos matizes, se revolve  
Na dourada resina que destilla  
O bacurí-panan de amenos balsamos  
E amorenada fruta. O sol fechou-se.

---

Doida acorda a avezinha que dormia,  
Anjo da tempestade, ella a conhece,  
E começa a gritar voando inquieta:

Os ramos fervem : fogem se abrigando  
Pela barreira os roseos trovadores ;  
E ella só tempera-se estridente  
D'igneos carmes ! o cedro range e os montes,  
E entre os pólos vanzêa a tempestade :  
Vai lançada tinnindo pelas nuvens  
Contra os trovões que se arrebentão ; guincha  
Seguindo o raio, e, no cruzar dos ares,  
Das azas sóta electricas faiscas !  
Como ella, tambem prezo os balanços  
Do vendaval furioso e do relampago,  
E minha alma agitar na voz dos ceos.  
Eu amo o inverno ! aqui durmo de amores,  
Redobrando a galharda seriquara  
Nos bamburraes do rio ; a espreguiçar-se  
Na montanha a palmeira ao doce fluido  
Do aureo dedo do sol, doirada phenix  
A renascer-se da cinerea noite —  
Ou minh'alma agitando á voz dos ceos.

Maranhão.

---

## XXV

## A PARTIDA DE UM VELHO ENFERMO.

« E eu deixar este ceo... como este clima  
Na sua eternidade de verdura...  
O'maravilha vegetal do Eden!  
Trinta annos passei, como nos berços  
D'uma hora encantada : ouvia apenas  
Arrastarem-se as aguas pelos valles,  
Em seus saltos partidas sobre a rocha...  
Oh, vi por toda parte a natureza  
Eloquente, orgulhosa em magestade  
Como a lua de Agosto em flôr aberta!  
Fiz aqui minha patria... hoje estrangeiro  
O filho teu verás, fria Germania,  
Errante e deslocado como a ave  
Que desconhece ao manhecer seu pouso;  
E tímido o meu passo não se fixa  
Pelas margens do Rheno... ah, sorte do homem!  
E eu deixar este ceo... Nem vim faminto  
Sómente ouro buscar : amei no peito  
Minha alma dilatar ante a harmonia;  
Extenso o coração sentir rugindo,  
Meu ser engrandecendo!... Adeos, Brasil!... »  
Os olhos alimpando, assim fallava

O tão nobre ancião descendo ás praias  
No seu enfermo andar : embarca ; e a vista  
Elastica deixava sobre a terra  
Como presa, quando elle já navega.  
As costas para o rumo do navio,  
Encostado na pôpa, em longo pranto  
Generoso desfaz os ceos e o monte  
Onde jaz o gigante, e sob os mares  
O Rio-de-Janeiro se escondia ;  
E elle inda nos pés se suspendendo  
Procura as cumiadas no horizonte.

---

**XXVI****FRAGMENTOS DO MAR.**

A. L.

Paris.

Adeos, ó Luxembourg d'arvores grandes,  
D'estatuas bellas e marmoreo lago,  
Eu não vos verei mais ! Chorai commigo,  
Eu só não vos amei, tambem me amastes,  
No estrondo vegetalouvi meu nome —  
Adeos, Luxembourg ! Tronco d'outrora,  
Fronroso castanheiro, a cuja sombra  
Meditava as lições d'alta Sorbona,

Meu velho amigo aonde eu recostei-me  
 Cheia a cabeça dessa vida d'alma  
 Que as sonoras paredes exhalavão,  
 Qual feridas do echo d'eloquencia  
 Do Lévêque e Saint-Marc, senti meu peito  
 Abraçar-vos ! da casca onde eu vos beijo  
 Rebente um galho, e nelle um nome viva.  
 Inda hontem, dos ramos d'esmeralda  
 Cheirosa e fresca e doce primavera  
 Escorrieis em mim : hoje sómente  
 Estremeceis á minha voz, adeos !  
 Brisas do Luxembourg e as flôres d'elle.

Qual dos bosques sahindo, ainda se arma  
 Á voz da patria moribunda a filha  
 Do pastor, generoso anjo da guerra !  
 Foi seu primeiro amor a liberdade,  
 Seu esposo fatal desfallecendo  
 Por entre os homens ! E ella enverga a espada,  
 Os seios tece virginaes e a fronte  
 D'aço luzido, e a cruz pende do Christo  
 No cinto feminino. Ei-la heroína !  
 Dando patria á sua patria, ao rei sua c'rôa;  
 Á sua voz de Josué treme Orleans  
 Esperançosa, e despe-se do manto  
 Ensanguentado que a cercava oppressa.  
 Ei-la atada a columna, qual detida  
 Para aos ceos não voar pelas suas azas  
 Que as chammas crestão, e os valles de Ruão  
 Da fogueira sua voz separão e dizem:

« Vendida na traição fraterna... vede-a,  
« Martyr do amor da patria » ; ó dores d'alma!  
Aurora boreal nos ceos suspensa,  
E de vergonha a terra envermelhece  
Ao longinquo clarão. Passando o vento,  
As aves que a rodêão quando cantão  
Na vizinha ramagem, todos juntos,  
« Donzella d'Arc ! » repetimos sempre.  
E de uma a uma percorria as alas  
Destas mulheres mudas, pelo nome  
Chamando-as e dizendo-lhes sua morte.

---

Ledo casal de cysnes sobre o lago  
Corta dous sulcos docemente iguaes :  
Eu peço a Deos a vida destas aves,  
E uma esposa feliz, anjo, amorosa,  
Manso e piedoso e candido cordeiro,  
Mudos levando assim nossa existencia.

---

Quantas meninas vão por entre as flores  
De bellas graças, de formoso corpo !  
Pisando a relva de Diana a casta  
Montanheza e da magica Velleda :  
Virgens materiaes, ó lindas flores !  
Humanas flores, candidas donzellas !  
Minh'alma diante vós ama e revive  
Em sol, orvalho, amor, brisas desfeita.

---

Eu parto, a torre já marcou meu tempo,  
Adeos, Luxembourg ! Inda as muralhas

Passando eu vou bater co' as minhas mãos  
 Da longêva Sorbona, a mãe das letras;  
 Inda uma vez eu vou mirar-lhe as ondas,  
 Como a deshoras ao luar do Sena  
 Sobre a ponte das artes debruçado  
 Indo á patria, indo á patria ás vozes d'agua.

---

Golfo de Biscaya.

Como foge-me a terra dos pés,  
 S'envolvendo nesse amplo horizonte!  
 Vão-se terras da França, perdidas!  
 Lá sumio-se Paris trás do monte:

Como o sol quando no occaso  
 Palpitante desfallece,  
 Duvida um'hora entre nuvens,  
 Por nuvens desaparece.

« Sejas feliz! » me dicerão.  
 Sejas feliz... ah, quem déra!  
 Não mais que um dia! e mais triste  
 Na minha infancia eu morrêra.

Quantas lagrymas dás-me, ó bella França!  
 Abri-vos, solidões, quero chorar;  
 Brisas da noite, emmudecei; oceano,  
 Abafai minha voz nas vossas ondas...

---

Elo vasto de vozes grasnadoras  
 O horizonte cingio, se enrouquecendo.

O vento alevantou ; gritarão aves  
Pelo em torno da náu ; procura abrigo  
A andorinha nas vélas ; meio corpo  
Erguem-se os peixes ; enfurece-se o mar ;  
Cruzão raios no céo em vez d'estrellas,  
Pousão nos montes de suspensas nuvens,  
Raios nos mastros pousão : tudo horrores  
E raiva, tudo ameaça ! o claro verde,  
O puro azul das aguas florescidas,  
Como campo murchou, que sangue anegra.  
Amo viver no seio compulsado  
Do vendaval, batendo impuras azas  
De nocteo corvo ; os ares corta o bosque,  
Uiva o mar á sua sombra fugitiva :  
E minha alma estremeça muito embora,  
A morte os hombros a calcar-me, amigo  
Minha face afagando á falla , ao menos  
Não dorme no ocio de cansada paz.  
— Encastellão-se as ondas : qual cidade  
D'homens, que no orgulho vão suspendem  
Seus ricos tectos sombrêando os valles  
E a casa humilde do pastor, que os raios  
Aquecião do sol subindo os montes.

---

Dá signal de perigo, leva rota  
Bandeira de soccorro ao mastaréo :  
Librados todos vão, ninguem soccorre,  
Nas azas infernaes da tempestade.  
Nem olha Deos á terra, o céo fechou-se.  
A voz do official apenas se ouve

Lugubre, como o vento que fallasse,  
Ou da véla que rasga-se e desfralda  
Antes de ser colhida. Homens tão fracos,  
O que fazeis agora murmurando  
Debaixo do convés, mudado o rosto?...  
— E a não que passou desarvorada,  
Qual ferido tapir salvando abysmos,  
Lá quebrou-se na ponta do rochedo —  
Dormindo, mudo! e os mares levantarão  
Sua voz nocturna á voz da ventania,  
Aves, que no cahir da presa morta  
Soltão em desordem triumphante grito.  
Lamentações humanas, tudo a morte  
Respirou, consumio em si, sómente  
Esparsos restos do naufragio ondêão:  
Sanguinarias corôas tem na fronte,  
O medonho livor mais carregando.  
E as vagas tôão, e tûmidas se atirão  
Sobre as vagas — mulheres desgraçadas,  
Perdidos filhos, seus esposos mortos.

---

O tempo serenou; ri-se o semblante,  
Como vai se compondo o mar: já sobem  
À coberta, ás ruinas se arripião,  
Que jazem como a selva descomada.  
Canta o nauta, redondão-se alvos pannos.  
Por ver brincar o atúm, se ajuntão ledos  
A tarde sobre a borda os passageiros.

---

Densas nuvens de fumo doloroso  
Fazem-se em tiras, despregadas caem  
Através do horizonte : a lua franca  
Abre seus seios de donzella, e despe  
Seus vestidos no mar, como estas ondas  
Ardentia de prata espanejando ;  
Candidas pombas vaporosas vôão,  
Tecem com as azas por seu rosto um véo —  
Menina rubra pondo a mão nos olhos  
Um'hora se escondeu, um'hora os astros  
Amostrão seu brilhar, depois se apagão.  
A lua feminina, é fresca noiva :  
As brancas nuvens que a rodêão manso  
Os enxovaes de sedas ondulantes ;  
O céo cheio d'estrellas o seu templo  
Onde espera o amante, incensos auras ;  
E o oceano os orgãos levantando  
Em doces, divinaes epithalamios.

---

Na batida em que vai, fareja e rosna  
Alado negro cão mordendo as ondas.  
Eu só medito, a Deos só me alevanto ;  
Confusa multidão povôa errante  
O convés, e da terra os homens fallão :  
Para elles é mudo o isolamento  
Do mar, cahindo a tarde fria e triste.  
E o mar sombrio despentea a grenha,  
Descrente e sem esp'rança, de loucura,  
De frenesi, que o desespero arrasta :

Engulir-nos d'um golpe, os nossos ossos  
 Despedaçar o vejo n'um momento!  
 E os homens reúnem-se, amontoão  
 Oiro sanguinho e jogão; se enraivecem  
 Uns contra os outros, sofregos de sangue.  
 Na voz da natureza o Deos nem ouvem!  
 Amo-te, ó mar, em louca tempestade,  
 Mais do que os homens com bonança n'alma;  
 Com as cousas do mundo elles procurão  
 O Eterno esquecer! são condemnados  
 Serrando ouvidos, sacudindo a fronte  
 Á justiça que falla-lhes da victima,  
 Que geme ainda ensanguentada e quente.

---

Traga o dia sobre a fronte  
 Aurora lactea dourada,  
 Ou distante precipite  
 Em sombra negra e pesada  
 Sanguento occaso a seus pés:  
 — Deos quem é? quem é que adoro? —

Estas vagas eloquentes  
 Ao seio descão das aguas,  
 Ergão seu collo, se empinem,  
 Se despedacem nas fraguas,  
 Convulsas, enfermas, bellas:  
 — Deos quem é? quem é que adoro? —

A onda pergunta ao vento,  
 Quando a levanta a passar;  
 Mas o vento a despertava

Para tambem perguntar:  
E a mesma voz se repete,  
Vagando de mar em mar.

E sómente a mudez destes desertos  
Se responde ao seu echo no infinito.

---

Serras de Cintra.

. . . . .  
Oh, magestade do oceano! eu vi-te  
Ampla fronte deceu de Deos : sobre ella,  
Como ante o sol nevoeiro transparente,  
O pensamento em ondas infinitas  
Passar.... passar! e calmo o rei do sec'lo  
Nem toscaneja ou estremece a testa.  
Eu senti-me nascer, e tu me viste  
Turbado nos teus olhos, era um raio  
Que mais lucido raio engole e apaga :  
Calor vital correu-me pelas veias  
De prisioneiro que por muitos annos  
Fechado em negros carceres a vista  
Abre ao dia, e de jubilo prantêa,  
Delira o coração, de vida exulta!

---

Comparava tua fronte esse universo  
De sentimento e meditar que exhala;  
Eu pesava tua voz nos meus ouvidos  
Consultando a harmonia ; um ar celeste

Palpitava umas ondas rodeando-te.  
Guia na cerração, beijei tua dextra,  
Que se esfria nos annos mergulhada,  
Coberta dessas rugas generosas ;  
Essa mão sujeitada envelhecida  
No doce captiveiro das insomnias,  
Em metro moldurando o pensamento :  
E de tua vez, senil, piedoso pranto  
Em teus olhos quebrou-se ! ó sentimento,  
Que brande á alma do poeta sempre virgem  
Limpido choro, que os verões não seccão !

---

Pensador solitario, orfão, proscripto,  
Poeta ! ei-lo assentado ; estão com elle  
Sómente os seus dous cães, junto á lareira,  
Branços como a candura ; mansos, timidos  
Como a fidelidade. E não encontras  
Nos homens um amigo ? e os animaes  
Amão-te mudos e naturalmente.

---

A paz te rodeava, e nas paredes  
Pendião quadros dos que amaste, e forão ;  
E todos no silencio da saudade  
A pagina da vida parecião  
Desenrolar a ti, com a vista lenta  
Memorando o passado. Qual se membro  
Dessa familia eu fôra, ha longo tempo  
Perdido, ausente, no meu lar chegado,  
Senti minh'alma abrir-se ingenua e larga  
Á branda atmospherá que eu respiro :

Um dos cães te afagava, como vendo  
 Nos teus olhos luzir o amor paterno;  
 O outro vinha a mim lamber-me a face  
 E as mãos, inquieto de alegria e festas  
 Felicitar-me do rever meu pai!

. . . . .  
 Eu parti; tu virás á patria ver-me.

---

Eis, minh'alma se expande! Como o vento  
 Tão livre e solto, meu irmão me entende,  
 Me esperta e espalha pela fronte ardente  
 Com pedaços de nuvens meus cabellos!  
 Qual amigos achados, que se abração,  
 O coração no coração vibrando  
 D'entusiasmo, e offegos derramão  
 Da bocca aberta generosa chamma,  
 E os sentimentos ás feições remontão.

---

Aqui Byron cantou. Mesmo esta pedra,  
 Que ora sente uma gotta fria e rapida  
 Do meu pranto que apaga a viração,  
 Talvez estremecêra de escutá-lo,  
 Qual do raio ferida. Oh! me parece  
 Que aqui te vejo, ó Byron, a meu lado,  
 Á minha esquerda unido me incitando  
 Ao desespero da descrença imiga  
 Com tua voz infernal — verdade horrivel!  
 — E á minha dextra o tenho, anjo da guarda  
 Preso a meu braço contra a força tua,  
 Me arrancando de ti: co'um dedo santo

Aponta-me p'ra o sol que sae das serras  
Piedoso Lamartine! e o penhasco  
Brandêa e geme no pesar da luta:  
E d'um lado o demonio e o anjo d'outro,  
E eu no meio, minh'alma despedação!  
— Vòa commigo, ó anjo, nas tuas azas  
Candidas salva-me: o demonio embora  
Me persiga mostrando-me os meus dias  
Como são desgraçados.... porém, antes  
Fallaz esp'rança, que a descrença eterna.

---

Aqui tambem virás, sol dos teus dias,  
Sol dos dias depois, de todo o tempo,  
De tua vez suspirar: e tu, ó pedra,  
Has-de mover-te então, e não do medo  
Da tempestade bella, e nem do pio  
Da andorinha perdida que não sobe,  
Que nas fendas descae; porém de ouvi-lo  
Tão sonoro e divino, que no monte  
Embatendo-se os montes e os penedos,  
E o olmo e o pinheiro, que de antigos  
Passa o vento e não dobrão-se — entoarão  
Como o côro do templo á voz solemne  
Que do altar se levanta: o plano e o valle  
Aos céos, aos mares levarão seus echos:  
E do seio dormente a natureza  
Ignoto o canto universal desperte!

---

Oh, minha alma s'expande! ampla se exhala  
No céo! e o corpo que terreno á terra

Languido cae, ainda é bello ver-se  
Sacudido das nuvens que o rodêão.  
— Meus olhos inda a vêm — lá vai minh'alma  
Pelas torres de Mafra resvalando,  
Pelo horizonte, além, no mar azul,  
No ether puro e sem fim, mais longe, em Deos,  
Na minha patria, que é de Deos tão perto!  
Grandioso espectac'lo! scena immensa  
Que o pensamento ávido percorre!  
Eu amo a vida assim.... assim eu vivo....  
Eu amo a vida assim! lidoso vento  
Oco varrendo suffocado estrondo,  
A desramar o castanheiro annoso,  
O basto pinheiral, a mim se lança  
Como aguias ethereas, com suas azas  
Agitando, espertando-a langue e lassa,  
Pobre minh'alma em somno: em rijos gritos  
Sinto me suspenderem, meus cabellos,  
Meus braços arrancando! — E a nuvem passa  
Pelo valle com o gado dos pastores;  
E o mar escuma além, se encruza e brama  
Se perdendo no céo; levanta o ether.

---

Como se o Creador não acabasse  
O edificio do mundo, e que estas pedras  
Fossem materiaes e estas montanhas;  
Uma columna, um panno da muralha  
O Corcovado americano e os Andes;  
Este mar que ficou á tempestade  
Devêra fonte ser deliciosa,

Não paiz de naufragios; e estes ventos,  
E estes valles chorosos, o arvoredos,  
E a pobre humanidade ensaio fôra  
Para um céo eternal d'harpas ethereas  
D'um só cantico e amor: e, distrahido,  
Ou de cansado, ou morto o Autor-Supremo,  
Ao acaso ficou tudo sem ordem,  
Antros feios, montoadas penedias:  
Tudo pergunta o que é.... que vale.... tudo  
Balbucia em sua dôr! as aves trinão  
Sem saber do seu canto; os homens chorão;  
Bale a ovelha no campo; as nuvens tremem,  
Vão fugindo de horror, nada se entende;  
E por fallar se esforça a natureza,  
Que de imperfeita está desfallecendo.  
Que bello templo, se acabado o mundo!  
Natural harmonia a um Deos sómente,  
Uma vista, uma voz; não este inferno:  
O bruto contra o bruto, o homem do homem  
Esconde-se da terra nas entranhas!  
A fera amára ao candido cordeiro,  
Nem de morte manchára a lã mimosa;  
As aves não perdêrão-se nas nuvens  
Perdendo o ninho e o bosque de medrosas;  
Nem os filhos do Christo sangrarião  
Nem murrêrão na lança musulmana;  
Não virão tantos seculos idólatras  
Deoses de ouro banhar fumante sangue:  
O mar sempre bonança, o céo d'auroras,  
O raio não voára entre o negrume

Pousar no velho tronco, ave de fogo,  
E fazê-lo cair, gritando aos homens !

---

O' grandeza sublime ! oh, eu quizera  
Ver com meus olhos esse dia, quando  
O echo da palavra era o nascer,  
Gravitar e cair, o amontoar  
Dos seres — confusão negreja os ares,  
N'hora tudo surgindo ! oh, eu quizera  
Meus ouvidos nutrir desses terrores  
Do fracasso das aguas e dos montes,  
E ver divino o vulto suspendido  
Pelo espaço, que rasga-se ante d'elle,  
Atrás d'elle ondulando ! Aberta e franca  
Nasce a lua sem côr, scintillão astros,  
Lampêa o sol.... Porém, meu Deos dizia  
Que só hoje eu devèra remontar-me  
Ao principio e nascer, e contemplar,  
Rugir d'ignaro, e de blasphemias vezes  
Os labios escumar, fender minh'alma !

---

E bando alado de phantasmas gyrão  
Em manadas no ar comosas nuvens  
Que o pastor Aquilão conduz ao sul :  
M'envolvem, paixão, amão estar commigo  
A minha imagem projectando nellas ;  
Pela face do sol se espalhão lentas,  
O plano e o monte sombreando, e as flôres  
Arrefecendo e os homens do trabalho.

---

A lua desmaiada está na serra  
De saudade e luar banhando o pincaro :  
Sympathia e candor trouxe no rosto  
Que move a terra, qu'emmudece ao vê-la.  
Sobre a grama cheirosa sustendo o corpo,  
N'um meio somno amollecidos olhos,  
Tremulos raios sobre as minhas palpebras  
Envergão seus fulgores, que antevejo  
Frescos, longinquos, limpidos, saudosos,  
Como a luz virginal d'alvas de leite.  
— E' tarde pura : muito longe encontro,  
Tão longe ! apenas onde a vista alcança,  
Como elasticas aguas se estendendo,  
Como restos de luz, mimosa relva  
Amena e verde ; um'arvore a sombrêa  
Que bello monstro enrola, e frutos pende.  
Um homem como o dia transparente,  
Rodêado de sol, com fórmãs de homem,  
Mas, que as perde se as buscas, que é tamanho,  
Que na simple unidade é só visível !  
Lá está no cume de dourado monte :  
Um formoso casal anda a seu lado  
De robusto mancebo e loura moça,  
Redondos seios e os cabellos lisos,  
Innocentes brincando com as feras  
Que andão tão mansas que não fazem mal.  
O vulto crystallino contemplando  
A harmonia geral da criação,  
Interdiz um só fruto ! e os abençôa :  
Entrou no seu repouso as sexto dia,

No cahir do occidente... Horror! das nuvens  
Longa espada de fogo meneando,  
Bradando um anjo dentro d'azas desce....  
A' voz de maldicão tudo se aterra!  
Fogem delles os brutos! vão banidos,  
Coitados... Vão chorando desses campos...  
Lá se assentárão tão cançados... ólhão  
Para trás de saudade... arida a terra  
Já regão de suor, pedindo um fruto...  
Perseguidos do insecto o corpo cobrem,  
Dantes tão bello ao sol!... filhos já nascem  
Pervertidos tambem: nascem nas dores  
Da mãe, que hão-de amanhã, seios que os crião,  
Partir de mágoa... de miseria os homens  
Já desfazem-se! — O ceo cresce d'encantos;  
Na porta da choupana ha quem m'espere:  
Ás vozes de Maria as serras desço,  
Respondendo ao meu nome, que ella chama.

---

Oh, selvagem que eu sou: maldigo um'hora  
A innocencia que eu amo! ella inda n'alva  
Tremula, esquiva e timida de ver-me,  
Ás vezes sobressalta, aperta os seios  
Como sustendo o coração que foge  
Co'as mãos frias e brancas; se enrubece  
Nas faces ambas, e seus labios tremem,  
E seus olhos fugaces não se fitão  
Sobre os meus... e ella ama-me! ella foge!  
E eu... quero assentá-la em meus joelhos,  
Correr a minha mão nos seus cabellos,

Cobri-la minha irmãa toda de beijos,  
Nutrir-me da sua falla... Oh, desespero!  
Eu manchá-la ella teme! e já tem n'alma  
Esse amor de mulher, o amor do goso,  
Delle embora estremeça?... O' anjo! o' virgem!  
Meu amor não é esse, o amor da fera:  
Eu nutro-me de amar, vivo porque amo  
D'existencia e poesia encher minh'alma,  
Que não de torpe e languida e cançada  
Esvaece em desmaios, e os sentidos  
Com o pensamento embrutecido morrem.  
Mas, idade feliz! pobre innocente,  
Hoje teus olhos só movem teu peito,  
Teus ouvidos tua voz. Lá vai cantando  
Seus canticos d'infancia, que sua mãe  
Ensinou-lhe levar a Deos. E eu rujo,  
Não sei de que... de amor! bracejo os braços,  
Sacudo a fronte ao respirar mais livre.  
Oh, não cantes: se queres que eu te escute,  
Seja dos meus joelhos, anjo! virgem!  
— Aqui eu vivo: em mim tudo renasce,  
Sentimento de amor e d'esperança  
Que a multidão gastava-me do peito.

---

Tejo.

Quando o sol de além das nuvens  
Despeja os raios no mar,  
Todo encarnado o horizonte,  
Longe, longe a se afastar,

Começão auras do Tejo  
Aberta vela a embalar.

Um chora o adeos da patria,  
Um cáe nos braços do amigo  
Saudosos, sem perigo;  
Aquelle beijou sua mãe.

Uma só, mimosa e virgem,  
Não teve quem abraçar,  
Do pai aos lados pendente  
Corria a vista no mar.

Tão orfã! tão piedosa... eu logo amei-a  
E para sempre! eu creio... e a virgem amou-me!

Tinha treze annos de idade!  
Idade da transição,  
Quando da vida assaltada  
Sente mimosa emoção.

Formosa e pallida e bella,  
Toda expansiva de amor,  
Na graça púdica verte  
Emanações de pudor.

Ambos nós orphãos na terra,  
Achados acaso assim...  
Meus olhos ião sobre ella,  
Seus olhos vem sobre mim.

---

Eis vultos nascem no horizonte, crescem,  
Assombrão céos e mar: quem sois, phantasmas?

Descobri vosso rosto e os vossos olhos...  
Cintra! Cintra, que sem mim ficais!  
Tudo de lá me acena, ó meus amores,  
Monte saudoso, ó Pena! que me ouvias,  
Bracejando com as nuvens e orgulhoso  
Do céu, do sol, meu canto qu'ensinavas.  
Tudo me acena! as fontes mais suspirão,  
Maria joven lá me bate o lenço  
Alvo como ella, e humido do pranto  
Como o seu peito, que como elle ondula;  
Alvorçada grita... ai! que parece  
C'os os braços arrancar a alma e mandar-m'a:  
Dizer-me « novo amor guardão-te os mares:  
« Me foges: lá nos céos te encontrarei... »  
Tão nova, como as breves primaveras  
Que tem florido nesse valle ameno.  
—O' bella Cintra! arranca-me, saudade,  
Meu coração do peito, e que palpite  
Sobre as ondas da serra; ou vós, ó penhas,  
Montes, erguei-vos, me segui com ella!  
Cintra! Cintra, que ficais! ó mares,  
Que a verde coma desfolhais ao vento,  
Não regaceis o vosso collo undoso  
Para encobri-la... ó nuvens derrocadas,  
Não cahi diante mim... O' Cintra! ó Cintra!  
Qual meus olhos no pranto, vos sepultão  
No ether espaçoso os horizontes...

---

Ilha de S. Vicente.

À palavra de Deos cahia o mundo :  
Foi um gigante o que surgio no espaço!  
D'homem que era, abrindo os olhos ávidos  
E a garganta inflammada, hiante — ri-se,  
Julgando seu irmão defronte delle —  
E sobre o Creador, á imagem humana  
Emquanto sua obra contemplava um pouco,  
Lança-se! — Deos se retirou de um lado:  
E devorando o vio sua propria sombra,  
Velloso coração rangendo, um monte  
Nas cavernas do peito! de cansaço  
A lingua pendurava, immensa serpe,  
Como espada de sangue fumegando  
Que de dentro dos hombros arrancasse!  
Horrendo berro, como o vendaval,  
As nuvens separou — no desengano:  
E de novo a cabeça suspendendo,  
Ondulante muralha se antepunha,  
E o monstro gyra por detrás mugindo.  
— Então, contra esse filho o Deos dos astros  
Seu raio d'indignado fulminando,  
O fez despedaçar: diz « Do teu sangue  
O oceano se forme, e dos teus membros  
A dura terra, que produza vermes  
Como tu és »: e novos homens nascem,  
Nasce a serpe e germina a morte delles;  
E este mar de verdete é sangue humano

Acre, e sempre a ferver pollutas fézes;  
 A mais arida rocha, onde se quebrão  
 Ventos, naufragios cobrem, e nunca treme,  
 Vem do seu coração; e os outros órgãos  
 São essas outras terras, matto, abrolhos;  
 E o homem que do cerebro lhe sáe,  
 Peior do que elle foi aqui respira,  
 Como essencia volatil deleteria,  
 Minimo em corpo, em ser cruel grandissimo!

---

Porque não repousais uma hora, oceano?  
 Como o espirito do homem, que não dorme  
 Até morrer! um echo indo passando  
 Pela esphera: « quem sou? quem deu-me o ser?  
 Onde me levão? donde eu vim?... » perdeu-se.  
 Vos espera tambem o fim do homem?  
 Quão grande não será, solemne e bella,  
 De vossa morte a hora! n'um momento  
 Sulcando o céo, qual raio luminoso,  
 Do aceno da mão divina a sombra,  
 Contrahireis; d'immenso estremecendo,  
 E como a vacillar da voz que ouvistes,  
 Levantando um gemido — e depois... nada!  
 E como o homem, sem saber que fostes,  
 Vossas cinzas varrendo o vento leva  
 Pelas soidões sem fim. Que sois, oceano?  
 Eterna agitação, suspiro eterno  
 Tendes no seio: emmudecei, dormi...  
 Não podeis, qual minha alma, e força occulta,  
 Que sempre contra mim se ergue e me quebra

Como hastea resistente, vos ameaça:  
Além a tempestade se revolve  
Para açoitar-vos. Já, como eu, convulso  
Rugís, lutais; como eu vós pereceis,  
Desangrado cahis: inda expirando  
Somos irmãos, oceano, inda o buscamos —  
Embalde! e sem viver nós morreremos.  
— Erguei, erguei a voz! ide entre os astros,  
Batei as praias, sacudi os montes,  
Despertai o universo, que responda,  
Como depois do estrebuxar de um sonho  
Em sublime acordar, terrível, forte—  
Que nós somos, porque, Deos onde existe,  
O que é... Na penedia negro sulco  
De fogo um raio fez, rio de fumo  
Susurra e serpentêa; os céos tremêrão!...  
Silencio! A sombra de meu pai me olhava....  
Fechou suas nuvens, e se ergueu nos ares.

---

Vai-se a vida como passa  
Leve esquite pelas ondas:  
As aguas abrem-se adiante,  
Atrás s'escôão desondas:

Seu rumo agulha no occaso;  
De lá se levanta a terra;  
Mais proximo, a praia embranca  
Lavando as plantas da serra.

Arrasta a quilha n'arèa ,  
Toca a prôa n'um penedo ,  
Noite! e o nauta incauto andando  
Espanta um grito de medo.

Responde o echo da margem :  
« Pára! chegaste no porto. »  
E o navegante do mundo  
Baquêa na praia morto.

Donde veio? do nascente ;  
Aonde ia? elle o não soube :  
Na direcção do sol-pôr,  
Á noite chegar só poude.

E nas trevas envolvido ,  
Sómente uma voz lançou :  
E nem se ouviu o que dice  
Passando o triste — acabou.

E o mar todo é coalhado  
De mil gentes passageiras,  
De ledas vagas cercadas,  
Susurrosas, lisongeiras :

Ásvezes em tempestade,  
Muitas vezes em bonança :  
Porém vão-se desondando....  
A nossa vida é mudança.

---

A' tarde, quando o sol da sphaera atira-se  
E no occidente, qual guerreiro, morre

D'além funereas nuvens que suspensas  
Mil bizarras figuras, mil castellos,  
Selvas, ruinas pelo céo desenhão,  
Illudindo de maga phantasia  
Rubras campinas solitarias, amplas,  
Como juncadas de sanguinea relva,  
A sombra de um combate que ficára,  
Que pelas fendas deixão ver as nuvens  
Tão longe! sobre o sol pousa minh'alma,  
Juntos naufragão. Então amo perder-me  
Na soledade etherea, e divagando  
A' discrição da minha imagem, eu erro.  
Mas a tarde s'esváe, os céos s'estrellão,  
A meditar cansado ora me assento  
Nocturno e triste na sonora prôa,  
Solitario co'o mar e a fresca brisa ;  
O pensamento aberto, mas torvado  
Da grandeza ideal, pasma sómente,  
Admira e não sente o que comprehende,  
Como de amor embrutecido, cae.  
Errante, agora me debruço á borda,  
Vendo as ondas passar embranquecidas  
Como plumas de cysne, minha fronte  
A humedecer de pó. De noite eu vejo  
Povoado de sombras, de florestas,  
De fogos de pastor o mar deserto,  
E rodeado de mudez, acordo.  
Anna roçou-me o braço : fria, tremula  
Pelas sombras procura-me : « que eu vejo  
Tanta tristeza e solidão na tua alma !

Enche-a de mim ... Tua fronte desdobrada  
 Ao longo pensamento, o que tens nella  
 Qua a faz tão pallida e piedosa e doce  
 Como a luz do crepusculo longinquo ?  
 Que frieza te banha o coração !  
 Murchando como á voz d'ave agoureira....  
 Amanhã inda ha sol.... não morres hoje...  
 Oh ! desperta, brinquemos nesta idade  
 Da risonha manhã, nevada e pura,  
 Borboletas do campo, a flôr colhamos ! »

. . . . .  
 E eu sonhava : e eu vi-me solitario,  
 Olhando o espaço balançando estrellas.

E esses sonhos que eu via, onde já forão  
 Da apaixonada aurora ? e foi-se o dia :  
 E eu que fui ? e amanhã, quando outro sol  
 Lançando-se em seu vôo arrebatado  
 D'agua que se abre para o cume azul  
 Novos sonhos prestar-me e nova esp'rança,  
 Que eu serei amanhã, nesse outro dia ?...  
 Eu não tenho amanhã : minha existencia  
 Toda acabo sempre hoje, embora triste,  
 Mais triste o meu porvir me aterra sempre.

E tu, esperança, e tu, consoladora  
 De todos, que me fallas ? oh, não queiras  
 Mais perseguir-me ; vai-te, ó inimiga,  
 São mûi longas tuas horas, mûi comprido

Tu me fazes o tempo.... que elle passe  
Para mim, como um ai de moribundo !  
Enfadonha, pesada, aborrecida,  
O' vida d'esperança, que és penosa  
Tortura deste inferno da existencia !

---

Manga esvelta das nuvens se despenha  
Farejando o mar, penoso e longe  
A voz das vagas se embateu no occaso :  
Um braço de gigante monstruoso  
D'etherea serrania se alongando  
Penetra as aguas, famintando presa  
As entranhas revolve ; longas ondas  
O rodêão e bravejão, como feras  
Seus irmãos defendendo : lentamente,  
De um pulso cheio, convulsivo, igual,  
Indifferente vai colhendo, engole-as,  
E se recolhe, e sobre o peito encruza.  
E o chuveiro passou, desfez-se a tromba,  
A onda que a beijava ao mar se aplanava  
De recentes rosas : assim da torre  
O preso se debruça e estende o corpo  
Por a amante chegar, que se suspende  
Nas pontas do alvo pé, que as mãos se tocão  
D'uma invisivel attracção chegadas.  
Volta ás sombras da torre o prisioneiro ;  
Pelas paredes resvalou saudosa  
Qual raio fugitivo, e desaparece.

---

Menêa a larga cauda e as barbatanas  
Limoso leviathão cheio de conchas  
Com dorso de rochedo que ondas cercão ;  
Chrystallinos pendões planta nas ventas,  
De brilhantes vapores, que em bandeiras  
Iris enrolão de formosa sombra.  
Negra fragata lá circula as azas  
Sobre a nuvem dos peixes voadores.  
Agora rompe a não lençoes infindos  
Que o mar tepido choca, e vindo a aurora  
Já salta a criação d'escamas bellas.

---

Vem formosa galera a largos pannos  
Arquejando anciosa ; silva o apito,  
A cortezia nautica responde-se.  
Já ia bem monotona a viagem  
Nesta mortificante calmaria :  
Tristes campinas da agua, se não forão  
Essas novas surdindo-vos dos flancos,  
Fazendo de alegria estes semblantes,  
Ou torva tempestade a desfazê-los.  
De novo já nos vamos isolando :  
Apenas desta ilha sobre ess'outra,  
Que vai ficando atrás do pó que erguemos,  
Os olhos inda estão ; e os meus sómente  
Procurão naufragar, morrer.... quem déra  
Porto de salvação onde ancorassem !  
— Um mar tempestuoso eu tenho dentro,  
Como este mar desesperado eu ando :  
Estes raios da noite almo-fluentes

Não me afagão. A lua còr das alvas  
Atravessa o occidente matutino,  
Hostia christãa nas sacrosantas aras ;  
Em fogos de rubim fronteira rosa,  
Luzente calix se suspende no ar  
Pela mão invisibil creadora  
Do sacerdote rei, do Deos dos astros.  
Nem as horas do sol são minhas horas,  
A noite para mim perde o seu somno,  
Nem é meu nem sou delle o mundo — eu amo !

---

Quem foi que t'ensinou tão triste pouso,  
O' solitaria virgem ? onde vagueão  
Teus pensamentos ? que um suspiro corta  
Nesse mimoso, candido, tenuissimo  
Arfar — teus seios limpidos se erguendo  
Igualmente, e de ti mesma esquecida,  
Teus olhos onde vão ? quanto és do céo  
Pousada assim ! de claro-azul vestida,  
Esvelta e simples, singeleza toda,  
Desmazelada e virginal e infante,  
No braço longo reclinada, n'haste  
Botão pendido ao crystallino peso  
Da aromosa manhã. Vezes s'enrugão  
Tua fronte e os olhos, sob o pensamento  
Que n'uma ave passou na face d'agua.  
Um doce encanto, amores espontaneos  
Correm como onda do teu rosto, e o corpo  
Quebrado pelo meio ! E tu nem pensas,  
Pobre innocente, o ar que tu respiras

É minha vida derramada em torno.

. . . . .  
 . . . . .

Meu pensamento delirante, oh, nunca  
 Co'essas azas não vões ! ave atrevida,  
 Arrojada n'um céu delicioso  
 De fantasias magas ! tenho zelos  
 Do meu louco ideal pensando nella,  
 Zelos dos sonhos meus.... minh'alma açoito,  
 Reprehendo os meus olhos, meus desejos,  
 Quando por ella liquidos fluindo,  
 Querem morrer, devanear d'amores  
 Desterrados por ella.... e tão coitada,  
 Tão d'innocente mansidão.... Horror !  
 Oh, remorsos ! manchei-a na minh'alma :  
 Sombrio abysmo, um antro, abri-me o inferno,  
 Onde eu possa esconder-me do meu Deos !

---

Costas do Brasil.

Salve ! pincaros frondosos  
 Do meu frondoso Brasil,  
 Os pés em verde esmeralda,  
 A frente n'um céu de anil.

São meus irmãos estes ares  
 Que vem meu rosto afagar,  
 No meu encontro saudosos  
 Correndo por sobre o mar.

As aves sabem que eu venho,  
Escuto seu doce canto  
Na montanha realçando  
Pelo céo longo descanto.

Requebrando-se as palmeiras  
Respirão suavemente,  
Como virgens encantadas;  
O regato ergue a corrente.

O sol desonda seus raios  
Pelos declivios do monte;  
As nuvens se purpurêão,  
Vestem galas o horizonte:

Como a familia que espera  
O filho por muito ausente,  
Em festas tudo se ennova,  
Tudo alvoroça contente.

O' terras que o ser me derão,  
Recolhei-me em vosso seio,  
Como os irmãos a José,  
Quando d'escravo lhes veio.

---

Da cara patria, ó musa do crepusculo,  
Ao céo azul que está sorrindo, acorda  
Os pretos olhos, e os cabellos d'ebano  
Aos ventos, solta aos ventos, doce amada!  
A voz d'alma desprende á voz do monte  
Das palmeiras sonoras e dos rios

Que nos campos se erguendo ao mar se lanção !  
O' musa, ó musa ! acorda o somno eterno  
Do leito de além-mar, da fria Europa.  
Á sombra do deserto, erguido o vento,  
Sob tuas mãos tuas harpas se desatem :  
De tua vez adormenta a selva antiga  
Que te soube educar feliz d'outr'ora  
Na vida maternal d'alva dos annos,  
Escutar-te o vagido acalentado  
No canto de seus passaros brilhantes.  
Recebe o filho teu, patria adorada ;  
Mãi piedosa, não sequeis-lhe o seio.

---

Rio de Janeiro.

Nem olhes para o chão servil dos homens,  
Falcão divino ; das tuas nuvens sente  
Da terra a vida, o inspirado encanto :  
Qual india virgem das florestas suas,  
Que seu leito são ramos de folhagem  
Onde ella dorme á natureza e cresce  
Energica e selvagem, nua e bella,  
Ao echo de Amazonas e palmeiras  
Que em toda parte lhe renasce, e embala  
O deserto e os sertões. Ella divaga  
Porque a alma tem cheia d'existencia :  
Ora pende no rio e dá-lhe ouvidos  
Por entender-lhe a ondulação das vozes,  
Vendo c'os braços se uma estrella apanha,  
Luzentes boyas nos espelhos d'agua ;

\*

Ora abraça uma selva e lhe pergunta  
Que diz no seu fallar — quando ella acena  
Com seus ramos ao céo — que diz o vento?  
— E a criação seus canticos esmalta  
Aos orgãos perennaes da natureza,  
E a india virgem por seus montes erra  
Sem medo d'homens, sem temer as feras.

---

Torrentes de poesia, essa poesia  
Que a muita dôr talvez, talvez a idade  
Represou no teu peito, ha de exhalar-se  
Com tua alma desfeita, como o fumo  
Que do cedro que arde ergue-se puro  
Em longinquo horizonte do crepusculo  
Sem ser dos ventos perturbado aos céos.  
E as douradas cadeias sonoras  
Que em bons tempos viris eternisavas,  
O mundo todo arrastaráõ de novo  
Com mystico poder que tens dos céos.

---

Este céo tão azul, e o sol n'um fogo  
D'americana luz; este mar verde  
Subindo pela encosta ennegrecida  
Dos pinaros do sul sempre de galas,  
Roxas nuvens no cimo, um regio manto  
De opulenta, eternal, fresca e cheirosa  
Vegetação ondeando-lhes nos flancos,  
Saias por corpo de mulher formosa,  
Romperáõ.... romperáõ, cysne celeste,  
O teu canto final ! que vais partir....

. . . . .  
 Porém, tudo isto, ó pai, dá-me só lagrymas,  
 Não entendo porque: parou no peito  
 Meu coração, minh'alma de medrosa  
 Sob si se recólhe, e de uma noite  
 Tão pallida como ella envolta, cae.  
 É minha vida um pesadelo eterno  
 D'uma noite affrontosa: quando um dia  
 Raiará para mim? quando este peso  
 Poderei sacudir, que tanto mata?  
 Acordar, levantar-me deste leito  
 Da terra, duro e triste, e sudorado  
 Do meu peito que em forças se desfaz?...

---

Bahia.

O' minha sorte d'hoje! ó sorte d'hontem!  
 Não me viste passando, ó mar, tão ledo  
 Nas azas da esperança? e uns doces ares  
 Sem esforço levavão-me inspirado  
 N'um circulo de amores vaporoso,  
 Primaveraes graças respirando,  
 Rosa encarnada ao sol exposta abrindo.

---

Que viagem feliz! quanta bonança,  
 Quanto galerno! as ondas se humilhavão  
 Por deixa-la passar, que amor sentião  
 E murmurando amor se debruçavão  
 Nos braços do oceano indo em suspiros.  
 Dia, encanto diffundè em torno della

Doce luz d'innocencia erguendo os raios.  
Não a viste, matrona brasileira,  
Passar na glauca relva? pomba nova  
N'um voar titubante á flôr do lago —  
Roçando a ponta d'azas docemente  
Laminas deixa vinculando, tintas  
Do carmim matinal, do verde lacteo,  
Respirações do dia em frescos berços.  
— Meigas rôlas azues do umbroso norte,  
Vossa irmã se perdeu, gemei na selva.

---

Nem oiro nem riquezas a fazião,  
Seu ser todo era ella, uma flôr núa,  
Toda cheirosa e bella de si mesma:.,  
Doces nuvens de um puro firmamento  
Depois da chuva á tarde, os seus vestidos  
Pelo seu corpo algodooso e tenro,  
Os braços longos de vergontea, os hombros  
De seda, se anilando se abrandavão;  
Espreguiça no seio alvóreas perolas,  
Como ás bonanças do alto mar vivendo;  
Nas conchas de marfim, como de petalas,  
Astros nos pólos dous orvalhos tremem:  
Singela como a estrella do crepusculo  
Do céo azul trajada, e como o lirio  
Sómente de suas folhas innocentes,  
Eu via-a minha noiva! matutina,  
Nessa idade fatal, quando eu as amo;  
Quando esparso o pudor na luz do rosto,  
Duvidosa a paixão, ignorão e temem;

Porque naturalmente inda só sentem  
 A dôr que os olhos vertem, e assaltadas  
 Com vaga timidez nos fogem: pensão  
 No seu recolhimento, e de piedosas  
 Só nos sabem fugir; pobres! nos amão  
 De um amor virginal apenas d'alma,  
 Que os vís sentidos não se nutrem delle.  
 — Cae tuas folhas, Bahia, das mangueiras,  
 Da jaca murcha a flôr, teus fructos morre;  
 — Vós, o' rôlas azues do umbroso norte,  
 Deixai as pennas: a perdi... perdi-vos.

---

Novilunio na humida montanha  
 Brando claro das faces estillando  
 De azulado crystal, que lava o templo  
 Das compridas palmeiras, que amorosas  
 Estremecem dos pés á rama e envergão  
 Doces arcos aos zephyros dos cumes,  
 Emquanto a baixa de sereno empasta:  
 O astro se perdeu; deste horizonte  
 Vejo a terra em meus pés desfallecendo!  
 Agora os temporaes são meus encantos,  
 Mesmo o naufragio amára, em noite horrenda  
 Brigar com a morte: compulsar minha alma  
 Gósto em sonhos de amor, ou nos perigos  
 Então eu vivo. Os mares 'stão mudados,  
 Oh, ella não vem mais... olhai as ondas!  
 Cahio a noite em mim, nem mais seus olhos  
 O dia me alevantão, como d'antes.

---

Recife.

Salve, ó barca formosa! Salve, ó barca!  
Paiz dos meus amores do alto mar:  
Sem tê-la vossas azas vos erguendo,  
Como as ondas correis? onde a deixastes?  
— Á direcção do acaso, nos meus olhos  
Mil vezes eu a vi, que nella eu penso:  
Foi sómente a illusão da imagem pura  
Emanando-me d'alma á diante... ó sombra,  
Que em tua sombra me cansas fugitiva!  
Inda a impressão guardais dos pés mimosos,  
O' barca, no convés—quando ella andava  
Distrahindo, radiando o pensamento  
Pela verdura da agua? Que respeito!  
Começavão nos céos as tempestades,  
As nuvens desfazião-se ao vê-la!  
— Debalde a multidão rompi de noite,  
Estrella subalterna que perdeu-se  
Do seu astro, e, sem luz, por trás do espaço  
Vai apagada, errante; oh, foi de balde  
Que tudo pareceu-me a ti! não era.  
Porque deixaste o teu vestido azul?  
Que fazia-me ao longe conhecer-te,  
Como pelas suas flôres qual a planta,  
Como pelas suas nuvens a manhã.

---

Maranhão.

De sob a prôa se levanta d'agua  
Tão pura como o céu, corôada d'hervas  
Bella nympha do norte: o Pindo helleno  
O sol que thessalino alumiaava  
Lembrar fazia; americana Pallás  
Se enlevando no mar, como vaidosa  
Corre os olhos em torno pelos hombros  
Nos filhos, como selvas que a rodêão:  
— Aquelle vê, que as tabas desenterra  
Sepultas na folhagem do carvalho,  
Ao clima das palmeiras transplantado,  
Enche-as das festas do guerreiro e os cantos  
Á voz do maracá ruidoso e bello;  
Caminho de Pascal, sobe os altares  
Beijar suas mãos, sacrificar a Newton,  
Cingida a fronte; a corrupção moderna  
Açoita voz romana. Já mais perto,  
A minha vista me perturba, sinto  
Banhar-me o peito um ar... que eu não estranho,  
Mas, que procuro conhecer... Eu amo  
Estas costas, aquelle pedregulho,  
Que a resposta de um indio fez o nome,  
Isolado e limoso ali suspenso,  
Estrella reflectindo ao navegante,  
Apertado nos braços das escumas,  
Rei d'agua sacudindo a cabelleira  
Entre as brancas oceanidas risonhas!

Mais longe espalha-se uma terra... Alcantara!  
Negra ossada d'incognito cadaver  
Em sepultura abandonada, bella  
Cingida das barreiras como sangue;  
E pelas torres tristemente errando  
Vejo as sombras dos meus antepassados,  
Pelos avítos tumulos se encostão.

---

Ilha de São Luiz! meu Deos, eu morro!  
Bandeira de São Marcos, entre as palmas  
Verdes como ella! Doce claridade  
Circumda-me, em transportes, qual a morte  
Me adormece d'enlevos! Deos, ó Deos!  
Nas aguas deste mar lava a minha alma,  
Ao lado de meus pais deixa o meu corpo  
Nesta hora de rever o Maranhão,  
As minhas terras, minhas ondas glaucas  
E o meu sol do equador, meu céu, minh'alma  
Que é tudo isto que fórma a minha patria!

---

Selvagem sou, nos montes eu nasci  
Por entre as camponezas e os pastores:  
Amo a vida levar entre os louvores  
Das aves do meu lar cantando a mi;

Amo os costumes em que fui creado,  
Correr livre no bosque e na ribeira,  
Meus amores á sombra da palmeira  
Descantar, e dormir somno enlevado;

Amo a voz de poesia na floresta,  
E o zumbido nocturno dos insectos,  
Invernosos concertos incompletos  
Dos lagos, invernosa a tarde e mesta;

Eu amo o trovejar, tremer do monte  
Quando em lascas o tronco atira o raio,  
Ver os astros cahindo em seu desmaio,  
Nas torrentes perder seu leito a fonte;

Na matta o sabiá melodiando  
Quando a chuva estiou, e os passarinhos  
Da meia noite; andar pelos caminhos,  
Amo ouvir os tropeiros ir cantando;

Amo a voz da cigarra no horizonte,  
A tarde quando pousa ave sombria  
Ante a fronte da noite e os pés do dia,  
A mãe com os filhos a voltar da fonte:

É esta a minha terra, este o meu sol,  
Estes meus ares que eu respiro n'alma,  
Esta a rama que abriga-me da calma,  
Este o meu céu da tarde e do arrebol.

Suspensão nestes cumes arenosos  
Sou ave do seu ninho em torno olhando,  
E, vaidosa! suas azas levantando  
Canta, e percorre os climas tão saudosos;

Triumphante adormece, inebriada  
De extase e prazer ao som das vagas  
Cahindo no arêal, batendo as fragas,  
Encantando os jardins d'agua salgada;

E longa o echo pelas praias lento;  
De sensações as pennas arripia,  
Estremece de amor, e a onda fria  
Nos desertos lhe leva o pensamento.

Este paiz é meu! tudo me falla:  
Ando na terra, os arêaes e a relva  
Engolem, rangem nos meus pés; a selva  
Seus ramos docemente em mim resvala.

Abrem-se á minha vista os céos, se amplêão;  
Os zephyros me afagão, meus cabellos  
Banhando de perfume, e os hymnos bellos  
Meus ouvidos harmonicos enlêão.

---

Subi, vagas! subi—vinde abraçar-me,  
Não recêeis de mim, sou vosso irmão:  
Julgastes embalar meu coração,  
A sombra do meu corpo a embalançar-me.

Como é bello o navio que navega,  
Offegante escaler preso na pôpa,  
Longas vélas o nauta ao vento ensopa  
E pelo mar á terra o peito nega!

De noite o mar de pescadores coalha —  
Um concavo rumor de tudo echoa,  
O remo tomba surdo na canôa;  
Desce o genio dest'hora, a dôr se espalha :

— Um nautico estrondar na marge opposta,  
— Uns lamentos fataes se alevantando,  
No fundo dos desertos ululando,  
De vozes a cercar toda esta costa....

Como descantes do ruidoso dia  
Que na terra calou, que se evaporão,  
Gemidos que mui longe se descórão  
Das harpas que a gemer no sol se ouvia :

Encantado pavor, ethereo e mago,  
Silencio — cheio de uma voz amada,  
Voz — de silencio mystico impregnada,  
Rugir das roupas desse genio vago!

---

Quanto tempo não faz que eu não ouvia  
O terço dos soldados no quartel,  
Qual voz do derradeiro menestrel  
No monte quando sua harpa suspendia!

Inda á sombra da lua na choupana  
Baixo canta na viola essas cantigas,  
Que eu amava da infancia, tão antigas,  
Triste escravo... é sua dôr que ali dimana.

Pelas dunas me estendo, qual de amor  
Abraço-as mesmo á face do luar;  
De dia inda me sentem delirar  
Entre os raios plangentes do equador.

D'um céu de negro azul tépido vello  
Grosso e limpido cae, nevando a terra,  
A mim e os valles e o rochedo e a serra,  
E eu m'envolvo da noite e o céu tão bello!

Dias do meu paiz! como eu revivo  
Debaixo do meu sol de um clima ardente!  
O vento muge e sopra duramente  
Fendida encosta do calor estivo.

Vejo em torno de mim minhas irmãas,  
E as minhas virgemzinhas mais crescidas,  
Mais timidias, sisudas, mais queridas,  
Meus amigos, meus velhos d'alvas cãs:

Em todos braços eu me lanço e choro,  
E todos emmudecem me revendo,  
Doce pranto dos olhos escorrendo,  
Doce peito me abrindo, aonde eu moro:

Escutão minha falla, a reconhecem;  
Meus ouvidos eu encho d'harmonias:  
Oh, que eu torno encontrar meus outros dias  
Dos outros tempos, que nos annos descem!

Da minha vida recomeço o fio:  
Do dia de hoje ao dia da partida,  
Deos! apaguemos... á estação florida  
Inverno succedeu, renasça o estio!

Qual n'um sonho eu vacillo, eu paro, eu ólho,  
 Vácuo o peito d'ausencia quero encher....  
 Sinto necessidade de morrer !  
 Na minh'alma sombria me recolho.

Porém de novo o circulo me estreitão  
 Contemplativos, tocão-me, se chegão;  
 Um momento meus olhos não enxergão,  
 Nos seus hombros me atiro, em meus se deitão.

---

Aqui a vida corre docemente  
 Como a existencia dos primeiros annos,  
 Lhana e despida e limpida de enganos,  
 Onda azul pelas voltas da corrente.

Aqui sinto nascer alegre o dia —  
 A andorinha no tecto, a voz d'infante  
 Chorando, o rouxinol: marmorea amante,  
 A lua que commigo adormecia,

Desmaiou, s'escondeu nos meus lençóes  
 Fugindo como adúltera; e, zeloso,  
 Bellos dardos despede o bello esposo  
 Guerreiro sobre mim dos arrebóes.

---

E no silencio a lua vai tão bella !  
 Deixo minh'alma, deixo o pensamento  
 Perder-se na amplidão do isolamento,  
 Enquanto eu vou saudar minha donzella....

. . . . .  
 . . . . .



**NOTES**

NOTES

# NOITES\*

---

## XXVII

### O CYPRESTE.

« Em horas silenciosas,  
Quando a lua desmaiada  
Roga os declivios celestes,  
De pranto a face cortada ;

Quando arranca dos meus ramos  
Tremula sombra e restampa,  
Como o véo sobre o cadaver,  
Na lisa face da campa —

Se estendendo, alva balança  
Pendida lá no occidente ;  
Que volta e beija-me os pés,  
Vôando bella e crescente —

\* Nem presumo serem meus os pensamentos philosophicos nesta segunda parte : em todo o tempo elles existirão , desde que o homem , descendo os braços estendidos ao céu , olhou sobre si , e interrogou a natureza com a razão que lhe dá a verdade de uma Existencia infinita , e que parece negar-lhe a vida além. Fôrão simples dissertações escriptas em verso. Eu respeito , amo a idéa universal — encantadora ! sublime !

Eu sinto pelo meu tronco,  
Desatadas sobre a aragem,  
Tranças leves se abraçarem,  
Cabindo prantos na lagem.

Prantos regão-me as raizes,  
Banhão-me as folhas suspiros,  
Abro os seios aos gemidos  
Dos mais longinquos retiros.

Os queixumes soluçados  
No sepulchro maternal  
Penetrão, vibrão meu corpo,  
Phantasma pyramidal.

Da viuva meiga e triste  
Lacerados sentimentos  
Seus labios vertendo puros,  
Embalão-me como os ventos.

Solitario e mudo e grave  
No meio do cemiterio,  
Terra pallida de mortos  
Envolve em fundo mysterio :

Dou sombra aos ossos da campa,  
Faço o passante pensar,  
Do negro bosque do inverno  
Eu presido o desfolhar ;

Trajado de folhas negras,  
Pinta-me o gesto a tristeza....  
Mas, aos tumulos dou sombra,  
E uma voz á natureza.

Medrosa e tão fida aos votos,  
Amparo a virgem que chora,  
A minha seiva alimenta  
A que ella perde e descora ;

Louco amante, qual fechado  
Na minha vestia fatal,  
Sobre a campa da donzella  
Deixa o corpo e um punhal :

E do peito qu'inda bate  
Arranca a alma ! e qual vento  
Passando leva-me, ás nuvens  
Lançada n'um pensamento !

E no socego da noite,  
Quando as estrellas esvoação,  
Até que os raios do dia  
Mõi de longe a terra ameação,

No frio jardim dos mortos  
Eu vejo espectros nascer :  
Todos irmãos me rodêão,  
Ave nocturna a gemer ;

Desapparecem n'uma hora,  
N'um duvidoso rumor ;  
Renascem, vagão, murmurão  
Sombrias longas de amor ;

Pelas muralhas contemplão,  
Acenão passada a vida. . . .  
Porém, tão tristes caminhão  
Para a eternal dormida :

Nas sepulturas os vejo  
Sobre os ossos se estendendo,  
E depois com o véo da terra,  
Que rompêrão, se envolvendo :

A cada pedra que abate  
Longo gemido se exhala.  
Acorda o mundo dos vivos ;  
No meu paiz tudo cala.

E do nascer ao sol pôr  
Plantão mortos no jardim,  
Novas flôres que com a noite  
Vingão em torno de mim. »

Mystica sombra da vida,  
Da morte a negra expressão —  
Eu amo o cypreste ; a rosa  
Não me esmalta o coração :

Encantos do afortunado  
Amoroso trovador.  
De cypreste a minha lyra  
Menêa canções de dôr.

---

## XXVIII

### A VELHICE.

Talvez ainda uma noite... Seus olhos  
forão no horizonte: um vinculo de la-  
gryma assomou: e o velho distrahio o  
pensamento.

Fria e pallida velhice  
Desce lá no fundo valle —  
Tão fundo, que não se enxerga  
Nas sombras envolto o leito!  
Desce, a paz leva no peito  
Como quando a palma enverga:  
Do justo a vida se exhale  
Nos berços da meninice.

Gemendo ao peso da idade  
Fraquea o languido passo;  
E desce, e pára, rodêa  
Por toda a parte seus olhos:  
Adiante tecem-se abrolhos!  
Atrás um monte se arquêa!  
Deste lado encontra o espaço!  
Deste lado enche a saudade!

E depois n'um mar de pranto  
Naufraga, banha o horizonte ;  
E depois... sem remo e barca  
Não tem senão mar e ceo!

Toda a esperança perdeu,  
Seu pulso a vida não marca,  
Apaga-se o sol no monte  
Por entre nocturno canto.

Monte fatal d'annos seus  
De seus dias tão pesados,  
Erguidos tão lentamente,  
Tudo jaz no pôr do sol !  
No cume'stá murcha a frol ;  
Roda a terra do occidente  
Em passos tão apressados  
Para o nascente de Deos !

Já sua fronte empallidece,  
Seus olhos lá se fitarão  
Longe, além... riso da morte  
Roca-lhe o vello da face :  
Celeste expressão já nasce  
Em seu semblante. Tão forte,  
Como sua alma arrancarão,  
Olhando obliquo estremece !

Coragem ! mais um só passo,  
Da porta não recueis :  
Á casa de vosso pai,

Donde partistes, chegastes :  
No caminho não cançastes ?  
Descançai, entrai, entrai !  
— Elle passou. Percebeis  
Do viajante o fracasso?...

Nada. Tudo emmudeceu :  
A poeira do caminho  
Sobre os seus rastos cahio :  
Morre uma voz no horizonte.  
Seccou a veia da fonte  
Que pela terra sumio,  
A ave parte ao seu ninho,  
Um homem hoje morreu.

---

**XXIX****A ESCRAVA.**

« Triste sorte me arrasta nesta vida !  
Escrava eu sou, não tenho liberdade !  
Tenho inveja da branca, que tem della  
Todas horas do dia !

Eu sinto me crescer vida nos annos,  
E mais veloz que a vida amor eu sinto  
Querer abrir em mim... eu sou escrava,  
Minha fronte é servil.

Por estes céos meus olhos amorteco,  
Nestas plagas de anil piedosa os canço ;  
Ah ! neste horror da escravidão perdida...  
Nestes céos não ha Deos !

Tenho amor, sinto dôr, minha alma é bella  
Aqui na primavera a espanejar-se !  
Porêm nas proprias azas me recolho,  
O cativeiro as cresta.

Um só raio do sol não me pertence,  
Eu nunca o vi nascer ; quando elle morre  
Ainda o encarnado do occidente  
Não posso contemplar :

Mesmo esta hora que furto á meia noite  
Ao meu repouso do alquebrado corpo,  
A ver as estrellinhas nos meus olhos  
Como no manso rio,

Eu não tenho segura ! o vento leve,  
A lua como eu sou d'alvas camisas,  
Fazem-me estremecer ; eu vejo em tudo  
Meus soberbos senhores.

Eu me escondo, que a terra não me veja,  
Nas sombras da folhosa bananeira :  
E os insectos nocturnos me parecem  
Denunciar meu crime...

Oh ! não digão que eu venho ao astro pallido  
Minha sorte chorar... Eu tenho inveja  
Da branca, porque tem todas as horas  
Do dia todo inteiro !

Eu sou bella tambem, minha alma é pura,  
Mais do que ella talvez... cança o meu corpo  
Sómente o cru servir, nervosos medos  
E o delirio da morte...

Do mundo o meu amor não se alimenta,  
Que não ha liberdade : eu sonho os céos...  
Mas, nos céos não ha Deos... na minha vida  
Não ha nenhuma esp'rança !

Embora, o sangue do meu peito seja  
Preces ao Creador, meu coração  
Virgem dei-lhe : gemendo ao sacrificio,  
Por elle inda se exhale.

Tenho inveja da branca, com tal sorte  
Quanto eu fôra feliz ! os dias todos !  
Passára todo o tempo aos céos olhando,  
Quizera ver meu Deos !

Ouvira todo o cantico dos passaros,  
Dos ventos e das selvas e dos mares ;  
As flores eu amara como adorno  
Do meu templo d'estrellas...

Escrava eu sou, embora abra-se a vida,  
Esmorece-me tudo e desanima ;  
Além deste horizonte eu nada espero,  
Aqui me vexa a sorte... »

---

Cantava o gallo preto: ella esquecida,  
Veio a aurora encontrá-la, que até hoje  
Não vira, nunca. Lhe pasmava a vista,  
Mas enlevada e doce, prolongando  
Nas faces novas reluzentes fios :  
E de um encanto rodêada esteve,  
Quando o açoite vibrou longe. — Era um preso  
Que gemia ao nascer, ao pôr do sol,  
Harpas memnonias se escorrendo em dôres,  
Até que desmaiasse, e adormecia  
À cadencia dos golpes que o rompião.  
E o deixavão jazendo: a vida e o sangue  
Bófa em golfadas d'expirante bocca.  
— Todo o dia dormio, talvez sonhasse...  
Inda dormindo está, no braço o corpo  
Em desmembros lanhado se amontoa  
Transudando uma agua: a ver se é morto,  
Com a ponta do açoite o tócão: immovel,  
Ergue os olhos de vidro, e lento os cae  
Da luz aos passos lh'inundando os ferros  
De sombria prisão. Vive: e começa  
De novo a desfazer nos ais um nome ;  
E tornava a dormir, até que acaba :  
Inda o sacodem, gritão, e ferem ainda !  
— Era da escrava o irmão: joven como ella,

Gemeos do mesmo amor, ambos sonhando  
Deste ideal que as almas arrebatava  
De generoso enlevo. A linda filha  
De seus senhores, da crioula inveja,  
Elle amára, coitado ! ó cor, ó sorte,  
Que negro e escravo o fez ! Sentenciado  
Foi aos ferros morrer de fome lenta,  
De sede lenta ; e na manhã, no occaso,  
Symbolizando o sol, ir pouco e pouco  
A vida mais sensível derramando  
Nos laços infernaes do viramundo !  
E do seu peito retalhado nasce  
Como da terra um som subterraneo,  
Puros orgãos de amor crescendo aos céos.

---

Timida espanta-se a crioula, e foge :  
Leva o dia a vagar sósinha errante,  
Como quem da existencia em despedida  
Saúda o sol e os campos.

Mendigando piedade, chora ás portas  
Da fazenda vizinha : os homens rião,  
Em troco lhe pedião seus amores,  
Sobre o seu collo uma hora :

E ella estremecia, e d'innocente  
Qual vagas de pudor vinhão sobre ella.  
E como o sol cahisse, ella voltava  
De si mesma ao senhor.

Seu erro a confessar, os pés lhe beija,  
Que a magôão : soluços não lhe valem  
Nem pranto virginal nem Deos do céo,  
Tudo emmudece á escrava !

Estendida no chão de finas pedras,  
Que já sangrão-lhe o corpo que se arquêa,  
Pedia a Deos justiça da innocencia,  
Compaixão ao tyranno.

Peiada em duros nós, lhe começavão  
Despir o corpo e o seio : ella tranzio :  
Gargalhada infernal obliqua ao mundo....  
Emmudeceu. Mysterio!

E seu irmão gemeu no mesmo tempo,  
Em seu tumulto o sol tambem fechou-se,  
E todos para o Deos partirão juntos —  
Crioula, escravo e sol.

---



## A MALDIÇÃO DO CATIVO.

Sou cativo, na côr trago a noite  
Desta vida d'escravo tão má!  
Mãos do dia que algemas nos tecem  
Sanguinosas, no inferno são lá!

No silencio d'umbroso passado  
Um gemido recorda sua dôr:  
E o fracasso dos sóes qu'inda vem  
Serão sempre gemidos de horror.

Inda mesmo que mude-se a sorte,  
Inda mesmo que mude a nação,  
Terra onde gememos em ferros  
Junquem flôres servís — maldição!

---

Não dormido nos braços da esposa,  
Que por terras estranhas vendida  
Nunca mais eu verei: eu que a via  
Entre os dentes d'uma onça incendida...

Vi seu collo arquejante cruzado,  
Magoada sua face de amor...  
Muito embora, mas nunca dobrada  
De mulher que era minha ao senhor!

Entrançada com peias na escada,  
Compassados açoites sibilão,  
E banhados da carne que trazem  
Vão n'arêa, e de novo scintillão :

E a cadencia do golpe e dos gritos  
Mais o horrivel da scena redobra :  
Ruge a fera de um lado; a innocente  
Oh, de dôres se morde, se encobra !

Vi seu corpo de negras correntes  
Enleiado, que o roto vestido  
Bem mostrava-lhe, e os ferros e o corpo...  
Muito embora, mas nunca vendido !

Muda e lenta passou, fatigada  
De um trabalho d'insano soffrer :  
E os seus olhos e os meus se encontrãõ,  
E entre pranto vi pranto correr.

---

Dura vida, que amava, onde foi?  
E nem mais minha filha e mulher,  
Que em labores d'escravo erãõ brisas  
Que em seus seios me vinhão colher.

A deshoras, sopito o tyranno,  
Ao mortieço clarão da candêa  
Minha filha afagou minha dextra  
Lá no rancho palhoso d'aldêa.

---

Minha filha cresceu, e formosa  
Como a flôr lhe nascia a feição —  
Erão faces de um preto retinto,  
Erão olhos de um vivo loução.

E, depois da ignobil vingança,  
Já vendida na praça, e por hi,  
Sem respeitos á igreja — qual Deos,  
Faz um'orfãa, uma viuva, ai de mi!

E da magoa infantil esquecido,  
Doce mãi quando a obriga açoitar...  
E eu cravei-lhe as cadeias... nós ambos  
Só por ella esta vida a levar —

Abre os olhos de fera sedenta,  
Amoroso da pobre filhinha,  
Amoroso... que fera não ama :  
Diz, fazê-la, rendida, rainha

---

Porém eu que no peito cozia  
Odio ingrato de um vil coração ,  
Aguardava pretido a donzella  
Da serpéa, fallaz seducção.

Mas a filha d'outrora paterna,  
Bem depressa, qual sempre a mulher  
Delirante do mundo, de amores  
Em seus braços se foi recolher :

Desprezou minha benção ! perdido,  
Destruí-los pensei : desgraçado,  
Ambos juntos segui pelas sombras,  
Como espectro d'infernos armado.

Não que em sangue insensato almejasse  
Minha faca tingir : que ante o riso  
Da filhinha a quebrára, coitada ,  
Tambem Eva peccou no Paraiso :

Mas nas hervas da dôr, mutilado  
Do tão crú meu senhor vingativo —  
Cepa fertil, que fructos lhe dava  
De alimento e de amor... ah ! captivo —

Eu fui cão de farejos damnados  
Trás da prole infeliz e o senhor :  
E esta faca como inda se escorre  
Em dous sangues ! mas de uma só côr.

---

E eu agora por brenhas erradas,  
Por invías me fujo a vagar ;  
Seccas folhas meu leito da noite ,  
Negra coifa por cima a embalar :

E phantasmas me cercão, medrosas  
Vão-se as feras no antro esconder ;  
Leve aragem, passando por longe ,  
Sinto os gritos quebrar do descrer :

Tudo pasma de ver-me ! natura  
Treme o monstro como ella não gera !  
Não, sou homem tambem... E eu matára  
Mais mil vezes laivada pantéra !

Fujo as mádidas horas da tarde ,  
Molles raios da lua me aterrão ,  
E esses hymnos do sol dessas aves  
São sybillas que dentro me berrão .

E no eterno da dôr sombras lúbricas  
Vem-me a fronte d'insomnias pisar ,  
Se destorce o meu corpo , em minh'alma  
Se desfarpa o remorso a calar !

Mas de Deos não sou reprobado, o peito  
Nem malvado nem bronzeo é meu :  
Ensopado nos oleos do crime  
Onde geme a innocencia, accendeu.

E d'impuro que era, inda sinto  
Os meus ossos tremerem rangendo ;  
Oh ! são lavas que as veias me inundão,  
Febreas linguas me a pel refrangendo.

---

E eu matar minha filha... e nem prezo  
D'abrir sangue tyrannico, ignavo.  
Porém, sou renegado, assassino —  
E eis a sorte, e eis a vida do escravo.

Baldo em corpo, que outro homem domina ;  
Alma esteril ruinando nos vicios,  
Desgarrada nas trevas da morte ,  
Longo inferno de longos supplicios :

Oh ! quem foi que forjou-nos os ferros ?  
Oh ! quem fez neste mundo o cativo ?  
Açoitado, faminto, sem crença ,  
Sem amor — sem um Deos ! — vingativo.

Vós, ó brancos, calcando soberbos ,  
Inhumanos assombros sangrentos ,  
Negra relva de humildes cabeças ,  
Como alados de presa sedentos :

Não sentís esfolhada no peito  
Murcha paz d'esmaiada virtude ,  
E de grata poesia estalar-vos  
Aureas cordas de um santo alaúde ?

Não sentís sentimentos sublimes ,  
Céos divinos d'enlevo e paixão ,  
Estrangeiros medrosos fugir-vos  
Sem asylo no máo coração ?...

Vossos filhos já nascem amando  
As delicias do açoitado brandido ,  
Como os cães esfaimados se agarrão  
Pelo flanco ao tapir perseguido :

Nascem vendo essa nuve agoureira  
A formar-se de em torno dos olhos,  
Quando fazem-se em vidros, raivosos  
Despejando sanguineos desólhos.

Castigando sua mãe tão querida  
Mãos piedosas de tremula filha —  
Quem fizera! e sorrira-se ao choro  
Que ante os olhos maternos humilha?...

Oh, no inferno viveis que vivemos,  
Para nós não, os céos não se espraião:  
Vós abutres as carnes nos comem;  
Dos cordeiros as pragas vos cáião.

E mirrado da vida que soffro,  
Quero a triste na morte acabar:  
E o abysmo que a voz me sepulta,  
Vá meu corpo tambem sepultar...

. . . . .

---

D'escura gróta á pedregosa borda  
Lançando maldição  
O escravo sumio. Oco fracasso  
Bateu na solidão.

E as aves em coro levantarão  
Triste cantar,  
Monotono e carpido, erão lamentos  
De longe mar.

E na selva ululada do fugido  
O silencio cahio.  
E o vento estendeu compridas azas,  
E a folhagem 'strugio.

E eu prendo o ouvido contra a terra  
Que vibra os seios :  
Sonora ondulação de longe traz-me  
Latidos feios :

Traz-me por pedras deslocadas lenta  
Cadêa longa  
D'elos de ferro, que arrastada eterna,  
Lá se prolonga :

Traz-me rugir de féra ; á voz do açoite  
Gemer profundo,  
Tão doloroso, tão de piedade —  
N'um vasto mundo !

Paris.

---

**XXXI****VISÕES.**

Eis-me só! nem os zephyros me cercão,  
Nem ouço a voz da natureza e do homem:  
Que para sempre os meus ouvidos percão  
Esses horrores que o meu ser consomem!

Um momento feliz da solidão —  
Quanto tempo não faz que eu não respiro!  
Como treme de amor meu coração  
Se estrebuxando esta alma! Oh, que eu deliro!

Eu só! nem o meu Deos! que, desdenhoso,  
Em troco de um amor do peito ardente,  
Dos meus ais e do pranto esperançoso,  
Despede sobre mim sarcasmo algente.

Nem o meu Deos! que enchia-me de vida:  
O' minha doce esp'rança! ó minha crença!  
O' desespero, ó alma perseguida,  
—Sem crimes—quem te deu tão má sentença?

Na miseria eu nasci, nella crescido  
Para nella morrer, sempre miseria!  
Por toda a parte, e sempre! um vão gemido —  
Choro e morte a cair da vil materia.

Que! tudo é miseravel neste mundo!  
Como as cousas se dão tanto valor! ...  
Lamentei-o de o ver o verme immundo.  
Se julgando feliz, se dando amor...

Seccou meu pranto; e s'inda o vou chorar,  
Eu deliro, me espasmo de risada!  
CUSPO sobre o meu ser: vi o pisar  
Primeiro o Deos que o levantou do nada!

Não quero a luz do sol: se apague o dia  
Para o meu existir... que mundo horrivel!  
Fugi de mim, perseguição sombria,  
Pensamento de um Deos, e o ser visivel.

Negra noite, eu vos amo, quando a terra  
Passos d'homem não vibra, e nem da estrella  
Um só clarão; profundo o mocho berra:  
Amo essa ave, de horror essa hora é bella!

Antro da féra, esconde-me como ella  
De sua pelle nas dobras mosqueadas.  
Sois meu anjo do amor, desgraça bella;  
Sois meu Eden, cavernas assombradas.

Aqui podem meus olhos apagados  
Se tornar accender, se encandêar;  
Mordido o corpo em ténebras rosnados,  
Felicidade póde inda encontrar...

Vida, que és tu? Estorce-se convulsa  
Minh'alma, e estala! O rei lá se embebeda  
Na farça da existencia... A morte impulsa  
Todos á mesma barca, á mesma quéda:

Sobre os olhos aperta estreita fronte;  
Acena escarnicando: « ei-la, embarcai »:  
E passa a humanidade humilde, insonte;  
Do alto mar nos escólhos: « naufragai! »

E o que resta do homem? Ventos, vagas,  
Astros brilhantes, não emmudecei...  
Oh, verdade fatal, que assim me trágas!  
Embora inda ficais e eu acabei,

Tendes noites tambem na vida évada,  
Não triumphais de mim, nem vos lamento:  
Todos! descemos ás soidões do nada,  
Nobres, eu, e o mendigo vil, nojento.

E tu ouves, acaso, Deos, tu ouves  
Em contorsões me arrebetarem as veias  
Negras d'agro cruor? Não, não me louves,  
Dá-me pallido rir; porém, me creias!

Serras de Cintra,

## XXXII

Dos rubros flancos do redondo oceano  
Com suas azas de luz prendendo a terra  
O sol eu vi nascer, joven formoso  
Desordenando pelos hombros de ouro  
A perfumada luminosa coma,  
Nas faces de um calor que amor accende  
Sorriso de coral deixava errante.  
Em torno a mim não tragas os teus raios,  
Suspende, sol de fogo ! tu, que outrora  
Em candidas canções eu te saudava  
Nesta hora d'esperança, ergue-te e passa  
Sem ouvir minha lyra. Quando infante  
Nos pés do laranjal adormecido,  
Orvalhado das flôres que chovião  
Cheirosas d'entre o ramo e a bella fruta,  
Na terra de meus pais eu despertava,  
Minhas irmãs sorrindo, e o canto e aromas,  
E o susurrar da rubida mangueira —  
Erão teus raios que primeiro vinhão  
Roçar-me as cordas do alaúde brando  
Nos meus joelhos timidos vagindo.  
Ouviste, sol, minh'alma tenue d'annos  
Toda innocente e tua, como o arroio  
Em pedras estendido, em seus soluços  
Andando, como o fez a natureza :  
De uma luz piedosa me cercavas

Aquecendo-me o peito e a fronte bella.  
Inda appareces como antigamente,  
Mas o mesmo eu não sou : hoje me encontras  
A beira do meu tumulo assentado  
Com a maldição nos labios branquecidos,  
Azedo o peito, resfriada cinza  
Onde resvalas como em rocha lobrega :  
Escurece essa esphera, os raios quebra,  
Apaga-te p'ra mim, que tu me canças !  
A flôr que lá nos valles levantaste  
Subindo o monte, já na terra inclina.

---

Eu vi cahindo o sol : como relevos  
Dos ethereos salões, nuvens bordarão  
As cintas do horizonte, e nas paredes  
Estatuas negras para mim voltadas,  
Tristes sombras daquelles que murrerão;  
Logo depois de funeraes cobrio-se  
Toda amplidão do céo, que recolheu-me.

---

As flôres da trindade se fecharão,  
E já abrem no céo timidos astros ;  
Apenas se amostrou marmorea deosa.  
Que socego ! me deito nesta lagem,  
Meus ouvidos eu curvo, o pensamento  
Penetra a sepultura : o caminhante  
Assim vai pernoitar em fóra d'horas,  
E bate ao pouso, e descansando espera.  
Bellos tumulos, verde cyparisso,

Dai-me um berço e uma sombra. Como, invejo  
Esta vegetação dos mortos ! rosas  
Meu corpo tambem póde alimentar.  
Além passa o susurro da cidade,  
E nem quero dormir neste retiro  
Pelo amor d'ocio : mais feliz o julgo  
Quem faz este mysterio que me enleva,  
Deos sómente alumia este caminho.

---

Nasce de mim, prolonga-se qual sombra,  
Negra serpe crescendo-se annelando,  
Cadeia horrivel: sonoro e lento  
Um elo cada dia vem com a noite  
Rolando dessas frágoas da existencia  
Prender-se lá no fim — a morte de hoje  
Que procurava a de hontem ; a d'amanhã  
Virá unir-se a ella... e vai tão longa !  
Como palpita ! E eu deste principio,  
Mudo, e sem poder fugir-me delle,  
Já estou traçando com dormentes olhos  
Lá diante o meu lugar — oh, dôres tristes !  
Todos então ao nada cahiremos !  
E o ruido do crime esses anneis  
Não, não hão-de fazer : n'um só gemido,  
Fundo, emmudecerão somno da paz.

---

Oh, este choro natural dos tumulos  
Onde dormem os pais, indica, amigos,  
Perda... nem as azas ao futuro

Não sei vôar : a dôr é do passado  
 Que se esquece na vista enfraquecida,  
 Como fica o deserto muito longe.  
 Senão a morte me trazendo a noite,  
 Nada mais se approxima : solitario  
 As bordas me debruço do horizonte,  
 Nutro o abysmo de mágoas, de miserias !  
 Porto de salvação não ha na vida,  
 Desmaia o céu d'estrellas arenoso...  
 Eu fui amado... e hoje me abandonão...  
 Meiões do nada, desaparecei-me !

---

### XXXIII

. . . . .  
 . . . . .

Quando nessas horas vagas  
 Docemente me encantavas  
 O pensamento de amor,  
 Por essas delicias magas  
 Novo sol me alumiasvas  
 Campos formados de flôr :

E erão minhas horas vagas  
 O feliz passar contigo...  
 Sob a voz de murmurio

Como da fonte nas fragas,  
 Como de mar sem perigo,  
 Como das folhas d'estio.

---

Seguimos sol da vida até o occaso,  
 E o passado e os annos e a idade  
 Seguindo os nossos passos nos despertão  
 Em repetidos gritos : morre o echo  
 No latejante abysmo, as flôres murchão.  
 Nas florestas do horror a alma se ennoita,  
 Vai gemendo a rasgar-se pelos troncos.  
 A vida está minada de desgostos :  
 Do pão da vil miseria se alimenta  
 Na mesa da desgraça, a sede amansa  
 Nas aguas da amargura ; vem a morte  
 Piedosa embalar seu leito e estende  
 A mão que alveja d'ossos amarellos,  
 Entôa uma voz pallida, qual choro  
 Que em moribundos labios adormece :

« Inda tens de ver a aurora,  
 « Ver o occidente a cahir,  
 « Inda do mundo ao sorrir  
 « Tens de soffrer, de gemer ;

« Ainda verão teus olhos  
 « Odio e sangue os céos de Deos !  
 « Mentira nos labios seus  
 « Nos teus ouvidos de horror !

« Dorme, filho da desgraça,  
« Somno da pobre innocencia,  
« Dorme, dorme — na existencia  
« Inda terás de acordar. »

---

Bem cedo eu despertei ; antes quizera  
Dormir eternamente. Achei verdade  
Só na morte : o porvir estremecendo,  
Apagando o que passa, e o dia d'hoje  
Por trás das costas sacudindo ao nada,  
E, por desprezo, ao sol sómente ossadas.  
Dei um passo, escutei, voltando os olhos  
Era um festim : as luzes se apagarão  
Subitamente á exalação da turba :  
Confusão infernal ! na escuridade  
Os dentes batem, se mordião os homens.  
Nova luz apparece, o sangue lava,  
E para envergonhar-se um só não vive.

---

Nem ólho ao mundo sem me rir de vê-lo :  
Saltadores delphins ledos de vida,  
Se abraçando com a morte, dançaõ. Sente :  
Teu passo mais risonho á morte chega ;  
Pela senda mais doce e mais florida  
Pelas mãos ao destino ella te leva ;  
As luzes do prazer mentem que ha céo,  
Atrás dos prismas da illusão jogando :  
Olha sobre ti mesmo—homem, que horror !  
Desde ti a perder-se onde tu penses  
Tudo é miseria, e tudo é só desgraça.

---

**XXXIV****VISÕES.**

Varre aquilão : frondoso ethereo bosque  
Despe as folhas do dia ; sazonado  
Cáe através da tarde o fruto de ouro,  
Entre nuvens de aroma o sol vermelho ;  
Nocturno prado de matizes cheio  
Roça a lua com as azas prateadas ;  
Encostado no sul pende o cruzeiro ;  
Vai d'estrellas Urano rodeado.

---

Tudo perdi na vida... hei muito amado  
Todavia, e sem fim ! meus dias, noites,  
Meus annos todos, todas minhas horas  
A amor eu dei : bem vezes soluçando...  
Minha alma é seccas folhas em pedaços  
Partidas pelo vento ; pelo espaço  
Perde-se esteril som meu pensamento  
De quebrado alaúde. Em teu socego,  
Sombra da tarde, fugitivo guarda-me :  
Só tu sabes calar-me a voz dos labios  
Amargosos, descrentes ; branda calma  
Estender sobre mim no desespero  
Me roxeando em contusões de morte —  
Eu não sei o que eu sou, porque amo e choro :

Delirio, esforço vão! Sombra da tarde,  
Faze cair a noite na minha alma  
Para um somno sem sonhos. Como és bella,  
Fallecendo entre córos de suspiros  
Indo por toda a parte! é melancolico  
Silencioso o bosque, a voz do vento;  
Melancolico o mar, nos seus desertos  
Embalando a canção dos marinheiros;  
A montanha palmosa, o rio mudo,  
Os campos melancolicos, gemendo  
Á lenta voz do gado, e dos pastores  
Pelas cortinas tristemente e baixo,  
Ou sentados á porta da choupana.  
Horas da tarde, quem vos fez tão frias  
Para me adormecer?... Mão pesadelo,  
Foge, noite, de mim; tuas sombras cáião;  
Quero ver inda o sol! Oh! malfadada  
Sorte do homem: quanto mais fadigas,  
Quanto mais existencia — mais um dia,  
Para ainda soffrer na mesma terra  
Onde em vão desesperas, tu mendigas!  
Um só dia é tua vida, o mesmo sol  
T'o repete continuo, o mesmo sempre  
Co'a mesma noite e aurora, e os sonhos mesmos  
Só promette a esperanza; ella só mente.

---

Meu destino fatal! de meu não tenho  
Nem uma hora sequer: esta em que eu fallo,  
Julguei-a minha, quiz d'egoismo tê-la,  
Para dá-la ao meu tumulo... passou,

E perdeu-se. Meu Deos, como eu te vejo  
Presidindo o teu orbe, e a mim no leito  
Do soffrimento que me dás, e a terra  
Em mil fórmias — de frutos, d'homens, d'aves —  
Hoje a fazer-se, por comer-se inda hoje,  
De tão má, tão faminta que a fizeste!  
E ris deste espectaculo, impassivo  
Lá no teu céo dormindo ao nosso pranto!  
E ris mofando ao moribundo em vascas,  
Quando em berros estorce o corpo e os braços,  
Debaixo do carrasco em negra luta,  
Em sinistro brandear ringindo o leito!

---

Reptil creador comendo os filhos,  
Quiz comparar-me a ti! fui assassino,  
Por ver a dôr, que tu amas, no meu peito.

---

Amei a formosura: mansa e timida  
À minha voz seguio-me... como inda amo,  
Que estremeço de ouvir-me a negra historia!  
Amando por amar, toda ella amores,  
Um desmazelo virginal, infante;  
Meu amor, minha escrava, minha filha,  
Candida mãe, senhora, que adorava;  
Sua vida minha só, vida que eu dei-lhe;  
Que ella soube me dar, sua minha alma:  
Creação de nós ambos nós sómente.  
Depois que dentro dos desertos vi-me,  
Só com ella e contigo, Deos, ferindo

Essa corda afinada ao som mais alto ;  
Quando a vi delirante a desalmar-se  
Se envergando em meus braços, d'innocente  
De um choro natural, senti-me fera,  
Enfezada e com sede, aos teus escarneos !  
E um deos me vendo (como tu, creei-a ,  
Unica esphera sua, em mim te via ;  
Quiz matá-la tambem, nem criminoso  
Eu sou, qual tu não és, tu, enlevado  
Nos dolorosos gritos de teus filhos),  
Ave branca, rompi-lhe o liso collo  
Nas minhas mãos de ferro ! Ella expirava...  
Inda o meu nome doce em seus suspiros  
Formava, e desfazia-se; inda uns olhos  
Liquidos, lentos, tremulos voltavão  
Nos meus olhos d'inferno ! Tão piedosa,  
Duvidar parecia do meu peito  
Ferino e monstro ! como em sonhos, busca  
Feliz realidade, ouvir-me ainda  
A voz do caro amante : repudiada...  
N'uma comprida esp'rança esvaecendo  
Em lagrymas em ondas, desfallece  
Pendente aos braços pallidos da morte,  
Que o homem bruto lhe estender não soube,  
Candido lirio vivo. Erão meus olhos  
Lançando um fogo... e o que lançavão era alma !  
Ave branca ! ondulou morrendo, e a terra  
Onde fria cahio foi no meu peito.

Quero a morte: deter tomo-a nos braços,  
Sacudo-a, grito — que me digão antes  
Do alento final esse mysterio  
Que faz desesperar... Sómente um nome  
Achei, meu nome lhe passou nos labios:  
Negra morte nos meus, quando eu dizia,  
Predispondo os sentidos miseraveis,  
« Espera — espera — agora — morre — morre! »

---

Os teus fieis a ti no passamento  
Bradão tambem, tambem mandas que morrão.  
Ali tudo ficou, gelou no sangue  
O ar que é nossa vida emquanto ondula  
Quente e agita o coração e as veias,  
Faz o peito sonoro e as faces tintas.  
Onde a alma?... Eu vi! seu corpo á terra  
Tudo arrastou, se consumio com ella.

---

Como eu era, Senhor, te encontro sempre  
Sem ter descanso, pelos teus dominios.  
Uma victima só dôr deu-me eterna;  
Mil em cada momento apenas podem  
De suspiros formar o ar que respiras!  
Uma só voz extincta a mim gritava,  
Uns olhos só me olhárão: Deos sómente  
De uma só creatura, uma só vida  
Minha foi, acabei-a, exausto eu morro.  
Porém tu viverás: quando este mundo  
Já não der-te alimento, creas mundos.

Do teu rebanho os ultimos balidos  
Dizem teu nome, como t'expróbrando;  
Espasma-se nos teus o derradeiro  
Branquear dos seus olhos, tão mendigos  
E tão fieis á promettida esp'rança....  
Tal nas mãos do pastor agno mimoso,  
Que deu tantos carinhos, que dormia  
Entre os seus pés, nos rastos seus andava —  
O sangue derramando, espera ainda  
(Material esperança!) e crê na vida.  
Porém, juro-te, Deos — farto para sempre,  
Sinto minha alma de remorsos cheia!  
E tu?... Com a vista me rodeio: as aves,  
Que no entrar da espessura nos saudarão,  
Tinhão fugido; pelos ramos inda  
Seus desplumes seu medo me disserão;  
E os meus cabellos eriçados, grossos,  
Se alisavão co'a fronte; o rio, os ventos,  
O tronco vegetal tinhão parado  
Me vendo! Eu despertava em meu delirio  
Ante a realidade! a virgem morta,  
Pallida e fria a reconheço, eu rujo!  
E de homem ver-me, comecei chorar.  
— Quiz seu corpo aquecer sobre o meu corpo;  
Uni sua bocca á minha, a voz lhe dando,  
Que o tumulo não guarda. Em verdes folhas  
Nua deitei-a, as mãos postas, e as tranças  
Escorrêrão-lhe em torno. Dias, dias  
Preso a seus pés levei a contempla-la!  
Grandes e abertos sobre mim ficárão

Seus olhos fixos e vidrados, longos  
Como a meditação de uma sentença !

---

E a terra animada desfigura-se :  
Grão de poeira que o vento ergueu n'uma hora,  
Passeiou sobre a massa de que é parte,  
E sobre si cahio, se envolve e perde.  
Eu vi ! — seu corpo transparente inchando ;  
Perderem-se os seus olhos nas suas faces ;  
Humor fétido escôa-se da carne,  
Tão pura e fresca, tão cheirosa inda hontem,  
Que ella amou apertar em mim, d'insonte  
Frenetica de amor, nervosa e tremula !  
Formosa ondulação das castas ancas,  
Dos seios virginaes, da alva cintura  
Bella voluptuosa... disformou-se  
Em repugnante, (quem que a vira e amára !)  
Em nojenta, esverdeada, monstruosa  
Onda de podridão ! Zumbião moscas,  
Famintos corvos sobre mim se atirão,  
Recurvas unhas regaçando e abrindo  
Negras azas e o bico, triumphantes  
Soltando agouros ! Eu a defendia  
Da ave e do insecto, que irritados vem-me.

---

Presenciei desfazer-se esse mysterio,  
Que foi meu céo na terra, onde eu pensava  
Existir e morrer ! Homem o que és ?...  
De dia vinha o sol ferir sobre ella,  
E como a lua o nitido cadaver

De azulado ambiente rodeou-se ;  
Vapores levantavão-se em corôas  
S'inflammando, perdendo-se : de noite  
Branco fogo pairava docemente,  
Como as roupas de um anjo sobre as pontas  
De verdoso juncal, no espaço aonde  
Enfraquecia a exalação na aragem  
Vaporoso espalhando-se. E depois,  
Vermes internos que espontaneos nascem  
Vem rompendo-lhe a pelle se delindo...  
Os labios pudibundos rebentárão...  
Seus olhos !... se fendião seios, faces  
E os castos flancos !... um soroso liquido  
Correndo pela terra... Eu quiz limpá-la  
Desses monstros horriveis, que a comião  
Diante mim ! porém, tudo era immundicia.  
Oh ! quantas vezes me lancei sobre ella,  
Julgando tudo amores, tudo encantos  
Della emanando em limpidos arroios !  
Fujo de nojo... de piedade eu volto...  
Depois, como as enchentes pluviaes  
Escôando, que os troncos já se amostrão,  
Seus ossos vão ficando descobertos.  
Oh ! mirrado eu fiquei do soffrimento,  
De tanta dôr curtir ! E tu, ó Deos,  
Que tudo acabas, soffrerás tambem ?  
Porque tão miseraveis nos fizeste,  
Deos d'escarneo ? teus filhos nós não somos..  
Que sorte de alimento ou de deleite  
Encontras na desgraça deshumana ?

---

Bello horror da existencia — formosura,  
 Filha da natureza engrandecida  
 No seu peccado e morte, meteóro  
 Enganoso da noite, flôr vermelha  
 Em veneno banhada, mulher bella !  
 — Tudo ali 'stá ! — ó mundo ! mundo... mundo...

---

Inda é meu amor esse esqueleto,  
 Vive commigo : dou-lhe côr ás faces ;  
 Muito sorriso á bocca descarnada ;  
 Ás orbitas sombrias molles olhos,  
 Como de nuvens rodeado o sol ;  
 Mellifluas tranças á caveira branca,  
 Errando os crespos na aridez do peito  
 Que encho de frutos, de suspiros, vozes,  
 De um terno coração vibrando amante !  
 Mas... essencia immortal não sahio della :  
 Embalde interroguei mudo cadaver,  
 E os ossos amarellos nem respondem !  
 Mas, aqui a mulher não é perjura :  
 Só lembrança de amor santo evapora —  
 A belleza se fórma ao pensamento,  
 Á saudade suas vestias se derramão.

---

. . . . .  
 No cimo da montanha solitaria  
 Vou levantar-me : grito, Deos, teu nome,  
 Deito os ouvidos.... surdo o echo apenas  
 Rompendo vai-se do pendor ao valle,

Pelos rochedos, na caverna umbrosa,  
No tronco das palmeiras. Ólho ao longe :  
Ara o campo o colono, o sulco exhala  
Cheirosa emanção tépida, humente ;  
O carro cantador passa no valle  
Entre as rusticas vozes somnolento ;  
Cobrem a selva os areaes de prata,  
Cobrem o dorso dos bois ; verte lamentos  
Moribundo acauan no fundo bosque,  
Mesta espessura de soluço enchendo.  
Mas, inda o que eu sou não m'ó disseste,  
Ninguem m'ó respondeu : me falle embora  
Que tu sejas, a matta, este penhasco,  
O sopro deste vento assim mugindo,  
Como as almas dos mortos te buscando —  
Nellas não posso crêr, não posso crêr-te,  
Que em mim não creio ! Deos, dá-me outra essencia,  
Muda o meu ser, substitue minha'alma  
Para poder te amar, crente e feliz,  
Feliz ! E' meu soffrer o desespero,  
Este desejo e carecer.... que aspiro....  
Minha morte eternal ! muda o meu ser.

---

E és tu mesmo que dás minha descrença !  
Passava a vida a procurar-te — Escuta :  
De dia ao desespero me levaste ;  
Tirão meu somno á noite os teus sarcasmos.  
N'um deserto, mui só, de terras vastas,  
Sem um vento e nem voz, o sol sómente  
Sobre a minha cabeça achei batendo ;

Não havia mais ar, baldava as forças  
Por soltar-me, e mil braços me enleivão ;  
E eu apenas pensava na existencia ,  
Alma e corpo, e um Deos. O sol se apaga :  
Em cima delle um monte alcantilou-se,  
E ũa face de ferro se brunia  
Sob elle, como liso era o meu plano:  
Azas nascêrão ; e uma mão, que o tinha,  
O larga sobre mim — foi um momento :  
Mais negra se fazia a escuridade ,  
Elle mais perto já ; lá vem ! lá vem !  
Faz um vento, que a sombra espessa, acalca ;  
Penetra a atmospherá, que se estala ;  
Já range e arrebenta-se nos ares,  
Furacão na floresta á meia noite ,  
Aos echos infernaes deixando lascas ,  
Centelhas vivas. Esmagou-me em atomos.  
Uma dôr me passou, qual uma nuvem  
Que se inunda de luz, vai-se escôando :  
Leve fumaça alevantou, perdeu-se.  
Assustado acordei — lá ia o sol.  
— Outras vezes sonhei prisões d'inferno,  
Por onde eu era horror, e horror vi tudo.  
Outras vezes sonhei na concha de ouro,  
Só, no ar embalado. Outras sonhava,  
Então com azas de mimoso fogo  
Igneos pés abraçar da Eternidade ,  
E de lá ver o tempo sobre o mundo  
Voando, de que eu mais não carecia.  
Outras vezes sonhei, morrer meu corpo

Porque morria a alma dentro delle.  
 Outras, que não ha morte : o corpo e a alma  
 Em sua luta final que se separão,  
 Como a que a sorte das nações decide :  
 Ella por ir viver por hi — no céo —  
 Em descanso talvez, ou livre ao menos,  
 Ou nova terra, e amar novos amores ;  
 Elle por desfazer-se em outros seres,  
 Que se desfazem n'outros, a perder-se  
 De vida em vida. E eu inda acordava  
 Nas torturas do adeos, nesses estorços,  
 Para trás a cabeça, em vasca os olhos,  
 A mastigada lingua despejando.  
 Oh ! dá-me ao menos que de ti me esqueça :  
 Na paz dos corações talvez tu desças  
 Estes estereis, desgraçados campos  
 Florir verdes — de ti, do amor, da crença.

---

Nasce a manhã no céo, alvas formosas  
 São turbantes do sol : hymno encantado  
 Rompe a terra, que leva ao som dos orgãos  
 Ethereos, do regato e do arvoredos ;  
 Vai no horizonte uma ave ; pelos campos  
 Saltão flôres e orvalhos, mil doiradas  
 Borboletas ao sol se embalando.  
 Ainda a minha voz diz o teu nome,  
 Inda te escuto... mas, descreio ainda !

. . . . .  
 . . . . .

Que minha alma arrancou de mim passando,  
 Como folhas do matto o vento leva ?

Que musicas divinas opprimirão  
 Meus ouvidos de afagos de harmonias !  
 Que é isto que me enlêa, que me prende,  
 Que me atira p'ra as nuvens que me embalão  
 No occidente de fogo, e a voz me abafa ?

. . . . .  
 . . . . .

Senhor ! Senhor ! perdôa, Deos, perdôa !  
 Ouvi tuas harpas, na sua voz estavam  
 Vozes celestiaes — liquidas veias  
 Tecião-se na relva do teu sólo,  
 Pelos teus pés divinos se humilhavão.  
 Para o verme vaidoso em terreo lodo  
 Desdenhaste fallar ; porém eu te ouço  
 Nas vibrações sonoras do instrumento  
 Que em suspiros degela o peito meu.

---

Sob um montão de ruinas, um tugurio,  
 De palacio que foi, ora occultava  
 Do sol do mundo uma familia : outrora  
 Soberba e radiosa, de mil homens  
 Ou de amigos (uogentos mascarados,  
 Homens e amigos, raça desgraçada)  
 Rodeada d'incensos, de sorrisos,  
 De meiga adulação. Fulmina a sorte ;  
 As ondas inconstantes da fortuna  
 Sobre si refluindo, á praia secca  
 Deixou ao desamparo o pobre naufrago :  
 E, esse bando de abutres, quando o virão  
 Só, deseccado, desapparecêrão !

---

Hoje sómente o caminhante pára,  
Descansa uma hora á sombra das paredes,  
Cahindo os torreões, passeia a vista,  
Medita a vida, e se levanta e segue,  
Ao punhal da saudade abrindo o sangue  
Das veias da alma. No montar das ruinas,  
Contempla. Ali a sala onde rugira  
Oiro sanguinho, no fulgor das luzes  
No velludo e crystal: pulverulenta,  
Desbotada a pintura, ondèa o tecto  
D'aranhoso teçume, o umbral pendente;  
Quebrados moveis, apagados, terreos:  
Ali a seda resvalou das bellas,  
Ali jorrou clarão de amor, que excita...  
Luzente o chão — lá está, fendido e sujo,  
Que não pode fender ruidosa dansa...  
O tempo, a sorte como tudo estraga!  
Um escravo que apenas da rasoura  
Escapou, lento passa, mal coberto;  
O vento o leva, os olhos fundos, tristes,  
Dantes tão ledos nos serões cantados;  
Magro, só geme, que sua mãe vendida,  
Vendidos seus irmãos, vai acabando  
Em mudo trabalhar penosos dias...  
Dias da escravidão vós sois bem longos!  
Tempo, correi, passai, sumi sua vida.  
— Um echo doloroso prolongava-se  
Por esses desolados aposentos  
Sómbrios — d'outrora... E tu fizeste mais...

---

O mar vanzêa preguiçosas ondas  
No oleoso deserto, e muge e berra  
Sobre a praia arenosa, longe : ó mar,  
O' meu irmão do isolamento e lagrymas,  
O' mar, como eu te amo ! O que tu dizes  
Nesse choro profundo ? acaso triste  
Lamentas meu delirio ? acaso sabes  
Quem deu-te a voz a ti, dôr á minha alma ?  
Responde, mar ! Ai ! não, tambem demandas  
Quem prendeu-te nas margens, que não salvas,  
E dentro dellas assanhado bramas,  
O peito ensanguentando pelas rochas.  
— E arido este céo com tantos astros,  
Cemiterio d'espectros luminosos  
Com ar de menosprezo cortezão,  
Só reflecte monotonos esgares —  
Incentivo da dôr, do desespero ;  
Do desprezo, talvez ! Descrença eterna,  
Inexgotavel calice me encheste  
Neste mundo sem fim, para nutrir-me  
Nesta morte eternal que arranco ás noites !  
Dias d'alma, que o sol luz á materia.

---

## XXXV

## VISÕES.

Aonde eu vou, Senhor, onde me levas ?  
É isto que me arrasta, e que eu não vejo,  
É tua mão ? Oh, então leva-me, leva-me !

---

Tenho fome : mas, sangue não me nutre,  
Repugno de comer os meus irmãos,  
Sentar-me á mesa dos humanos corvos,  
Aridos olhos de faminta chamma,  
Pastar sanguentas póstas de cadaver —  
Teus filhos como eu sou, nasci da terra.  
Tenho sede : horroriza-me sorvê-las  
Limpidas ondas nos meus pés tão mansas !  
Mas, tenho sede... Leva-me á tua fonte,  
O' Deos, dá-me beber a agua da crença.

---

Porque fujo dos homens ? porque eu amo,  
Vagar pela montanha e pelas praias,  
Qual d'outra essencia, qual d'arêa ou d'onda  
Formado, e como espectro, e como sombra,  
Errante uma hora e desaparecendo,  
Para nascer de novo e inda perder-se,  
Figura hebraica que os desertos fórmão  
Pela face arenosa escorregando?...

Não tenho uma familia na minh'alma  
D'irmãos, d'irmãs tamanha ? e porque amo  
Só tê-los na minh'alma, e longe delles ?  
É que a distancia prende mais o amigo,  
Como a dôr que Deos dá faz mais amá-lo ?  
Que encantos vejo em ver-me só commigo,  
Com a lembrança dos mortos e o passado,  
Cemiterio de craneos florescido ?  
Estar com minha lagryma espontanea,  
Que eu nem sei porque choro ; e solitario  
N'uma isolada solidão, que eu veja  
Muito longe, que eu só viva no meio  
E por mim, sem ninguem que dê-me a vida,  
Sombra pesada e vil?... ( « Não tens nas mãos  
Teus dias?... Deos t'engeita... Deixa os vivos,  
Enteado da terra, esteril peso,  
Elles respirem livre... » Ouço o demonio ! )  
Mas, no deserto eu vivo, nem procuro  
Rama d'arvore : o sol me queima a fronte,  
De seus raios me visto qual de fogo,  
Chamo o sol meu irmão e a natureza ;  
A manhã minha virgem nova e bella  
Por quem morro de amores ; amo a tarde,  
Que minha mãe semelha ; o vento, os montes  
São meus amigos ; minha musa a noite ;  
Noite minha alma, os sonhos as estrellas  
Que me adormecem na piedosa luz ;  
O rio, o mar, o lago melancolico,  
Meu ser d'hoje e o passado ; e o meu futuro..  
Oh, meu futuro ! a tempestade e o raio

Sonoras velas do navio rasgão  
Tão quasi a naufragar cortando o golfo.

---

Quando cahir meu corpo sobre a terra,  
Se uma alma eu tiver que Deos não queira,  
Irei então morar sobre um rochedo  
Como ave do mar, que dê só pouso  
A mim, o mais, cercado de oceano  
Por toda a parte e céo que perca a vista ;  
Oceano remoto, onde não passe  
Uma vela, que qual fanal me veja  
Suspenso no horizonte. E se minh'alma  
Deos a quizer, ó vós que mais me amastes,  
Nessa pedra isolada como eu sonho,  
Lançai meus tristes ossos espalhados  
Sobre essa pedra de soidão : á noite  
Branca aurora virá trazendo orvalhos  
Cahir fagueira. E se alma nós não temos...  
Deixai-os inda lá dormir tranquillos,  
Tão cançados da vida ! com suas ondas  
Sómente e o sol e a tempestade bella,  
C'os irmãos que eu amava os rodêando.

---

Tu, essencia immortal do nosso corpo,  
Nascas com elle ? és filha delle ? o creas ?...  
Vive sem alma o bruto, o homem morrera !  
E porque ? Se organisados todos somos,  
A alma, que do corpo não carece,  
Ella que vive só mais venturosa,  
Porque o não deixa como o bruto, quando  
Indigno della ? Conjuncção sublime !

Sublime aniquilar ! A eternidade  
Sómente a Deos : a nós, homens d'argilla,  
O genio para olha-lo, o amor, o canto,  
E este vago anhelar... alma, existencia  
Do pensamento, que mais sobe e luz,  
A elle todo ! Nutre-se em desgostos  
Grosseira esp'rança, e nada a satisfaz :  
Triste e cansada a bemaventurança  
Desse dia sem noite, que descansa,  
Não valera depois : « e Deos que importa,  
Se paramos aqui... » tambem o avaro  
Nunca se farta de ouro, a aguia mais alta  
Mais quer subir as solitarias nuvens ;  
Ao marmore da estatua que talhaste  
Deras vida, tambem morrera humana ;  
Fizera-te immortal, mil outros deoses  
Quizerão derribar seu pai, mais goso  
Sonharião além. A eternidade  
No homem !... Deos, perdôa ; déste o sonho,  
Tão fresco embalar, suave engano  
Da vaidosa loucura. Quanta vida,  
Quanta felicidade neste mundo !  
Amor desde o nascer, e sempre amor  
Até nas tristes lagrymas da morte !  
(Religioso terror ! lá passa enterro...  
Sons de sino rodêão-me tão funebres !...  
Avante !) ás nossas mãos fecunda terra  
Doira rubentes frutos, flôres abre ;  
Uma voz doce e maternal no berço,  
Ledice innata vê sorrir a infancia ;

Os amores depois; inda a velhice  
Tem prazer e illusão. Diz-nos cada anno  
As estações o circulo da vida,  
Di-lo um dia ligeiro : vejo a esphera  
Sahir das frias sombras e tornar,  
Das mesmas cinzas renascere vidas.  
Qual instruida a terra de seus filhos,  
Dores hoje, amanhã gosos lhes verte,  
Que seriam monotonos. Senhor !  
Nada sei. No mysterio que gerou-te  
Irás perder-te, luz de teda pallida  
Que arde enquanto o ar rodêa a flamma :  
Accendêrão-te aqui, além te apagão,  
E depois ? e depois !... Olha a teu lado,  
Eis teus ossos ali ! A eternidade  
A nós nos levantando desta terra,  
Está na successão da vida e morte :  
Ondulação dos ventos animados  
Que já vimos vivendo neste tempo.  
Digão embora os prophetas, não sabemos  
Qual foi seu nascimento : vejo tudo  
Sempre na mesma idade; houverão sempre  
Sabios e hão de existir ; o dia é mudo  
Desde a aurora ao sol pôr. Gyro dos ventos !  
Circulo eterno que descreve o sol !  
Sahimos de uma noite, entramos n'outra,  
Nós somos um só dia, e nós contamos  
Nossos minutos pelas nossas dôres.

Alma do homem, se immortal tu és,  
Como cresces com os annos da criança?  
Como desmaias quando o corpo enferma?  
Pendurados nos seios maternas  
O da Grecia, o de Roma sempre forão  
Como quando da idade aos echos longos  
S'encostavão ao bordão septuagenario,  
Pendião a vista, o pensamento immenso,  
Como se ao peso delle oppresso o corpo  
Frouxo se desfizesse em eternidade.  
Não tens idade, és infinita, és uma :  
E á materia momentanea desces,  
Segui-la engrandecendo-te com ella ;  
Inimiga que é tua, vens amá-la,  
Vestir a virgem de pudor, de encantos,  
Apodrecer ao pestilente clima  
Da prostituta immunda, e por vontade,  
Que do corsel as rédeas tu governas !  
O que vens cá buscar ? romper tuas azas  
Que são divinas, succumbir ás dôres,  
Ás torturas da carne : oh ! fôras louca,  
Hospede errante das regiões ethereas,  
Vir sobre a pedra repousar tão vil,  
Descançar uma sésta, e já partida  
Á presença de um Deos ir ser julgada !  
E não foi elle que mandou-te á terra,  
E porque tudo fez, tudo sabendo,  
Medindo os passos teus antes que os movas ?...  
Fazem de Deos um monstro, te fazendo  
Simples escarneo seu. Morta a razão

E o sentimento livre e a consciencia,  
O corpo vale mais : candida filha,  
A gloria do Senhor, teu ser eterno  
Medem teus altos vôos ; mais vais, mais vives,  
Quê a Deos sómente a absoluta vida !

---

Nossa vida este sangue, a seiva d'arvore,  
Desta arvore pensante e divinal ;  
São perfumes nossa alma, diferentes,  
Sempre anhelante a se perder nos céos ;  
O pensamento, o resplendor que a cinge,  
A atmospherá vegetal ambiente ;  
E' seu tronco o amor, a gloria ; os ramos,  
Os frutos e o sombrio gasalhoso  
E as flôres—a virtude, o crime. E' bello  
Amar um Deos, oh ! sim, que um pai nós temos :  
Amor, que fazes dôr, que a dôr esqueces !  
E para amar nem peço alma infinita —  
Material condição do mundo aos céos.  
Amemos de amor santo, amor sem esp'rança,  
Mãi enganosa da ambição, dos vicios :  
Esse amor natural é mais divino,  
Do que quando nos dizem duramente :  
« Adora o que a vingança aguarda, o raio  
Manda e a peste, o Deos de sangue e morte ! »  
E curvão-se os cobardes, mas não amão,  
Do medo infame e do terror ; escravos  
Amantes !... como o pai vibrando o açoite  
Pede a benção do filho. Amor mais puro

Demos ao Deos dos homens, por nós mesmos,  
Como os passaros cantão na espessura.  
Embora o sol se apague, os rios sequem,  
Não vamos d'interesse ante os altares  
Lagrymas d'olhos espalhar, vilmente  
Miserias confessar aos impostores,  
Mais miseraveis inda, que se ennovão  
Na esperança de que elles purificação.  
Commercio d'alma nos marmoreos céos  
Entre o povo e o ministro, o rei sopito  
Pela alta nuvem : e, quando despertado  
Aos latidos do crime, iremos, nojo!  
Chorar, pedir... Choremos todo o dia,  
Porém, movidos de um amor — da crença!  
Triumpho á consciencia, e suffocado  
Estale dentro o coração perverso !

---

Deos deu-nos para nós o mundo todo,  
O sol, os astros e este mar e a selva;  
Deu-nos vida e saber. E o homem pede,  
Por pedir, por sonhar pede sómente,  
O salario do goso em recompensa  
De uma existencia d'azas soltas, pura,  
Que elle proprio só mancha ! então gemendo  
Sente do vicio as farpas. O innocente  
Bem vezes soffre : mas, o sangue delle  
Banha a sociedade que o condemna:  
O homem crea o mal — por consumi-lo —  
Contra o seu deos, oh, prole generosa !

A eternidade em recompensa ainda  
Pela sua morte e as horas que passasse  
Na adoração divina ! e Deos nem fê-lo  
Para idéa tão vil : negando bruto  
A justiça infinita, elle não sendo  
Tambem por esses céos infindo n'alma.  
— E' céo em si a caridade, o amor :  
Candidas palmas seu caminho juncão,  
Lagrymas vê correr sua morte, e rindo  
Em piedosa alegria extingue os olhos.  
D'alma eterna a virtude não carece ;  
Nem por não ser eterna o crime, os vicios  
Da natureza pendem. Em letras igneas  
Sobre o rosto da lua apparecesse  
A verdade immortal, e as leis da terra  
Não fossem mais—ó mundo desgraçado,  
Eu quizera te ver... a lua fôra  
Mentirosa : — a verdade faz escravos : —  
Duvidar é viver : o homem é livre !  
— Se eu tenho eternidade, não m'ó digão  
Homens como eu : no espelho do universo  
Vejo uma só imagem reflectida :  
Pura religião da consciencia,  
Do sentimento da moral divina  
Me levarão naturalmente e cego.  
Vejo só pedras o fallar dos homens :  
A fera de razão berre aos cordeiros.  
— Nem quero recompensa á minha vida,  
As minhas dôres, meu amor de um Deos —  
Amando tenho o céo, tenho o meu Pai !

Eu sou da terra : a terra, o vento, as aguas  
Dão por preço seus cantos ? não são elles  
Preço de amor á creação sómente ?...  
Ser feliz é amar, feliz eu era  
Amando a doce mãe na doce infancia.  
— O navegante sol passa na esphera,  
Mirão-se estrellas nelle, e dá-nos dia  
Aos nossos olhos e o calor ao sangue :  
Vôa ao sol deste sol, muito além d'elle,  
A alma do meu corpo na existencia,  
Ao clima ethereo de sua vida e flôres.

---

Não é amor divino o amor da terra,  
Onde é fanal da longitude o lucro.  
O' santo, ó generoso amor da patria !  
Ai d'elle o que disser : « os sacrificios  
Ao nosso corpo, que o Senhor amansão,  
A nós as portas das delicias abre ;  
A patria dá-vos ouro, augustas glorias,  
Combatei pela patria, salvo a morte ! »  
Hão de cahir teus dentes, e os teus labios  
Baba infecta derramem do teu peito !  
— Caião os templos aos pés da natureza,  
E' mais bello este sol de luz de dia :  
Como do moribundo á cabeceira  
Parece a vela insinuar piedosa  
O caminho a passar, mudo-eloquente  
Elle nos diz « além ! » Mais do que os echos  
Deslavados, que estão se desmaiando  
Ante a paternidade desses homens,

Que se dizem do Christo a imagem pura,  
Por dizerem : « batei ! feri os peitos !  
Chorai agora ! » e as lagrymas s'entornão,  
Géla o terror a vista pela terra :  
Interesse servil ! « brandi o remo  
Do baixel da esperança, além dos mares  
Da vida — o porto d'ineffavel goso ! »

---

Não me ensinem os canticos sagrados.  
Emquanto lava de harmonia a abobada  
As imagens que impuras mãos talhárão,  
Entre as paredes tão mesquinhas postas ;  
Emquanto verte luz de terra o cirio  
Sobre a turba sonora, gemem orgãos  
E o sino — que o dinheiro vil comprou —  
Vou na campina me deitar cheirosa  
Debaixo deste céo á voz do vento,  
Das aguas e do bosque, e a natureza  
Cheia d'um solitario sol ! como ella,  
Sentir meu coração valente e novo  
D'inspirações formosas ; que não dessas  
Phrases diarias que aprendi, monotonas,  
Insensiveis na machina dos labios.

---

E' tão feliz, embora o mundo e a sorte,  
Sem ser por gratidão do leite e a cama,  
Naturalmente amar o filho os seios  
Onde nascèra, a mãi seu filho amando !  
E essa mãi que adoramos nos promette

Outro sonoro berço além da morte?  
 Não é na morte que ella é mais querida?  
 Porque a perdemos que a amamos tanto?...  
 O puro amor não tem, não tem esp'rança.  
 Amai a Deos na paz, na rubra guerra,  
 Nas ondas do prazer amai a Deos,  
 Na abundancia ou no fundo da miseria,  
 Na morte desgraçada amai-o ainda.  
 Tire-se o filho, a mãe seu leite perde:  
 Deos morrêra, seu mundo aniquilando:  
 Perdida a voz da natureza e os astros,  
 O mar e os homens, quem seu nome ouvira?  
 Quem dissera que elle é?... Cedro infinito,  
 Seus frutos somos nós aos céos olhando.  
 Elle o quiz. Se consuma a alma do ingrato!  
 Erga-se a crença que natura ensina,  
 Como a corrente perennal descendo!  
 — Esperança do goso o amor dos homens,  
 E sempre esp'rança e goso! Amor da terra  
 Querem dar-te, Senhor: não alimenta  
 Delicado manjar corruptos seios.

---

A unidade os cegou: multiplicarão  
 Deoses aqui nascidos filhos delles;  
 E pelos mil altares que divagão  
 Dão migalhas de amor. Eu não conheço  
 Nem mais que um Deos, nem deoses subalternos:  
 Ao primeiro me elevo, amo o primeiro.  
 — Idolatria eterna! as bentas aguas  
 Brutal gentilidade não lavarão:

A familia christãa se degenera  
Desde a morte de um pai. Elege o povo  
Um para santo, e dá poder divino  
De suas mãos ás delle... Homens da terra,  
Tão nescios, que buscais? como os insectos  
Nocturnos, ante o dia deslumbrados,  
A cahirem se agarrão pelas folhas.  
— Lá se embala na praça o enforcado:  
O carrasco em seus pés se dependura,  
Vai nos hombros saltar-lhe... esperta o peito  
Ao timido mancebo— a turba applaude!  
As carpideiras torres não chorarão:  
Nem se alegrão passando o innocentinho  
Que vio antes a morte que o baptismo:  
Já leva deste mundo o julgamento:  
Em fogo lento vai gemer, nem póde  
Em córos celestiaes ser cherubim...  
Anjos te negão, Senhor Deos, não sendo  
Educados e feitos por mãos delles!  
Hypocritas, eu vi monstros do incesto,  
Que ungidos fôrão, qu'inda o são no occaso!  
— Curvârão os animaes antigamente  
Ás rubras aras d'ouiro a frente do homem:  
De mil homens os pés hoje beijamos.  
Todos um coração sangrando mordem,  
Todos vivem da vida que era d'outrem,  
Que para si aos seus irmãos arrancão.  
Humanas feras, muito mais que os homens,  
Ferinos homens, muito mais que as feras,  
A natureza verte: indifferente

Um e outro adorára, se não fosse  
Meu amor todo só de um Deos — um Deos!  
E só de um sentimento pio e irmão  
Vejo o mundo — do monte ao bruto ao homem.

---

Lia a Biblia por noite indo os gemidos  
Do Christo neste dia d'endoenças;  
Logo o enfado da vida adormeceu-me.  
« Vòã, terra do sol que vem nascendo,  
« Receber os seus raios que se perdem  
« No arido espaço, de fecundas flôres  
« Murchas regiões abrir... » Eu sobresalto,  
Cabindo o livro. Pelas ruas corro,  
Como levado de ùa mão: no peito  
Se engrossando o coração me estronda;  
Em destroçado pensamento a fronte  
Me susurrava. Agora tudo pára.  
O circulo em que eu ia, se escôando,  
Desencantou-me em terra. Deos! a sombra  
D'Anna fronteira a mim! Quantos amores  
De um sentir tão mystico se librão  
Neste espaço, infinito! encadêado,  
D'entre os meus olhos e os seus olhos!... e ella,  
E eu, máo grado nosso, nos fugindo,  
Genio invisivel nos sostinha: encanto,  
Flecha attractiva se irradia della,  
Eu era o astro do meu centro em torno.  
Eu senti uma voz timida e vaga  
Como brisas de seda me enleando  
De azas vaporosas, e um perfume

De bocca virginal; rumor depois,  
Como do estremecer das folhas verdes,  
E as rôlas quando vôão. Que me arrasta?...  
Como d'aurora afugentado sonho,  
Minha alma foi de mim. Rangêrão pedras,  
Bem como outrora na cidade santa.  
Chamou-me louco atropellada turba.  
— Mais divina que amor, oh, mais celeste  
Do que o reino dos céos e o ser dos anjos!  
E eu bem cansado desta vida morta,  
Viveu-me o seu amor! Dentro de um astro  
Correndo penetrei na minha gruta  
Sem luz: tudo uma sombra povoava.  
Estendi-me no chão dando uns abraços,  
Beijando uns pés em soluçar de amante  
Feliz — felicidade o amor sómente —  
Eu era o esposo dessas sombras todas,  
Todas uma, ou meus olhos todas ellas,  
Ternas de mim, chorando aos meus delirios.  
— Tu me fazes christão, tu dás-me a crença,  
Tu és o signo santo dos meus labios  
Quando a aláuda em limpidas endechas  
De ti fallando despertar-me vem:  
O' ave da manhã, quem que ensinou-te  
Dizê-la?... Me alevanto, e vejo o dia  
No oriente indeciso. Então, brandindo  
Na minha voz teu nome, eu vi a erguer-se  
Das montanhas o sol; risonhas luzes  
Se suspendêrão nas fitaceas palmas,  
Que se dobrárão reflectindo orvalhos

Adiante delle; balançou-se o vento ;  
Estremeceu a selva, como as virgens  
No fim do somno sem sonhar suspirão ;  
E pelo em torno se afinarão rusticos  
Psalterios de alegria. Viste, ó Anna ,  
O' sombra da mulher que não existe,  
D'uma existencia dúbia a natureza  
Abrir-se como a flôr? assim minha alma.  
Porém, eu sonho que de mim te arrancão :  
Meus gritos , meu chorar de nada valem...  
Mesmo sombra de amor, que eu ame, eu perco !

---

Tudo é mentira em miseravel mundo!  
Tu, que eu julguei-te dom celeste e santo,  
A maldição a ti, que me enganaste,  
Falsa amizade... não és mais que do homem  
Hypocrisia e serpe. E eu pensava  
Do amor na eternidade... maldição  
A toda esta existencia! Nuvem bella  
Cobria uma hora a flôr que o valle cresce .  
Appareceu o sol — negra verdade!  
E tudo não foi mais do que uma sombra,  
Uma estação da momentanea infancia.

---

Hoje, ó irmãa, eu recebi tua carta,  
Na flôr do amanhecer me alevantando,  
Como essas aves que n'aurora cantão  
No tecto da choupana e estão dizendo  
Que o sol já nasce: e eu que no meu leito

Arquejava dobrado dos máos sonhos,  
Foste lagrymas d'alva, o dia d'hoje...  
Encheste-me de amor todo este dia!  
De nossa mãe, tão doce, me fallavas:  
« Deos lembre-se de sua alma... eu sou tua mãe...  
« Não me falles assim... morrer tão longe,  
« De dôr e de saudade, onde não saibão  
« De ti homens e o mundo... ó meu amigo,  
« Quantos punhaes no coração me embebes!...  
« Deos quer nos consolar... do esposo ao lado,  
« Um bem perto do outro nós vivamos  
« Sempre, sempre, meu Deos!... serei tua mãe,  
« Teu consolo, depois desse gram Pai  
« Soberano, a quem sempre eu rogarei  
« Tão triste presentir, e os sonhos mude,  
« Tire do solitario pensamento...  
« Não desanimes — tão esmorecido!...  
« Já estás cansado de viver? é cedo —  
« Oh! é tão cedo — vive mais um dia!... »  
Que palavras do céo! ainda a terra  
Dá flôres que nos dêem tão grato aroma?...  
Oh, falla sempre della, nossa mãe!  
Ha tanto tempo morta... oh, falla sempre!  
O que derrama no meu peito a lagryma,  
Dôr, orphandade, dá-me tambem vida:  
E minha alma viver, é na tristeza  
Solitaria exilar-se; o dó dos tumulos,  
Da saudade cobri-la. Me rodêão  
Tristes sombras da noite, frias, mudas,  
São mysterios do morto: e tu disseras

Meu limite amanhã, hoje chorando;  
Porém não, é minh'alma que é tão triste,  
Nem tenho tanto amor, que a vida chore.

---

São teus melhores dons o pranto e as dôres,  
Senhor, porque mais perto a ti nos levão:  
Por isso eu amo a noite, amo o deserto —  
Lá se desatão as prisões magoadas,  
E só contigo estou, e não nos ouvem.  
Nos perigos do mar, sobre o naufragio,  
Quem teu nome ensinou, que o nauta ignora?  
Ao moribundo que se estorce e dobra,  
Que sua vida passou salteando os montes,  
Descrente as veias qu'inda rompem sangue  
Com suas unhas cortou — seus ais da morte  
Quem do teu nome encheu, ferindo os troncos  
E as penedias que seu leito o ouvirão?...  
O' Pai, ó Deos dos homens, Deos dos astros,  
Que nessa hora tua mão piedosa estendes  
E uma esmola de graças nella brilha!  
Horas felizes do perigo e dôres,  
Solemnes, bellas, do Senhor tão perto!  
— São teus filhos eleitos esses bardos  
Gemendo pela terra sem ter patria,  
Rodeados de morte, os pés te beijão.

---

Sobre o mar, procurando o céo, se eleva  
Em columnas de sombra e de ar e d'agua  
Um templo: vejo um ser baixar sobre elle,

Que as columnas brandeão, o mar se arquêa,  
Humildemente geme, e o mar indomito!  
Mais puro do que a noite, eu mal o enxergo,  
Como o sol... não, não é, que o sol n'um disco  
Encerra as fórmãs de ouro: não tem fórmula,  
Parece a eternidade e o infinito!  
Disseras qual uma ave transparente  
Que com as azas envolve a immensidade!  
Uma luz, que concentra-se a extinguir-se,  
Dando mais claridade ao pensamento,  
Quanto a tire aos sentidos; que tão pura  
Estende-se d'ali por toda a parte,  
A terra, os astros e os celestes ares  
Sem refração seus raios trespassando,  
Embebendo de vida e de piedade;  
Que tudo anima e faz amor tão santo,  
Que de um só pulso inteiro este universo  
Uma respiração palpita eterna  
A ella só! Nella só tudo desperta:  
As aves vivem mais a ella cantando;  
As plantas quando o zephyro as agita;  
O mar quando mugindo balbucia,  
Infante o nome de seu pai, mais vive;  
O bosque amigos não teria e os ventos  
Se fossem mudos, não dissessem — Deos!  
Eu tambem vivo mais, morrendo nelle;  
Oh, tudo vive mais nelle vivendo!

---

Sae minha alma de mim, ante os altares  
Não subio: filho ingrato, arrependido,

Que approxima seu pai timidamente ;  
Cão que mordêra seu senhor, que humilde  
Se arrasta e esconde-se em logar sozinho,  
A vista lenta, e doce como a crença,  
Espião-o por ver se elle o perdôa —  
Assim piedosa por detrás das ondas  
Pede sombra ás columnas... Mas, quem tudo  
Afugentou, cobrio de horror do mundo?...  
Geme a festa nos flancos do castello,  
Impura ondulação d'infrenes vozes  
Tolda o espaço: minha alma recolheu-se  
Trémula e fria a emmudecer de susto;  
E da poeira sonora que ergue a terra  
Eu não vejo mais nada, os olhos turvos.

---

E depois outras vozes me perguntão :  
« Se fosses um caminho, onde encontrasses  
Salteadores mil e um homem preso,  
E te dissessem : este homem vai morrer :  
Se queres passar livre, mata-o ; ou morres :  
És simples instrumento. O que farias? »  
Respondi: eu sou livre, não matára,  
Me perseguira a sombra do assassino ;  
Morresse embora. Rirão-se de mim.  
Perguntei-lhes : se fosse o prisioneiro  
Vosso amigo mais intimo? « Matavamos ;  
Porque elle ia morrer, e nós sómente  
Nossa vida salvavamos, podendo  
Ser uteis inda a elle e aos que ficassem. »

Se fosse vossa amante, vossa filha,  
Se fosse vossa mãe? « Linda matavamos ;  
Assassinos não eramos, da morte  
Sendo o punhal por mãos d'outrem vibrado. »  
Ri-me delles então. Mas, vossa mãe!  
Com um semblante de céu pelo seu rosto ;  
Com seus olhos de lagrymas olhando  
Seu filho que ella amou, beijou na infancia,  
Com seu canto da tarde sobre o leito  
Embalou e adormeceu — seu filho  
Que ella abençoava ao sol nascendo,  
Nas estrellas da noite, e á flôr do campo,  
Ao vento quando move a natureza ;  
Sua alma da existencia era o seu filho,  
Seu filho os seios lhe romper, sangrá-lo  
De morte! donde a vida em lacteas ondas  
Corria-lhe, n'um rio espontaneo  
Do céu por climas divinaes passando!  
Ella piedosa vos pedira a morte,  
Sim, por vida inda dar-vos: leopardos!  
E a maternal doçura feminina  
O peito d'homem não brandira — egoismo!  
Por um dia talvez já só no mundo,  
Que se passa a dormir, que nada vale,  
Dereis a morte ao que teria inda annos  
De vivo ter-vos na moral do amor...  
Um cão já vi morrer salvando um homem!  
— E eu matar minha mãe... meu Deos! viessem  
Raios do inferno sobre mim, serpentes  
D'azas e olhos de fogo, com mil mortes

Todas 'sfaimadas, com mil deoses, todos  
Unhas e dentes regaçando em furia  
Para acabar-me — ainda eu me sorrira —  
Os monstros friamente desdenhando,  
Nos pés de minha mãe eu suspirára  
Meu ultimo suspiro; e ella morrêra,  
Nós ambos morreríamos! O' homens,  
Deixai-me com meus sonhos, com minh'alma,  
Não vinde perturbá-la; differentes  
Vós não sois meus irmãos, vos tenho horror!  
Naquelles ares, vêde, ha pouco estava  
Edificado um templo: eu socegado  
A' sombra do meu Deos parava uma hora:  
Fallastes, tudo se sumio! deixai-me  
C'o a minha noite e as minhas ondas, tendes  
O dia inquieto para vós e o mundo.

---

Vem, ó musa, modesta divindade,  
Em pedaços minha alma na poesia  
Verter: eu te amo! que minha alma rompes  
E mais leve me deixas do seu peso.  
Tão descorada! quem das faces humidas  
O velludo celeste matutino,  
As rosas virginaes tão cedo esfolha?  
Tambem a dôr apaga, como a onda  
O dourado fulgor da arêa branca,  
As faces; nos teus olhos lá se extingue  
A esperanza: mulher enganadora,  
Por quem morrem os homens illudidos,  
Esgotados de vida e crentes nella,

Dizendo inda ella no cahir do tumulo  
Co'os braços de cadaver supplicantes,  
E ella vòã risonha d'inconstancia.  
Minha terrivel inimiga, esp'rança !  
Seccaste os meus jardins e as minhas lymphas :  
Eu morra ao menos sem te ouvir longinqua  
Teu canto sirenal ; roçar tua vestia  
Crepitante a cahirem minhas palpebras,  
Se estendendo na morte ; deosa falsa,  
Vá tranquilla minh'alma deste inferno,  
Onde á tua voz sómente errante andava ;  
E cansada da vida, outra não pede ;  
Mas, inda viverá se Deos o manda.  
Nem para os céos nem para a terra, esp'rança,  
Não careço de ti, mulher perdida !

---

Pelos valles do espaço a vista eu solto  
Por detrás do horizonte, quando as nuvens  
Ao céu limpo não tração seus limites ;  
Tão amplo e tão vasio o firmamento  
Só adormece e eleva : então me sinto  
Túmido o cerebro, esquecer meu peito  
Meu coração, d'uma alma entorpecida,  
E de um pesado pensamento as sombras  
Abatem-me : Senhor, dá vida e força  
Que eu possa comprender-te para amar-te.  
Dizem-m'os os homens ; mas a voz dos homens  
Estéril para mim, ouvir nem posso :  
Sou como elles ; me falla tu sómente !  
— Tu vens no galopar da tempestade ?

Vens no pavor da noite e sobre o sol ?  
 No tempo derribando nos seus passos  
 Tão largas gerações e gerações ?  
 Com pés de fogo a terra verdejante  
 Fazer passando adusta, esses imperios,  
 Cidades em pedaços palpitantes ? —  
 Mas os meus olhos materiaes não bastão :  
 Vem tu mesmo, a verdade e o infinito,  
 Reflectir na minh'alma, que se esmaga  
 Sob o impossivel no estupor que fazes !  
 — Como tu fazes delirar e matas  
 O que em terra se arrasta invio ás tuas portas !  
 Oh ! que pai que tu és ! oh ! maldição !  
 Se eu pudesse dormir somno de um morto,  
 Por não sonhar em ti, déra esta vida !  
 Balar da vaga humilde, és só ás praias.

---

E aquelle sol cobarde vai fugindo  
 A voltar-me o seu rosto ! se eu pudesse  
 Pelos cabellos arrancá-lo ó occaso,  
 E destes braços o suster immovel  
 Lá no meio do espaço, e frente a frente,  
 Fender-lhe o peito, que uma voz soltasse  
 Em fumo envolta !... A lua desmaiando  
 Se encobre por detrás dos arvoredos,  
 Uns olhos timoratos da donzella  
 Dissimulando a idéa, e detençosa  
 Fez dous passos no azul, tremeu de mim.  
 E este vento, que ha pouco nos meus hombros

As elasticas azas meneiava,  
Escapou-se tambem, me ouvindo — eu só!...

---

. . . . .  
Mas, o rio que passa azul, vermelho,  
Conforme a côr do céu, quem foi que o fez?  
Quem é que do despenho alcantilado  
Leva-o saudar os campos e esses valles?  
E este vento que me açoita as faces  
De condemnado e arranca-me os cabellos?  
E este côro florestal da terra,  
Solemne e cheio, como dos altares,  
Vozes, orgãos, incensos todo o templo?  
Este meu pensamento pressuroso  
Rolando dentro em mim? este meu corpo  
Ninho dessa ave de tão vastas azas?...  
Quanto é sublime todo este universo!  
Quem te negára o ser? — quando houve tempo  
Quando nada existio, que tudo fez-se!  
Mas, o infinito comprehender não posso.  
Donde sahiste, Deos, onde vivias,  
Rodeado do espaço? elle gerou-te  
Por dominá-lo sol omnipotente?  
Mais elle fôra. Não. Acaso o cháos,  
Revolvido incessante ás tempestades,  
Estalado em lascões, lavas brilhantes,  
Outras terreas, librando-se embaladas  
Nas azas da attracção fraterna entre ellas,  
Qual presas pelas mãos por não perderem-se,  
Ordenou-se por si? ou fôra acaso

A criação fatal, tudo se erguendo  
 Segundo as circumstancias? Oh, inferno  
 Da obscura razão — mofa, ludibrio  
 Com que Deos pisa o homem! Um Deos fez tudo!  
 Um Deos... palavra abstracta, incomprevel...  
 Mas a sinto tão ampla, que me perde!  
 — E então, quem aos mares suspendidos  
 A verdura defende, e que se atirem  
 Uns astros sobre os outros? Deos... um Deos  
 Ao sol dá sceptro e luz, azas ao vento,  
 Leito ás aguas dormir, delirio ao homem  
 Quando queira abraçá-lo. Dorme o infante  
 Sob os pés de sua mãe, que ama e não sabe:  
 A natureza ao Creador se humilhe.  
 Não tenho alma infinita, porque é cega  
 A verdade immortal: visse ella o eterno —  
 Quanto eu amára! quanto! Eu sou bastardo,  
 Não sei quem são meus pais... se amar não posso,  
 A existencia me enfada: enjeito-a, e morro!

---

Eu estava n'um mar de calmaria  
 Amplo e cheio de sol, meu peito o esquiife  
 Mudo arquejava; as velas da minha alma  
 Não arredonda nem um vento — descem,  
 Pelo coração se escorrem; durmo  
 No meio das soidões de minhas mágoas.  
 Senti na minha face um doce alento  
 Trazer os meus cabellos: fria e timida  
 Mão seraphica a testa levantou-me  
 Com liberdade fraternal; meus olhos

De pranto escuros não pudérão vê-la.  
Duvidava uma voz de sensitiva,  
De flexível luar, longinquo incerto,  
Porque era virgem e amante ; mas, coragem  
Deu-lhe a piedade, o amor : « eu tenho ouro,  
« Muito ouro p'ra dar-te ; ergue a tua vista  
« Da terra, qual meditas que ella guarda  
« Tantas riquezas, te denega escassa  
« O teu pão de amanhã... sê meu esposo...  
« Meu esposo feliz ! — além desta alma,  
« Uns annos alvoraes e os meus amores  
« Castos, muito ouro para dar-te eu tenho. »  
Os meus olhos na terra pelo ouro !...  
Não, pesados de morte descaião :  
Um só meu pensamento ao ser mundano,  
Ao sanguineo motor nunca eu dei,  
Eu andava bem longe ! Se eriçava  
A longas dobras de um espanto bello  
E de nervosas commoções minha alma  
Sobre as bordas do nada : lá nascia  
O mundo, os campos se estendião, os montes  
Sobrepunhão-se, e logo o bosque, as hervas  
Corôão e cobrem de folhagem e sombra ;  
Eu sentia esmagarem-se na esphera  
Os astros seu caminho procurando,  
Rebanho alvoraçado em campo estranho,  
Depois se accommodavão ; o sol despede  
Seus raios primogenitos ; mais fracas  
Estrellas ás mais fortes se rodêão,  
Como o rei do Oriente está no meio

De mulheres tão brancas, tão mimosas,  
Porém sem luz, que o seu amor reflecte  
Em distancia. Eu choro, virgem moça,  
O amor, porém não o amor da carne ;  
Eu choro a dôr que o corpo não conhece  
Nem teu oiro não cura. — De repente  
O mar tremeu ; as ondas sepultavão-se  
Assim, perto de nós, como se a terra  
Debaixo as devorasse, nos ouvindo ;  
Surdo estrondo banhou todo o horizonte,  
Terremoto passou submarino.  
As mãos prende nos seios assustados,  
Respirando perdão nos olhos bellos  
No rosto meia-côr, tal pousalouza  
Folhêa as azas que de sol se orvalhão  
Por céu de brando, d'innocente azul.

---

Não te aterres de mim, falla um defunto  
Á virgem longos braços amorosos.  
Eu já não vivo mais: vês, como eu fujo  
De ti, mugindo ás solidões e ás noites,  
De monte em monte, como a fera errante?  
Amo abraçar a rocha sonora,  
Quanto amava a mulher inda hontem mesmo :  
Meu peito aquece a pedra, e destas mãos  
Afago as ondas suas que me cercão.  
O bardo d'illusões, que ia cantando  
Mimosos carmes do equador esplendido  
Pelas margens risonhas da esperança,  
Acabou : tenho odio aos céos, aos homens,

Tróco a luz pela sombra, e só respiro  
Destruição e tempestade e morte!

---

Como ia tão fresca a primavera!  
E eu me sinto cahir do verde cume,  
Qual fructo apodrecido pelo inverno,  
O velho d'alvas cãs d'envira branca  
Que de viver cançou; nem tenho inveja  
Ao homem que em seus calidos estios  
Contempla o vasto da existencia. Ai delle  
O que desesperou deste mysterio!  
Deste silencio estúpido nos céos!  
O pavoroso assombro de natura  
Em vago e nescio susurrar! Ai delle...  
Desprezo ao mundo, e maldição a esta alma,  
Que os olhos abre para ser mais cega!

---

Uma onda no mar levando o echo,  
Meu coração é campã solitaria  
Errante pelas naves ruinosas  
De tumulos desfeitos, rotas sombras  
Do peito meu; é como ave ferida,  
Que sómente estrebuxa, entésã as azas  
Para os gemidos no estertor da morte:  
Nem Libano sagrado eu sou, e a gleba  
Da eternidade os cedros meus não plantão;  
Nem ólho para o longe, envolta a fronte  
Em negros braços de ataúde, eu durmo.

---

Cançado viajor, descanço á base  
 Do monte que desci — frondosos campos !  
 Onde as imagens duvidosas, bellas,  
 Verdes folhas arrancão-me passando  
 Os ventos a perder : eu estremeço  
 Que nos véos d'illusão que além s'estendem  
 Não durma o raio da desgraça, e as flôres  
 De pétalos rosados não me arrojem  
 Com seu peso de ferro. Oh ! doce aurora ! —

---

Era phantasma ; a voz de escuridão  
 Na carreira dos ventos misturou-se :  
 « Que faço, qu'inda existo ? a morte ! a morte !  
 E os theologos dizem — nossa vida  
 Pertence a Deos, que a dá — Miséria ao homem  
 Vil existencia mendigando, fraco !  
 Inda aos dias mais fundos de desgraça !  
 E eu inutil no mundo, e lasso delle,  
 Minha vida nas mãos, não quero os dias...  
 Espinhados cabellos se amolleção,  
 A fronte alise-se aos que me ouvem mudos  
 Com fixo terror passar nas sombras  
 Pela esphera infernal das minhas noites — »

---

Sonho, sonho de amor, que me adormeces  
 Tumultuosa, amotinada esta alma !  
 Uma ineffavel ambição me segue :  
 Mulher, uma sómente, como os anjos,  
 Em cujas mãos eu desfolhasse todo  
 Este amor que me ancêa, vaga viva

A querer se perder. Feliz da virgem  
Que nasceu para mim ! que eu acordá-la  
Ao meio dia do amor ! como essas flôres  
Que abrem á força do calor do sol ;  
Por isso ainda mortas vertem cheiro  
E o vivo do escarlata não descórão,  
Como as d'aurora que favonio anima  
Só emquanto do orvalho humedecidas,  
De fresca mocidade as faces tintas.  
Essa que sobre mim primeiro os olhos  
Accender de paixão, que ainda estavam  
Entre as capellas virginaes fechados ;  
Essa, onde o candor de um riso infante  
Envergonhou primeiro o gesto ameno,  
E o coração reprecenda e de mimosa  
Busque, pobre ! tirar de si minh'alma ;  
Essa, dormindo da existencia o somno  
Desde os seios da mãe té ao meu peito,  
Alto o sol, viu-se nua diante d'elle —  
Não em volúpias sensuaes enferma  
Descamisando-se, espasmando o corpo —  
N'um assalto de amor vago, encantado,  
Púdica rosa em flôr, se esconde, crente  
Que no seu rosto o coração lhe salta :  
O' virgem, onde estás ? ó minha noiva !...  
— Lá das partes do céo a vejo... vem...  
Vós podeis começar os nossos dias,  
Lacteas manhãs e as brisas da montanha !  
Casal ditoso, nós não peccaremos,  
Aqui não ha serpente. A minha fronte

Sómente por dormir o teu regaço,  
Teus pés hão de embalar, nos meus cabellos  
Sentindo o afago da tua mão cheirosa.  
Nosso universo só de nós composto,  
Amores respirando no ar, amores  
O coração banhando, iremos longe...  
Onde só testemunhe a natureza,  
A terra, o vento e as estrellas altas  
O nosso corpo nú... anjos selvagens!  
Os berços de roseiras e a ramada  
Não murcharão neste Eden: novo sol  
Ha de ver se murchando o velho monte,  
Novas flôres nascer, nova esmeralda  
Dourando nova relva, se estendendo  
Dos pés aos joelhos, como á luz aspira,  
Por o cinto lamber, braços d'esposo  
No enlêar de enlevos — oh, triumpho!  
Nestes jardins ha Deos, sobre este clima  
Ondula o firmamento dos amores.  
A tempestade, o mar, a voz d'ameaças  
Nos provocára o riso: o sol sómente  
Nossos quentes vestidos, muda lua  
Nos seus serões de luar tão só nos vira —  
Longe dos vivos, evocando os céos!  
Eterna vida! amor eterno! esta alma,  
Ave perdida, errante, hoje sómente  
Ao ninho conhecido, ao ninho amado  
Levantará seus vôos, e do passado  
Sem lei nem crença não terá saudades.

---

— Vê-la saudoso-olhar mui longamente  
O caminho que eu fui, quando lhe ouvia :  
« Adeos, vem cedo » : e vê-la inda sósinha,  
Qual presa á minha imagem que a circumda,  
Pensativa e bem triste: e quando, bella  
Como céo, n'um relampago assaltada  
Voando me encontrar, dar-me tão linda  
Uma face de amor ao beijo amante,  
E de alegre de mim desapareça...  
E sempre, sempre no primeiro dia,  
E dizer-me lá da alma : « Como pódes  
Essas horas passar sem mim tamanhas?... »

---

Embora o sonho se rompesse, eu vi-te !  
Chamei-te anjo dos mares : oh ! me salva,  
Terra onde eu tenho de aportar, ou morro  
Nos escóelhos da sorte, a não perdida !  
Chamei-te estrella d opastor ; chamei-te  
A flôr dos céos, que eu vejo solitaria  
Minha irmãa, como eu sou, no mundo d'homens :  
A mim teus olhos só te amostrem, como  
Ao sol nos céos do dia os astros morrem.  
— Mas, nada foi : embalde nos meus olhos,  
Como a luz, eu julguei tudo ella ser ;  
As arvores em flôr eu sacudia ,  
As que eu achava mais como ella ; embalde  
Eu vi brancas imagens se gerando  
Na minha voz — perdião-se qual nuvens,  
Qual pombas vaporosas no horizonte

D'alvas da esp'rança e da felicidade :  
 Um echo prolongava-se, e sómente,  
 Em rapidos, sensiveis ondulados,  
 Canto d'ave da tarde após a chuva.  
 — Anjo mimoso, de nevadas roupas,  
 E os cabellos de sol, os pés argenteos !...  
 Amo esta sombra — tu, mulher não és.

---

Porém , tu me dizias no descermos  
 Daquelle morro á tarde : « Nestas virgens  
 Amor não ha, poeta, ouro sómente  
 Os pais lhes mostram ; teu cantar desdenhão,  
 És pobre, nada vales : e que importa  
 Alma capaz de suspender os céos  
 Abaixados aqui na vida intima,  
 Que á natureza o coração desdobra  
 E o corpo despe desta impura terra ?...  
 Que importa — és pobre, nada vales. Olha,  
 O homem que lá vês dellas cercado  
 É vil traficador, nasceu tão baixo :  
 E hoje um potentado numeroso,  
 Vai ás salas do rei, brilhante o peito !  
 A velha pobre mãe 'stá pelas ruas  
 A mendigar o pão, elle a desmente  
 Quando a benção lhe dá ! Orphãos, viúvas  
 O nome seu maldizem ; mas tem ouro  
 Tanto, á vista perturbar ! Suas filhas  
 Mais limpidas e terras são presentes  
 Que os pais ricos lhe levão ; e esses olhos

Tintos em menosprezo, resvalados  
Pelas costas a amor, que ouro só quebra,  
Arrasta nos seus pés, deita em seu chão  
Marmorea cortezãa de frios risos,  
De faceis prantos que seu peito ignora.  
Não ha felicidade, isto que é d'alma  
Nas metallicas fórmãs se marêa ;  
Amor do corpo só — n'um dia, cança,  
Enfastia a existencia, a alma se fecha. »  
— Mas, eu te respondia : e que me importa  
O ouro e os amores das mulheres ?  
Eu, descrente do mundo, adeos eterno  
Disse ás suas virgens. Falle a natureza,  
Cala a fortuna : a timidez dos campos,  
Ou a filha do principe soberbo  
Ha de ser minha, morrerei por ella,  
Máo grado o meu destino : indifferença,  
Eu desprezo o que possa a terra dar-me.

---

Amava uma criança outrora, quando  
Aos seus brinquedos innocentes via  
Voltar minha existencia ; e tanto amou-me,  
Aos carinhos deixar da mãi querida  
Pelo vir suspender-se em meu pescoço  
Beijando-me, apertando-me : parece  
Que nella estava a aurora dos meus dias  
Em cada amanhecer se enrubecendo ;  
E já corrião negros de tristeza  
E de orphandade. Oh ! tudo era alegria

Diante della, nascer : luz matutina  
Que um zephyro alevanta afugentando  
Os primeiros negrumes da minha alma.  
Borboleta do prado ao sol voando  
As azas brilha e esmalta, a mim se lança  
Nos raios de um amor do coração :  
Vejo-a limpido lirio rodeado  
Do candor virginal, despentêada ,  
C'o a camisa infantil nevada e pura,  
Os braços nús e o cello, os pés de rosas,  
Levantar-se do leito e vir correndo,  
Mimosa e barulheira como a cria  
Que salta na campina ao vir do dia ,  
Seus beijos matinaes pôr-me na frente,  
As mãozinhas correr nas minhas faces,  
Que no seio lhe encosto perfumado  
Ondeando de angelica innocencia ,  
De vapores de amor, que exhalão anjos.  
Vejo-a no sol pender, cantando os passaros  
Com saudade, e nos hymnos vegetaes  
Pelos desterrros da montanha e o valle ;  
Nas palmeiras cadentes no horizonte  
Qual lampadas ethereas, ou de noite  
Alvejando-se os campos estrellosos  
Como fróta no mar ; e sempre exacta  
Minha sombra, meu raio me seguindo  
N'um captiveiro que o amor prendia,  
Linda abelha que em mim seu mel formava.  
Caminhando o céo d'astros, nos cobrimos  
Dos seus molles e tremulos clarões,

Como das barras da manhã vermelha  
Do formoso equador; e eu lhe mostrava  
A natureza esplendida nas flôres.

---

« Vem commigo : desponta alva açucena ! »  
Eu lhe disse, e por vê-la acompanhou-me  
Um meu contemporaneo, meu amigo  
D'infancia, bello, namorado e ledô,  
Quanto eu era sombrio e mudo e triste :  
Cadeias trança deslumbrantes, grossas ;  
Era a flôr dos salões e da belleza ,  
E na lyra cantava os seus amores.  
— Olhou-nos a menina friamente ,  
E d'entre os meus joelhos desdenhosa  
Foge ao gentil, ao festival mancebo ;  
E os anneis afagando que pendião,  
Fez um ar de mulher e abandonou-me !  
Eu senti meus cabellos se entesarem !  
Mofou da minha voz desconcertada ,  
E que o luto e a pobreza me cobrião,  
E nunca mais amou-me. O' natureza,  
O' Deos, que fazes a mulher tão bella  
Desde o berço, e tão fraca ! innocentinha,  
Que má sorte é a tua, que o teu peito  
Sangue tão máo banhô ! e eu te amava,  
Com que amor eu não sei, mas é verdade.  
Hoje mais fortes te corôão os annos,  
E a minha voz escutarás piedosa.  
— Espera a natureza aos teus amores :  
A terra é falsa, não te illuda a terra.

E eu de minha vez jurei que o ouro  
Nunca brilhára sobre mim: não quero  
Que por elle me adorem. Quando a virgem,  
Quando eu nos encontrarmos, que a corrente  
Do amor nos junga e communique, entre ambos  
Mais nada além de nós — triumphe o amor!

---

**XXXVI**

O' noites infernaes da minha vida!  
Desespero e descrença os céos e a terra:  
Lá não tem uma voz que diga — esp'rança!  
Aqui não ha sorrir que diga — amor!

Uma lua cançada e sempre morta,  
Dormindo pelos cumes das montanhas;  
Uma hyperbole bruta; uns pyrilampos  
N'uma abobada ferrea pendurados —

Aridos campos onde morão pedras!  
Não vejo a aurora mais do que um semblante  
D'escarneo á humanidade; o feio occaso  
Os olhos a fechar só lembra a morte.

A terra por si mesma faz-se em homens:  
Zumbe espectro inconstante de umas horas,  
Nem mata a fome, e vai-se desfazendo —  
Inda a sonhar, que não viveu, sonhava.

Meu sonho dos felizes, que passou-se,  
Porque me despertaste? Entrei n'um céo,

Ouvindo — eu te amo! — foi mentira. O inferno  
Hoje me envolve, me envolvendo o amor!

D'esperança em esperança corre a vida —  
Existir é esperar: porque eu morri  
Desde que a véla suspendendo ó acaso  
O meu canto entoei desta desgraça!

Mar sem praias! — seus ventos me dizião:  
Não vês lá no horizonte os verdes cumes  
Juntos ao céo? — Andei! fagueiro e ledó.  
E tão cançado, e sem chegar mais nunca,

Vi cahindo a verdade! Eis porque eu morro:  
Vive quem dorme e sonha. A dôr me uivando,  
Eu quiz aniquilar minha existencia,  
Que era phantasma o ser, mentira a vida.

Meus echos delirantes retumbárão  
Na minha alma em suas chammas consumida,  
Em vão!... Quero viver — vem, céo da noite,  
Banhar-me do teu somno: eu durmo, eu vivo.

Demonio d'alma, septicismo horrendo,  
Philosophia cega, oh, vai-te! vai-te!  
Das oppressoras escarnadas garras  
Solta-me — aos valles da obscura crença.

Esquece-te de mim, fecha-me as azas  
Sinistras de sombrio noitibó:  
Eu quero amar a Deos, homem e os anjos:  
Vai-te! deixa-me em paz — feliz eu sou!

Consumiste minha alma ennegrecida.  
Tu diceste, que um Deos não me acompanha;  
Vãa fumaça minha alma, que meu corpo  
Em cinzas perderá passando o vento.

Me negas um repouso, um doce amigo;  
M'incitas duvidar no amor da virgem:  
E murcho e frio me recolho ás sombras  
Da minha vida a me abraçar co'a morte.

Olhei... Meus dias vi do sol cahindo.  
Escutei... Foi meus labios estalando  
Em maldições ao ser desta existencia,  
Ao Ser que sobre o sol conta os meus dias!

E eu que me assentava ao pé da serra,  
Vendo as estrellas como nymphas de ouro  
Subindo lá do fundo da corrente,  
Começando-se a noite a encher de sombras;

Esperando que a lua atravessasse  
No valle, por sauda-la destes nomes —  
« Anna e minha mãe » — achei só tumulos:  
Pallido o amor, pallida amizade!

Achei a minha vida ser tão longa!  
Como o passar da eternidade: embalde  
Dormia as horas, e nas dôres de hoje  
Meus dias de depois eu descontei.



**SOLIDÕES**

SOLE

**XXXVII**

V. \*\*\*

(A' MINHA IRMÃA MARIA-JOSÉ.)

Não mais o amor fatal, o amor do inferno :  
Eu canto o amor da natureza — Salve!

Quando fôres mais crescida ,  
Quando souberes fallar ,  
Quando mudares os dentes,  
Deixaremos o palmar :  
E este pé de mangueiro  
Que sombrêa este logar  
Ha de cahir de saudade  
Sobre estas aguas do mar.

Na leiva de terra estranha  
Cae do bico d'ave errante  
O grão que preso levava  
Em seu voar inconstante ;  
E dali nasce uma planta :  
Quem foi que a plantou? Avante ,  
Por entre as moitas da urze  
Desmaia engeitada infante :

Nem da quadra cultivada  
 Pelas mãos do lavrador,  
 Nem da semente aquecida  
 Em seios fortes de amor,  
 Ella não foi... desfallece,  
 Como os mysterios da flôr,  
 Olhando a sorte de Deos  
 Em muda, innocente dôr.

Nos seus banquetes o mundo  
 Espera a filha sem pai;  
 Os homens lanção-lhe o preço;  
 Em vil miseria descae:  
 Rodêa os olhos mendigos,  
 E nada encontra... um só ai!  
 A morte sua presa arrasta;  
 Porém, eu digo: esperai!

Triumpho! triumpho, ó Deos!  
 Não morres, filha, sou eu;  
 És aos lados de teu pai,  
 Ergue a frente, o sol é teu.  
 — Não mintas... como eu te amára!  
 Meu pranto nunca escorreu  
 Por uma felicidade...  
 Estou nas portas do céo! —

Orphãa da mãe perdida,  
 Nem és a filha do amor,  
 Que o fogo d'alva dos annos  
 Só queima, não ama a flôr:

Nesse qual vago saudoso,  
Nesse qual perder da côr  
Bem dizes que és debil fruto  
De adolescente candor:

Desanimado crepusculo  
Em teu semblante esmorece,  
És botão mysterioso  
Que de manhã desfallece:  
Nem a brancura da rosa  
O corpo teu não aquece;  
O pardo destas campinas  
Sobre o teu collo adormece:

És a irmãa da parda rôla  
Solitaria e só donzella,  
Quando co'a voz despovôa  
A tarde assombrada e bella:  
Como o genio da tristeza,  
Tudo cala em torno della;  
Se ella passa, tudo exila,  
Coitada flôr amarella!

Corça morena dos montes,  
Bastarda côr do anajá,  
Todo o mundo te despreza,  
Como a tua sorte é tão má!  
Não!... do mundo eu nada quero:  
Filha, amor, tudo aqui 'stá!  
Vivamos como as correntes  
Do tortuoso Mapá. — (\*)

(\*) Ribeiro da Victoria.

Escondido na espessura  
Lá da Victoria (\*) deserta:  
Que eu seja tudo o que tenhas,  
Teu astro da vida incerta;  
E só tu minha existencia  
Que eu sinto que em ti desperta,  
Meu canto da nambú-preta,  
Flôr nos meus jardins aberta.

O' filha da escrava negra!  
Eu encontro em ti poesia,  
Mesmo no teu nascimento  
Do crepusculo do dia,  
E no abandono dos brancos,  
Que te faz tão triste e fria:  
Tudo passa, a lyra vive,  
Tu não tens noite sombria.

Cativa no occaso d'hontem,  
Eis o sol da liberdade!...  
Eu choro, que tenho o peito  
Tão cheio desta amizade!...  
Ao leito impuro descêras,  
Descêras antes da idade —  
Horror! as azas de um anjo  
Só võem á Eternidade.

Quando fôres mais crescida  
E já souberes fallar,  
Quando mudares os dentes  
Deixaremos o palmar:

(\*) Fazenda de meus pais.

Iremos ver o Vesuvio  
Suas lavas aos céos lançar,  
A bella França ha de ver-te,  
E as louras filhas do mar.

Tu, perfume dos meus dias,  
Que dar sómente quiz Deos:  
Elle o soube... é que na terra  
Eu nada tenho dos céos,  
Além dos vagos delirios  
Que vejo nos sonhos meus;  
Os meus amores são sonhos,  
Inda um sonho eu julgo os teus.

Tu serás a companheira  
Da minha triste existencia:  
Te mostrarei das estrellas  
A harmoniosa cadencia;  
Das harpas mysteriosas  
A virginal confidencia,  
Ouvirás meus sons nocturnos  
Da noite n'alta dormencia.

E estas aves da tarde,  
E estas terras do lar  
Chorando te acompanharão  
No deixarmos o palmar;  
E este pé de mangueiro  
Que sombrêa este logar  
Ha de cahir de saudade  
Sobre estas aguas do mar.

---

Ia tão triste o meu choro,  
Que o rio, o vento chorava;  
Mesmo a sombra do mangueiro  
Como a tristeza esfolhava:  
A minha pobre filhinha  
Ignorante e terna olhava,  
E de tímida e medrosa  
No meu corpo se apertava.

Sobre os pés do velho mangue  
A minha fronte pendia,  
E minha filha brincando  
Parece mimosa cria  
Na relva do praturá;  
Longe a tarde se esvaía:  
As noites do Marianno (\*)  
Pelos meus olhos eu via...

Margens do Pericumán.

(\*) Rio que estende o nome aos paizes da Victoria.

---

**XXXVIII****DIA DE NATAL.**

(AOS MEUS CONTEMPORANEOS DO PERICUMAN.)

Raia o sol, brilha no talo;  
Morre o sol, fenece a flôr.

Tudo passa e vai com o tempo,  
Nossa vida e nosso amor;  
Doce quadra em que gozamos  
Logo muda em dissabor.

Fazem annos que n'aldèa,  
Patria nossa onde nascemos,  
Leda gente concorria,  
Ledas festas desfrutemos:

Nossas virgens matizavão  
Nosso prado como a flôr;  
Corria o vento nas folhas,  
Meigas palavras de amor:

Estendia-se o horizonte  
De fumarentas choupanas,  
Nos paizes d'arredores  
Cantavão brando as silvanas:

Rugia o tambor alpestre,  
Cadenciavão os cativos  
Toada africana ás danças  
Das crioulas d'olhos vivos :

Uma vióla harmoniosa,  
Doce frauta pastoril,  
Mimosa esteira de relva,  
Nosso tecto um céu de anil,

Noite e dia erão momentos  
Que como o vento passavão !  
Na minha infante donzella  
Meus olhos não se fitavão :

Nem mais os tempos meus dias  
Com suas azas me arrancárão ,  
Em sombras de amor desfeitos  
Em torno della abaixárão.

E nessa pura innocencia  
Tanto amor me arrebatava,  
Que minh'alma no meu peito  
Bellos sonhos delirava :

« Anjo do céu, flôr do campo,  
« Que me diceste que eu sou !  
« Fui como a noite obscura  
« Que n'alva o sol despertou ;

« Levantaste a minha frente,  
« Meus olhos d'orfão cahidos :  
« Minha vida, amor, esp'rança  
« Eu via em ti renascidos !

« Oh ! juro pela minh'alma,  
« Por ti, que dizes que eu sou,  
« Por este amor que me déste,  
« E a vida que me embalou :

« Ou morrer, ou suspender-te  
« Nos louros da eternidade,  
« Combater pelo teu nome  
« A sorte, a adversidade !

« Arrancar-te deste inferno  
« Para o meu clima dos céos,  
« Arrancar-te á morte, ao nada,  
« Se possível fosse, a Deos !...

« No romper desses nove annos,  
« Expande as azas de amor,  
« Pura e candida, remonta  
« Nas harpas do teu cantor. »

Porém hoje no desterro  
Deste longinquo saudoso  
Minh'alma perde-se, esváe-se  
Onda do echo vaporoso ;

Minhas horas vão pesadas  
Sobre a corrente da vida :  
Me desanima a existencia  
De uma tarde esmorecida.

E eu a choro, que a amava !  
A ella meu doce amor :  
Feliz ! que os homens ignorão  
Quem dá-me tão pura dôr :

A ella que appareceu-me  
De formosura radiante,  
E deu-me o dia á minh'alma  
Pela noite escura errante :

A ella sombra encantada  
Que d'innocente me amou ;  
A ella que despertou-me  
E que me disse, que eu sou.

Dezembro de 1853. Rio de Janeiro.

---

**XXXIX****A MUSA.****A. J. D.**

O primeiro me fallaste ao coração  
doce da infancia. Minha musa des-  
pertou : e no pôr-do-sol da vida eph-  
mera, ainda se exhala ao seu astro  
da aurora.

E' noite e solidão ! noite e silencio !  
Noite e minh'alma ! noite e meus amores !  
Limpidas alvas não respira a lua,  
Nem ondas d'harpa eolia nem de vozes  
Não vagão : desce a sombra e cobre os valles  
Da penedia, na verdura umbrosa.  
Recolhe-me em teu seio, nos teus hombros  
Deixa cahir-me a fronte mutilada  
Do triste pensamento e da tristeza ;  
Deixa correr meu choro e os meus soluços,  
Filha da noite, minha musa, deixa !  
Minha coitada mãe por toda a parte  
Erguendo-me piedosa se enfraqueço  
No caminho da vida tão difficil ;  
Co'os cabellos me enxuga a fronte e os olhos  
Da mágoa e do soffrer pisados, mortos :  
Diz-me « coragem ! » e me consola e anima.  
— Qual será meu destino ? porque eu choro,

Como quem vai morrer n'alva do dia,  
Deixando a patria e toda esta existencia  
Que eu tinha no meu genio, e toda esta alma  
Que me embala n'um céo que tanto eu sonho?  
Tu, que és do céo, ó minha musa, falla....  
Ah! estremecees.... é que eu vou morrer.

---

Solitario nas plagas do deserto,  
Errante como o vento, ou pelos mares,  
Na sepultura de meus pais chorando,  
De sombra em sombra procurando abrigo  
Nos ramos do cypreste, eu só contigo  
Tenho me achado, minha filha e amores,  
Tu, mãe que minha mãe deu-me em morrendo,  
Bafejando o meu corpo nos teus braços  
Como um berço d'infante, como um passaro  
Movendo-me em seu ramo á viração;  
Tu, fiel junto a mim sempre te encontro,  
Sempre tu, sempre tu — n'uma alegria,  
Olhando para trás desse passado  
De lagryma e saudade, olhando adiante  
O astro d'amanhã longinquo e frio  
Na sua luz duvidoso. Oh! quanta vida,  
Quanta poesia, quanto amor eu tinha,  
Qual n'um globo de ferro um sol fechado  
Sómente á espera de uma voz divina,  
Da inspiração de Deos para nascer,  
Dentro desta alma d'hontem! vacillante,  
Que ha de se apagar voltando a aurora,  
Logo no amanhecer! Perdido Cygnus,

Não mais, não te ouvirão.... Quantas mil flôres  
Hei plantado ! e um sol sómente ao tempo,  
Deos, pedia por dar-tas perfumadas  
Nos jardins do ideal, puras e abertas.

---

Melancolica noite, minha musa,  
Como eu te amo assim ! sombra nos campos,  
Sombra nos montes, nem a lua e estrellas ;  
Sómente o vento no deserto, longe  
O mar na costa, um tépido susurro  
Exhalando a folhagem. Horas tristes !  
Meu corpo de cansado se desmembra,  
O dianem passei rasgando a terra.  
Meus cabellos sombrêão minha fronte  
Que pende no meu peito, que a levanta  
No pesado bater, vibrão-me as fontes.  
Então rios de mágoa e de tristeza  
Nas suas ondas me levão. Tremo a morte  
Que sinto vir andando ; eu abro os olhos  
Ao tacto de sua mão : vejo um sepulchro  
Aonde eu vou cahir ! já está tão cheio...  
As cinzas de meu pai, de minha mãe,  
Tantos amigos, muito amor perdido  
Pela foice do tempo, na minh'alma  
Córos, incensos, luzes do meu templo,  
Que além do meu peito se extinguirão !...  
Hiante para mim, não vos fecheis,  
Sepulchro de meus pais — eu venho já,  
Quero ver minha mãe.... porém, me aterra,  
Tenho medo da morte, nesta idade,

Nem sei porque.... os tempos não me esperão,  
Gloria não vinga pobre flôr dos valles,  
Corôas do carvalho da montanha.  
Porém á minha patria, ás minhas virgens  
Vindo abrindo tão puras, encantadas,  
Porém á minha mãe deixar quizera  
Pendurada ao seu tumulo uma lampada  
De luz, d'oleos eternos; ao cypreste  
Que dá-lhe sombra uma harpa que gemesse  
Passando o vento, ao homem que sósinho  
Repousasse sob ella, a dôr no peito :  
Sob o musgo do tempo, na folhagem  
Temporãa, não perdêra-se hoje mesmo  
D'um nocturno clarão piedoso e doce  
Seu leito d'anjo alumiado em sombras :  
Viria o coração sensível, triste  
No caminho da luz peregrinando,  
Derramar-lhe seus beijos com suas flôres,  
Dorido pranto suffocando n'alma.

---

Oh, não mates ainda, o sol nascendo !  
Mais um dia, meu Deos ! dá mais um dia  
A' minha vida como a flôr, tão pouco  
Te pede um filho — dá ! na eternidade  
Um dia o que é ? Senhor ! « Adiante !  
Adiante ! vai morrer : em negra torre  
Do destino a tua hora está soando :  
Chegaste ao porto de manhã. » O' musa,  
Filha da noite, abraça-me e morramos !  
Adeos, bello universo de poesia,

Que de em torno o meu corpo, nos meus olhos  
E na mente rolava-me : um cháos vivo,  
Que, como tu fazias n'um aceno  
As estrellas e o sol, na harpa que inspiras,  
Que sabes dar, Senhor, puros arroios  
D'harmonia tu víras, teus incensos ;  
Da casa do pastor humilde fumo  
Sumido aos turbilhões que os céos escurão  
Dos castellos dos reis ; mas, recebêras  
A pobre criação, tambem divina....  
O homem, o insecto são teus filhos, te amão :  
Vale tanto p'ra ti zumbido incerto  
Como um hymno, que o mesmo amor os move.

---

Tão tristes minhas candidas irmãs,  
Amigos que tenho hoje, e mesmo os outros  
Que d'outr'ora eu amei — ah, não me amavão !  
E esse limpido côro d'innocentes  
Qu'inda não sabem amar, que inda não sentem  
Feridas que homens fazem á morte eterna ;  
Por isso rindo e amando, rindo ignaras,  
Que o outro amor só chora ; as minhas rosas,  
Meus anjos do meu céu do pensamento —  
Vejo-as errantes, pallidas vestidas,  
Bradando por meu nome ; eu não respondo :  
Desentranção-se e chorão pelas margens  
Do rio onde eu vaguei por esta vida ;  
Perguntão-lhe por mim, pégão suas aguas  
Por uma onda deter nas mãos tão frias,  
Que lhes diga onde estou ; escutão, esperão...

E nas aguas suas vozes vão perdidas  
Tão bellas que a ave emmudeceu no ramo !  
Os louros da Victoria qu'inda esperão  
Estremecer á minha voz sob elles,  
Suas folhas me chuvendo e a grata sombra,  
Onde espião-me os passaros calados  
Reconhecendo-me a tão longa ausencia,  
Gemendo murcharão de mil saudades,  
De desesp'rança mugirão na ruina.  
— Eis porque eu choro de morrer tão cedo :  
Porém, dos anjos rodeado, eu morro :  
Qual palmeira de argenteas borboletas  
Se cobre esvoando na manhã d'estio,  
Que fogem, quando ao golpe do colono  
Cahio ; coitadas, scintillando as azas  
Vem de novo pousar, errão nos ares  
Onde a rama ondeava, e se retirão ;  
A metade inda volta, uma só, duas,  
Que mais o orvalho e o som beber-lhe amárão,  
Chegão perto, porém desaparecem,  
De acostumadas ; por si mesma, triste,  
Inda o dia seguinte aquella vinha  
Que ainda o amor engana ; então sumirão  
Por uma vez, e a palma a terra envolve.  
Assim quero morrer ; inda descendo  
A' noite quero ouvi-las suspirando,  
Em trepida candura as azas d'ave  
Tremendo desdobradas na corrente ;  
Ouvi-las medrontadas do cadaver  
Que amárão apertar ; mesmo fugindo,

Perdendo-me, esquecendo, amára vê-las  
No horizonte do tumulto espalhadas.

---

Fôra bello voltar depois da morte  
E muda vista percorrer ao mundo ;  
E, antes de tornar ao pouso eterno,  
Cantar saudoso adeos, nessa tristeza  
Desse solemne soluçar dos montes :  
E traçar sobre as paginas da lagem  
Seus mysterios, mysterios desta vida  
Que eu não posso entender, e o Deos que adoro !

---

## XL

### O TRONCO DE PALMEIRA.

Oh ! eu sou como a palma sem folhas  
Solitaria nas praias do mar :  
Minha fronte seus ventos rompêrão  
Inda branca da infancia doirar.

Os passantes aqui nesta fonte,  
Quando outr'ora, tão doce, corria,  
Vinhão todos beber : hoje secca,  
Dizem tristes olhando « um só dia ! »

A verdura perdeu-se co'as aves  
Deste monte coberto de relva,  
Nem as sombras por elle se estendem  
Como vagas dos ramos da selva ;

Como em fendas que o raio fizera,  
Hoje o vento só vem sibilar,  
Lisas pedras da encosta rolando,  
Pó fumante no cume a soprar.

Debruçadas no roto penhasco,  
Longas aguas seu canto entristecem  
Pelas sombras da tarde, e com ella  
Do horizonte selvaticos descem

Lentos echos pousar, lentas rolas,  
Tristes filhas do isolamento,  
Abstractas no tronco sem folhas,  
Sem ter vozes, sem ter pensamento.

Descobertas raizes lhe seccão,  
Envergar-se disseras de dôr:  
Sobre as ondas seus arcos descreve  
Ante os raios do sol do equador.

Sem a veia que cerque-lhe os pés,  
Suspendida na pedra cortada,  
Qual da foice do incola negro  
Esquecida na terra queimada,

Índa é bella a gemer aos tufões,  
Rama a rama perdendo a murchar....  
Oh! eu sou como a palma sem folhas  
Solitaria nas praias do mar!

**XLI**

Noite silenciosa! unico abrigo  
Que ficou-me no mundo! nesta praia  
Tão solitaria me lançarão: triste,  
Indifferente, mudo, nada encontra  
Minha vista por longe — murchas hervas  
E o tronco desfolhado me rodêão.  
Não sahe deste rochedo veia d'agua  
Para o valle sem flôr; e a onda amarga  
Um choro esteril nos meus pés derrama.  
O cypreste espiral dá-me sómente  
Sua mão de tumulto! tumulto piedoso  
E a sombra frouxa, moribunda á fronte  
Pendida minha, branca e sem esp'rança:  
E no deserto della eu sinto errante  
A nuvem da alma... ó musa desgraçada!  
Apagão-se os meus olhos friamente,  
Sem uma onda de luz, sem raio extremo,  
Em fundo occaso pallido: minha alma  
Nem mais corre de amor, de amor os gritos  
Nem mais a chamma do meu peito espertão.  
Minhas azas cairão, como outomno  
Vem despindo o meu corpo; folhas mortas  
A crepitar se escôão... tudo em torno  
Nada tenho de mim! dorme o silencio  
No caminho deserto, e só palpitão  
Meus rastos apagados pelo vento:

E mugibundo ao longe o mar contando  
Os meus desgostos ás sonoras plagas,  
Ao peito meu sonoro d'oco tronco,  
Que o vapor fraco do meu pranto exhala,  
Fendido ao coração que se convulsa  
Sem verter uma seiva! Eu sou cadaver  
A' mão divina estremecendo — chora! —  
E minha alma começa nos meus olhos  
Desfazer-se e cahir, se esvaecendo.

---

Silenciosa noite! um céu apenas  
Adiante eu vi raiar: mostrou-me a terra  
Dos meus pedaços espalhada, e eu só,  
A dôr me contrahio: oh! como é longo  
O caminho que eu vou! — por este monte  
Eu tenho de passar: cada uma pedra  
Que eu ergo, e sinto atrás de mim cahir,  
Um passo eu dou — de menos este sol  
Me deixa respirar. Cançado e morto,  
Na minha tumba eu já me deito: noite,  
Occulta-me em tua sombra! .. Já branquêa  
Abertas margens do horizonte a aurora:  
Ave de Juno desplumando estrellas  
Nas sayas ondulantes, tu mentiste!  
O perfumado mel que dás á abelha,  
Com a mão d'ouro espremendo dos cabellos;  
Tão mimoso sorrir com que te inundas  
E faz poesia aos passaros e ao vento,  
De que valem p'ra mim? Na terra onde  
Não ha vegetação, tua luz de lua

Que vem fazer? nasci perto da morte,  
O meu nascente escureceu no occaso.  
— Julguei a noite eterna! e desdenhoso  
O céo mostra-me ainda o dia d'hontem,  
Que mata-me de novo em cada dia...  
A noite do infeliz não tem manhã.  
Leito da vida, morte, leito da alma,  
Sêcca a fonte de mim, que inda esperais?  
Acabei de viver — nem soube o mundo.  
Meu incognito adeos sómente á noite,  
Com quem tenho vivido, ao monte, ás praias!

---

N'aurora — eu penso no descer da tarde;  
Mal fecha a noite — já procuro o dia:  
Quem me dera esquecer dormindo as horas,  
Consumi-las!... desperto, e vejo o tempo  
Em seu lento cahir! pouco avancei  
No querer apressar minha existencia:  
O tempo d'azas para mim não vóa,  
Falta muito p'ra noite, oh! muito! muito!

---

Chega tremulo velho suspirando  
Á beira do seu tumulo, com a vista  
O fundo mede, e foge horrorisado:  
Volta ainda, e vacilla: é tempo — olha  
Distante o mundo com saudade e pranto.  
Espanta, se uma brisa fria e leve  
Um pedaço da neve ergueu-lhe á frente  
Que as idades sombrêão, quando um echo  
Vago perto passou, atrás sentindo

Rumor d'insecto: a morte sahe de tudo,  
 De toda a parte surde — da flôrzinha,  
 Da corrente que deita-se no valle,  
 Do ramo que no pé se menêou —  
 « Como tudo era morte, natureza,  
 « Debaixo dessas fórmias bem fagueiras  
 « Com que tu me illudias, te escondendo  
 « N'uns vestidos de amor, ledice e vida!  
 « Hoje, porque rompeste as phantasias  
 « Que em outro tempo eu vi te embellezavão?  
 « Occultavas na flôr tantos phantasmas?  
 « Esta a verdade, dura, horrenda, feia,  
 « Que com tanto sorrir preludiaste?...  
 « A bondade de Deos não está nas dôres  
 « Que o fim da vida magoado pisão... »  
 E volta-se; e de novo arripiado  
 Estremece, correr tenta, de balde:  
 Para aonde? — chegaste em toda a parte!  
 Não ha partida ao porto do infinito!  
 O mundo todo é sepultura aberta,  
 Lousa silenciosa o céu; da esp'rança  
 Não reverdecem os ramos que murcharão.  
 O pensamento timido afrouxado  
 Da vista, pelos raios, se irradiá.  
 — Que tens, velho? inda queres vida? ainda?...  
 Como és feliz, que tanto vives! e eu,  
 Tão cansado dos meus primeiros dias,  
 Vasia a terra achei, sem ter esperança.  
 Cerro os olhos, e atiro-me contente  
 Na eternidade socegar — ao Nada!

Fica no meu logar, dá-me a tua noite,  
Desta manhã teus annos recomeça.

— E' tempo! sente no cahir das horas  
Quebrar-se o coração, como hei sentido  
Passando a vida. Aqui deixáras a alma  
Na saudade do mundo e dos amores,  
Se primeiro não visses descarnada  
Serpe co'as faces da mulher sorrindo,  
Feições exteriores de natura:

Barbara a doce morte antes das dôres,  
Na alegria não salva, ella assassina.

— Nem mais o amor, o amigo! horror ao mundo:  
Nem olhes para trás sahindo d'elle.

Manhã por entre as noites da existencia  
A esperanza lá está nas mãos de Deos...  
E Deos está na dôr — nossa alma inteira  
A elle, no soffrer divinizada.

---

Amor, felicidade é toda a terra,  
O infeliz sou eu: em circ'lo estreito  
Rodêa-me o prazer e a vida; e triste,  
D'uma outra natureza, em mi me fecho —  
Nem digo a minha dôr que o homem sinta,  
Os homens não me podem consolar.

---

**XLII****O CASAL PATERNO.**

(VICTORIA.)

Eu era o Benjamin querido  
destes logares....

Tectos ! que o vagido ouvirão  
Quando despertou-me o mundo ;  
Montes ! que abaixei subindo ;  
Valles ! que descendo ergui ;  
Troncos ! meus contemporaneos,  
Julguei que estivesseis mortos.

Lua ! que correndo eu via  
Ama a segurar meus passos ;  
Sol ! que meu pai mostrou-me,  
Venho viver comvosco.

---

Sitios da minha infancia ! então qual concha  
Pelas auras tangida ao mar d'aurora,  
Candidos annos forão-me, ó infancia !  
O' arvores, que vistes-me em seus hombros  
Aos embalos da voz adormecido,  
Qual vosso fructo balançais ao vento ;  
Seguindo-me a crescer, depois ao lado  
Pela mão de meu pai de um passo lento

A correr e saltar, e me ensinando  
O nome delles e do céo, ó arvores,  
Eu vos saúdo ! não desconheçais,  
Cobri-me deste ramo — a calma é forte....  
Hei medo de estar só com estas sombras....  
O' meu casal, ó meu casal amigo !  
Como está repetindo a natureza  
Tudo o que já passou !... falla ! que existes.  
Como as flôres se erguem diante della !  
Como crescem suas folhas !... Enganosas  
Imagens através ás minhas lagrymas :  
Depois que o pranto cabe, tudo é tristeza.

---

Acorda, minha mãe, que tanto dormes  
Lá na pallida campá ! vem ouvir-me  
Dilacerado o canto das ruínas,  
Deste assombrado solitario o canto.  
— Tudo é silencio, solidões é tudo :  
Apenas o echo magoado e lento  
Da minha voz expira no fracasso  
Da folhagem cadente, nos rumores  
De amortecido vento pelas fendas  
Musgosas, e os destroços espalhados  
Da fazenda, que foi, que assola o tempo.

---

Foi um goso e brincar a infancia minha,  
Foi delicias de amor :  
Meus dias matinaes ! dias que eu tinha,  
Lymphas no pé da flôr.

Porém, tão poucos! despontando a vida  
Cerrou-se o meu nascente ;  
A noite se despenha denegrida  
Cahindo tristemente.

E esses lindos verdores  
Desse bello sol-nascer,  
Penhores por entre o riso,  
Por entre a voz a correr,  
Tudo passou tão de pressa,  
Foi tão de pressa morrer !

Doce nome de mãe, que eu amei tanto  
Dentro do coração !  
Doce nome de mãe que era o meu canto  
Do anoitecer na benção.

---

E perdeu-se para sempre  
No meu peito a minha vida,  
Como nos céos enublados  
A minha estrella querida :

Assim de tarde apparece  
Ramo d'ouro na espessura  
Cercado d'aves cantando :  
Passa o Natal, e não dura.

E como o ledo páu-d'arco  
Só n'uma tarde sorri,  
Mimosas tão breves flôres  
Murchas nos meus pés as vi.

---

Seus olhos por seu rosto se estendendo,  
Errava a claridade que espalhavão.  
Tão boa minha mãe ! tão maternal !...  
Tão má ! tão homicida esta saudade !  
— As arvores viúvas se despirão  
Do verdemar esplendido e frondoso,  
Pelo silencio mystico e sombrio :  
Sentinellas fieis que estão guardando  
Os tumulos sagrados de seus reis,  
Qual domesticos velhos mudos vagão  
Pelos salões vasilios dos senhores.  
Acompanhar-vos venho ; neste portico  
Tomo o meu posto, aqui fico encostado :  
Choremos juntos, companheiras minhas ;  
Chorai, amigas, soluçai commigo.

---

Tinha sua frente o repouso  
Da piedade e do amor ;  
Bonança divina, eterna  
Formava seu resplendor :  
Essas corôas se rompêrão,  
Sobre um cadaver pendêrão.

Beijei seus labios tão frios,  
Beijei seus olhos fechados :  
Inda amor seus labios tinhão,  
Inda em pranto desfiados  
Seus olhos eu vi chorando,  
Pelos seus orfãos clamando.

A escravidão toda errante,  
Que sonho inquieto inspirava,  
Por meio da noite andando,  
Nocturnamente ululava :  
Mesmo os cedros parecião  
Que soluçando se erguião.

As laranjeiras do sitio  
Umamorrêrão, murchárão ;  
A criação fugitiva,  
Os pombaes se abandonárão :  
Tudo mudava n'um dia,  
O valle fundo gemia.

O Olho-d'agua (\*) seccou,  
Perdêrão o trilho os caminhos,  
Deixárão as folhas os troncos,  
Deixárão as aves os ninhos :  
Tudo n'um dia mudava,  
O monte longe chorava.

Todas as aves e o gado,  
Tudo o que a vio nestes sitios  
Tudo morreu de saudades,  
Tudo com ella acabou :  
Murchárão flôres no prado,  
No monte o cedro murchou.

(1) Fonte da Victoria.

---

E eu penetro os annos que passárão,  
 De minha mãe ao lado aqui me assento ;  
 Ouço tocar a campa ave-maria,  
 Do pai religioso o grave accênto.  
 Como é triste o espectac'lo da tapéra !  
 No fundo do deserto ondêa o vento.  
 — O echo de uma pedra.... desmoronão  
 Antigos torreões onde eu nasci !  
 Um gemido.... suspira moribundo  
 O confidente velho, esse africano  
 Filho da liberdade, escravo aqui.

---

Esquecêra o velho d'Africa  
 O paiz onde ha poesia,  
 A longa margem que o Zaire  
 Por mez d'inverno floria ;  
 Esquecêra a lua argentea,  
 As luzes do sol do dia,  
 Pelo nome dos finados  
 Que revive n'agonia.

---

Nesta orfandade desbotada eu vivo....  
 Meu Deos ! quero fugir aos vossos reinos.

---

Nesse tempo eu não sonhava :  
 Não vio-me o sol delirar,  
 Não vio-me o cume dos astros  
 Nos fundos valles do mar.  
 Porém, desço dessas nuvens  
 E sou na terra a chorar,  
 No meio da soledade  
 Dos desertos do palmar ;

Sou debaixo das fruteiras  
 Renascer vendo o passado :  
 Em cima responde a rola  
 O meu suspiro cortado :  
 De meus pais a Deos eu fallo  
 Lá no oratorio sagrado.  
 Imagens mortas povoão  
 O mundo do desgraçado.

Minha mãe, pede que eu morra,  
 Pede que eu morra, meu pai ;  
 Pede a Deos descendo ás pontas  
 Da montanha do Sinai,  
 Quando a lei gravou nas táboas,  
 Diz ao propheta « espalhai ! »

---

### XLIII

#### FRONDOSOS CEDROS D'OUTR'ORA.

Frondosos cedros d'outrora,  
 Que déstes sombra ao meu gado,  
 Quando na calma do estio  
 Andava errante no prado ;  
 Piquiseiro envelhecido,  
 Que lh'estendeste a ramada  
 Cheia de tremula sombra,  
 Do tosco fruto envergada ;

Meus campos d'antigamente,  
Que longas hollas cercavão;  
Bella collina, o penhasco  
Que no occidente enrouxavão:  
Salve! — céos da natureza  
Só viva para chorar —  
Foste agigantada virgem,  
Ês murcho outomno a esfolhar.

O' dias dos outros tempos!  
O' dias da minha aurora!  
Como encantado me vistes,  
Frondosos cedros d'outrora!  
Brada a noite, e despovôa  
Os negros cumes do céu;  
Os vossos vestidos novos  
Tambem a noite os rompeu.

Era o sol da minha idade,  
Eramos gêmeos da selva,  
Com elle brincava junto  
Nestas campinas de relva:  
Ás mesmas horas dormimos,  
As mesmas nos despertarão,  
A mesma fonte banhou-nos,  
E as mesmas aves cantarão.

Eu era gêmeo co' as palmas,  
A crescer nos comparando —  
Um dia achei-as mais altas,  
Virão-me n'outro as passando.

Bello passaro que amava  
 Bateu as azas, vôou :  
 Aqui — nos pés destes troncos  
 Minha existencia findou....

Victoria.

---

## XLIV

### MEUS NOVE ANNOS N'ALDÊA.

Quem ? n'uma pedra do ca-  
 minho descansando uma hora,  
 já pelas sombras da vida, não  
 volverá em religioso silencio  
 uns olhos vagarosos aos valles  
 da infancia ? já vão tão longe  
 na extensão profunda e obs-  
 cura, e apenas a lembrança  
 os amollece ainda de fresqui-  
 dão e de relva, cahindo o  
 pranto saudavel e tão terno  
 como esses mesmos nove annos  
 d'aldêa !

Nove annos eu tinha e vivia  
 Nos desertos do Pericumán,  
 E meu pai ensinava-me a Biblia  
 E os preceitos da igreja christã :

E meu pai educava minh'alma,  
 Minha mãe faz o meu coração  
 Cada dia mais amplo, de amores  
 Qual de flôres o enchendo com a mão.

Como eu era feliz nesse tempo !  
Sem da vida a lembrança de horror,  
Alegrando meus olhos n'um riso,  
Espontaneos chorados na dôr.

Muitas vezes á pedra assentado,  
Quando o sol começava a sumir,  
Meditando confuso no livro,  
Eu perdia com o sol o existir !

Entre as mãos o meu rosto escondido,  
Crendo imagens, que eu via, apagar ;  
Minha fronte estalava e batia,  
Turbilhões vindo nella roçar :

Abysmavão-me os astros da noite,  
Quando a lua suas phases mudava ;  
O prazer da manhã na minh'alma,  
Qual meu pai, não sei que me animava.

E pensando que o mundo só era  
Entre as nossas montanhas d'aldêa,  
Que depois do horizonte só Deos,  
Eu tremia no mar dessa idéa :

Qual sahido de um sonho me olhava,  
Que sentia me o ar comprimir ;  
E medroso fugindo das trevas  
A's irmãs que lá brincão me unir —

Meu semblante inda pallido vião ;  
Porém nunca ninguem revelou :  
Tinha medo dizer meu pensar,  
Conhecê-lo inda mais me aterrou !

— Bem amava do velho africano  
Grave o aspecto, nevada sua frente ;  
Longa historia lhe ouvi, tão saudosa,  
Como a chuva descendo do monte.

Procurava-o á tarde : assentado  
No batente, rugia na mão  
Loura palma, vedando á palhoça  
Pobre e limpa gentil criação.

Vêr o indio, suas pennas, sua flecha ;  
Dos siganos o bando esmaltado,  
Fui confuso que Deos outras gentes  
Mais que a nós tanto houvesse creado !

E eu dizia : por tua grandeza  
Não bastarão teus filhos, meu Deos,  
E estes montes e o valle florido  
E as estrellas que pisas nos céos ?

Porém, tudo me ennova, me alegre :  
Nédia rez conduzindo o vaqueiro,  
Pascentar o rebanho, a chegada  
Quasi á noite de um cavalleiro.

— Salvas santas amei de Maria,  
Foi-me noite de festas o sabbado,  
Lento o sino dobrando sonoro,  
Repetindo na selva e no prado.

E propinquas vizinhas familias  
Juntas ledo passavão o serão :  
Exultou-nos a infancia de vida,  
Mesmo infancia exultou no ancião.

Altas alvas tocavão matinas,  
Quando brilha o domingo no céo ;  
Bella, accesa, fumosa a capella  
Era harpejos de um cantico hebreu.

Derramavão-se sobre a montanha  
Longas ondas de um sol tão formoso,  
Como vestias, como harpas ethereas  
Desdobradas pelo ar vaporoso.

Calmo o tempo, o descanso de Deos  
Amplas horas fazião lembrar,  
Muito ao longe uma pomba arrulhando,  
Longe harmonico o gallo a cantar :

Tinha o dia mais echo, nas arvores  
Balançava-se o vento mais brando,  
Doce e mesta canção das senzalas  
Minha mãe no seu fuso levando :

Toda a casa mais clara, mais nova ;  
Erão os trilhos mais longos, nitentes,  
Que o da lua nascendo angustia,  
Murcha as flôres do sol innocentes.

Eu corria nos raios do occaso  
Me vestir todo de ouro no campo,  
Inda as filhas da noite me achavão  
Esperando accender pyrilampo.

— O inverno passavamos juntos  
Reunidos no grande casal,  
No verão nossos pais nos levavão  
Aos retiros, á roça, ao curral.

Nos dissemos a prole da lua  
Recolhidos no seio de um'aza ;  
Indo o sol para a tarde, brincamos  
Pelas sombras da beira da casa.

Via o monte, as palmeiras suspensas  
Pelas bordas de um céu todo em côr —  
Bellas campas, qual flôres de fogo  
Nas vermelhas manhãs do equador.

De amoroso estendi-me na relva  
Da campina coberta d'enfeite,  
Ou na tosca fumante ramada  
Dos pastores das vaccas de leite ;

De amoroso nos pés me deitava  
Da laranja cheirosa e florida,  
Como a cria que a sombra procura,  
Que sósinha encontrou-se perdida :

Esperando cantar philomela  
Que suspira na moita do matto,  
E as palmeiras sonoras erguerem  
Bellos orgãos co'a voz do regato.

Perto o vento passava longinquo  
E o pomar de sensível tremia,  
Como a fonte que vai modulada,  
Que entre as humidas hervas corria.

Tinha arêa de prata o Olho-d'agua,  
Tinha conchas e encantos sem fim,  
Redolentes suas margens, seus peixes  
Vinhão mansos em torno de mim.

— Como as rolas do sitio a conhecem  
Que em seus hombros descião pousar !  
Revoarão seus pombos sobre ella,  
Minha mãe vindo a aurora saudar :

Leda escolta das aves domesticas  
Vai trás della n'um côro selvagem ;  
E ella fez seu passeio matino,  
Colhe um fructo envergando a ramagem.

O terreiro lhes cobre de grãos,  
Onde fervem qual folhas na serra ;  
E depois estendendo suas azas  
Inda estão se lavando na terra :

E levantão-se as rolas aos galhos  
Onde paixão nas calmas do dia,  
Para dar ás irmãas a criar  
Seus filhinhos do ninho eu pedia.

Como pousa na rez, tão coitado  
Perguntou-me gentil bemteví :  
« Onde a vida me levas nos filhos ? »  
Um açôr eu não sou : respondi.

« Tu quizeras que á mãe te arrancassem ?  
« Ver seu pranto que os olhos vertessem ?...  
« Só as vozes de mãe adormentão ;  
« Outras azas que a mãe não aquecem.

« Tu me queres tirar do trabalho ?  
« Como é doce o trabalho dos filhos !  
« Eu não vejo tua mãe doces frutas  
« Apanhando por dar-te nos trilhos ?

« Terei sempre o que dar-lhes nos ares ;  
« Quando a mim me faltar, oh, com beijos  
« Minha fome eu irei enganando,  
« Minha sede e os meus outros desejos :

« Não lhes vês a garganta batendo  
« Quando os tócas, abrindo o biquinho?  
« Como quando eu chegava no ramo  
« São suas vozes, oh, dá-me o meu ninho!

« Elles chorão tremendo de frio,  
« Já tem fome : não queiras trocar  
« Essa cama que eu fiz-lhes das pennas  
« Que eu podia do corpo arrancar,

« E estas azas que os cobre da noite,  
« Um calor natural nelles dando,  
« E a comida já meia digesta  
« Do meu seio em seus seios passando,

« Pelos pannos que aqueças no fogo,  
« Pela dura e tão fria comida....  
« Como é grato o viver com sua mãe!  
« Como é triste o perder-se essa vida !... »

Apertou-se-me o meu coração,  
Nunca mais nem um ninho eu tirei :  
Qual da minha estar junto eu amava,  
Vê-los juntos sua mãe eu amei.

E ficou-me um pezar no meu peito....  
Como quando ave triste cantou,  
Como quando suspira a ribeira  
Que a torrente passando deixou.

Toda a parte por onde eu andasse  
Rodeou-me um temor de perdê-la :  
Eu corria abraçar minha mãe,  
Nunca farto de amá-la e revê-la.

Aquella ave fallou-me p'ra sempre,  
Todas mais ella só repetição ;  
Eu pedi minha mãe não cantasse,  
Porque mesmo os seus cantos dizião.

Apertava-a sensível, suas faces  
Nos meus beijos de filho amoroso —  
Que entristece-a mil vezes olhando  
Como agouro em meu rosto piedoso....

— Ide hoje á Victoria, e vereis....  
Cáe o dia formoso do sol,  
Porém sobre ruinas, vestigios  
Do que foi meu amor no arrebol ;

Uma só lorangeira e nem flôres,  
O Olho-d'agua seccou ! nem as casas....  
Só tu ficas, ó tempo, ó eterno,  
Tudo a nós nos arrancas com as azas !

— Minha vida era toda o presente,  
Foi-me um sonho da noite o passado  
Que se apaga com a luz matutina,  
Meu porvir um só passo apressado :

Minha vida era um valle obscuro,  
 Brilho honesto de candida estrella....  
 Onde fostes, meus bellos nove annos?  
 Onde fostes, aldêa tão bella?...

O' descanso no collo materno!  
 O' desertos do Pericumán!...  
 E meu pai ensinava-me a Biblia  
 E os preceitos da igreja christãa.

Auteuil.

---

## XLV

Dorme em leito de bonança  
 O feliz, na paz da crença:  
 Sem sonhos no somno placido;  
 Sonhando, só sonha amor.  
 Eu sonho quando não durmo,  
 Por viver nesse passado:  
 Dormindo, máus pesadelos  
 Me sobresaltão de horror.

O' tu! que nos relampagos dos olhos  
 Embalaste minh'alma, vaga incerta  
 Cahida nos teus pés, n'um céo d'amores  
 Levada por encanto — e convulsosa,  
 E ávida de ti, ampla qual nuvens,  
 Me enlouqueceste de uma vida eterna!  
 Aonde foste? onde estás? porque morreste,  
 Virgem co'as fórmãs da nevada nuvem  
 N'alvacenta manhã, co'a graça angelica?...

---

Tu, que beijaste minha face e amante  
Deslisavas por mim, me estremecendo,  
Mimosa e mansa, linda rosa d'hontem,  
Em suspirar só teu, abrindo ao zephyro ;  
Tu, que em teus seios, tão feliz, sentias  
O latejar da minha fronte calida,  
Meus labios quentes offegando amores ;  
Que aos meus delirios piedosa andavas  
Teus olhos sobre mim, de apaixonados  
N'uma luz pranteada se quebrando ;  
Enleiando os teus braços indolentes  
Pelos meus hombros.... onde foste ?—Inda amo !  
Amo-te, eu sinto, de tuas sombras fujo,  
Da vida eu fujo que contigo amei.  
A musica celeste, essa poesia  
Que foi minha de harmonicos enlevos,  
Quando em teu peito trespordava esta alma  
Em ondas de um pensar tão melancolico  
De tantos ignorados sentimentos,  
Não quero ouvir a musica, essas harpas  
Que no meu coração notas côavão ;  
Não quero o canto nem tremor dos bosques  
Nem voz da fonte nem clarão da lua !

---

Sonhos tão bellos, que no amor se gerão,  
No meu passado como horror trazeis  
Tão de sombria morte a rodear-me,  
Me roçando a passar ! eu estremeço :  
Porém não sei correr da minha sorte ;  
E porque ? como a ovelha ignorante

Que pasma ao céo, que relampêa e estala  
 Como o pestanejar do deos das sombras,  
 E sacode a cabeça e nada entende,  
 Ou que aos olhos da féra os seus aperta  
 E balido innocente apenas solta  
 Na morte penetrante : eu sou como ella.  
 — O' vida desgraçada, ó minha vida,  
 Quem que te fez assim ? quem te vivêra  
 Se eu não fôra ? faminta, miseravel,  
 Fugindo aos homens, só, assim na terra  
 A rugir do meu ser á voz que eu sinto  
 Lá dentro d'alma remorder-me ! os vivos  
 Aterrando de mim ; persigo os mortos.

---

Eu careço de amar, viver careço  
 Nos montes do Brasil, no Maranhão,  
 Dormir aos berros da arenosa praia  
 Da ruinosa Alcantara, evocando  
 Amor.... Pericumán !... morrer.... meu Deos !  
 Quero fugir d'Europa, nem meus ossos  
 Descançar em Paris, não quero, não !  
 Oh ! porque a vida desprezei dos lares,  
 Onde minh'alma sempre forças tinha  
 Para elevar-se á natureza e os astros ?  
 Aqui tenho sómente uma janella  
 E uma geira de céo, que uma só nuvem  
 A seu grado me tira ; e o sol me passa  
 Ave rapida , ou como o cavalleiro :  
 E lá ! a terra toda, este sol todo —

E n'um céo anilado eu m'envolvia,  
Como a aguia se perde dentro delle.

---

Ingrato o filho que não ama os berços  
Do seu primeiro sol. Eu se algum dia  
Tiver de descansar a vida errante,  
Caminhos de Paris não me verão :  
A través os meus valles solitarios  
Eu irei me assentar, e as brisas tépidas  
Que os meus cabellos pretos perfumavão,  
Dos meus cabellos velhos a aza tremula  
Embranquecerão : quando eu nascia  
Meu primeiro suspiro ellas me derão ;  
Meu ultimo suspiro eu lhes darei.

---

Quando eu fôr navegando á minha terra,  
A viração mareira no meu rosto,  
Espanejando esta alma no oceano,  
Começarei amar ! e o sol co'os raios,  
Como braços de amante, as mariposas,  
As inconstantes ondas afagando,  
Amansando-as de amor em rebeldia ;  
E a lua formosa, como a rosa  
Quando as petalas todas desdobrando  
Vai, qual virgem de amor descamisada  
Nevado seio a arregaçar dormindo  
Em seus leitos de azul resvala, ondula ;  
E as longinquas montanhas fumarentas  
A balançarem na agua ; e o nevoeiro  
Desrolando dos céos, diffuso ao longe

No horizonte ; e quando sobre as margens  
Enlevado da patria o meu baixel ,  
Ginete inquieto aos conhecidos sitios ,  
Eu vir ; sob os meus olhos, que uma lagryma  
Partem, partem de alegres, as palmeiras,  
Esses rios e serras, esses campos,  
Irmãas, amigos, tudo... então morrer!

---

Prenhes de raios, de trovões as nuvens  
Arrastão pelos céos pesados elos  
De cadêa inegual, por despertar-me.  
O céo estremeceu : de azul, prescito  
As faces retrahio ; negrento fumo  
Correu ; a terra densa vestia cáe.  
E eu dormia o meu somno de acordado,  
Quando a dôr amortece : olhos desvairros,  
Deslavados das lagrymas, não olhão.  
Minha alma errante, de voar nas trevas  
Fecha as cançadas escorridas azas ;  
Meu pensar afadiga-me : do mundo  
Fugitivo eu serei... oh, minha sorte!  
Minha mãi pelos céos abandonou-me  
Inda infante, meu pai tambem morreu ;  
Amei doces irmãas, eu não sei dellas ;  
Companheiros gentis da meninice,  
Da carreira nos prados, se perdêrão ;  
Meigas adolescentulas celestes,  
Que descer dos mais annos me fazião  
No jardimoso albor andar com ellas,  
Fechadas flôres, tão cheirosas, fôrão !

Perdi tudo o que amei! tudo me foge,  
E nem a morte eu sou — tudo o que eu tóco  
Desfaz-se, horror! E o meu céu, meu berço,  
E os anjos do meu sonho, e o meu sol d'ouro,  
Sisudo ancião com frente de meu pai,  
E os meus amores... Não! quando sonhando  
Angurão-me abandono, e solitario  
Como o Job piedoso, ainda a vejo  
Gêmea do meu amor, em nós nascido,  
Por nós creado, que ella amou primeiro,  
Que primeiro eu amei, que amemos tanto!  
Vejo-a correndo não sei donde, e doida,  
Seus vestidos no vento desdobrados  
E os humidos cabellos; braços longos  
Despedaçando o ar, que diante ondêa,  
Por mais solta chegar; incertos gestos  
Na face, nos seus labios, nos seus olhos  
De choro, de alegria ou de piedade,  
Trememente por ditosa e de tristeza  
Vendo-me como o Job: dos céos, do mundo  
Exulado e faminto, e sem abrigo  
Á ventania, aos vermes! pobre filha,  
Pobre escrava de amor, porque inda o amas?..  
Verte consolações, traz salvamento,  
Doces afagos tão de mãe saudosa,  
Doce fresco da tarde me alentando;  
Com seus cabellos a nudez me cobre,  
Molles ondas do mar se desfazendo,  
Se desdóbanda, rodeando a praia;  
Palma ao sol, sobre mim seu corpo inclina,

Eu sinto a sombra me passar na frente,  
Cahindo co' o murmúrio da sua falla,  
Quando eu acordo!... E que me importa o mundo,  
E que me importa o céo que me abandona!  
Unidade o poeta absoluta  
Sem depender dos astros nem da terra,  
Canta por natureza como o passaro,  
Por natureza as lagrymas espalha,  
Vendo os homens miseria, elle miseria;  
A escorregar co' os mais sobre a desgraça,  
Curte saudades do que vai passando  
Arrastado do tempo, e que elle amára:  
Amor, de que se nutre, e nunca farto,  
Seu alimento devorando, morre!  
— Soffre o homem vivente, ao menos o homem  
Sabe dizer sua dôr, que Deos afaga,  
Não sare embora; mas o pobre bardo,  
Ai delle — de gemer suas veias rompe,  
Como ignoto do Ser, vai delirante,  
Vai sem saber de si, do que sentira,  
Que foi tão fundo, que ninguem lhe entende!  
Um phantasma sumio-se espavorido,  
Bello vôando á noitidão do abysmo,  
Donde apparece: « passa, e leva o echo  
Da tua voz, ó sombra mysteriosa,  
Que nós da crença » dizem « não sabemos  
Teus latidos ouvir, delirios torvos  
Em candentes marasmos revezados. »  
— Se cava, se ergue e se balança a onda  
Em seus tremulos pés sobre o oceano:

Filho dos mares, filho das estrellas,  
Errante como a onda ao pólo eu sigo.

---

À sombra da palhoça americana  
Ei-la assentada ao lado de sua mãe  
Aprendendo a tecer n'alva almofada,  
Pobre innocente! Eis-me abandonado  
No meio da Victoria, entre as ruinas,  
Por entre os laranjaes sem flôr nem folhas,  
Sem raizes nem fruto, semêados  
Por mãos do furacão por sobre a terra!  
Corro abraçar os seios tão fecundos,  
Beijar tão ampla, tão piedosa fronte,  
Diffusos meus afagos derramar-lhe  
No pensamento, que se lança, ondêa  
Expansivo e materno aos pés de Deos  
Nos olhos de seu filho... os labios firo  
Na dura casca do longêvo tronco  
Do bacurizeiro e a pedra; em vez da bocca  
Perfumada da voz celeste e tépida,  
Em vez do collo amorenado e fresco  
De minha mãe de vibrações pacificas!  
— Me debruçava lá na infancia longe,  
Tão fertil, matinal e tão amada...  
Como é arido o pranto que eu espalho!

---

A herva, o musgo não estavam nella,  
Eu vejo a sala em chão ennegrecido  
E liso pelo tempo, alegre e limpa,  
Com seus rusticos moveis d'angelim;  
Atada a branca rede neste canto,

Rainha minha mãe do throno argenteo  
Repartindo suas ordens brandamente :  
Amiga escravidão contente a escuta,  
Basta matta derriba, os montes queima.  
Da terra quente e humida do fogo  
Emanão das entranhas os vapores,  
Do lavrador o sacrificio aos céos,  
Innócuo, a cada passo repetido  
No cahir de uma enxada, erguer d'um echo,  
A voz saudosa e nautica da escrava  
Acompanhando os cavadores no eito ;  
No braço pende a cesta de pindoba  
Co'a semente do outro anno conservada,  
Melhor á plantação; e o vento leve  
Monta e balança as oblações divinas  
Do tronco que inda fuma e os longos sulcos  
Que o grão sepultão. Já lourèa o milho,  
Verdeja o arrozal na baixa, e sobe  
Na ladeira viçosa o algodoeiro,  
Que vermelha maniva a cima entouca :  
Depois, rica a colheita — oh, tão felizes !  
E Deos tudo nos dava, largas eiras ,  
Amplios terreiros abundante enchia.

---

Na lavra a padroeira se festeja  
Com festas, com selvaticos cantares,  
Que dera inverno copioso ás plantas,  
Para o rio que sahe do fundo leito ;  
Verão formoso na colheita, aos campos,  
Ás pingues pescas e ubertosos bosques.

---

Em fresca madrugada nós partimos  
Gratos dias passar na doce quinta  
Com sua vida de um anno ou dous; a lua  
Nos raios da manhã sua luz perdia.  
No seio do caminho se encobrando,  
Gritando por seus pais, que cedo abração,  
Vão saltando os crioulos; vão nos mansos,  
Nos esbeltos corseis branco-mimosos  
Meu pai, minhas irmãs; atrás os servos,  
E os cães ladrando á fugitiva corsa  
Que na volta da lua sahe na estrada;  
No meio minha mãe, eu no seu collo,  
No carro cantador, sonoro e lento,  
Por formosa parelha igual tirado,  
Fumante o dorso, sacudindo a fronte  
De ramos enfeitada, um lacteo bafo  
Exhalando saudavel; pelas ares  
Poenta nuvem de marfim desonda  
Do caminho de fita. A voz confusa  
Da leda caravana matinava  
Harmonia selvagem, mas tão bella!

---

Que risonho paiz, que novidade  
Sobresaltou minha alma! alto horizonte  
O tujupar domina, se amontôa  
Aurea colheita pelo em torno; as aves  
Cantão no meio do arrozal que ondêa  
Ao vento estivo; serpentêa o rio  
Turvo e placido, além perdido, além  
Passando á sombra do algodão plumoso

Que das margens se abraça, entrança os ramos ;  
Cortado, além, da estiva que debruço  
Formou naturalmente o piquizeiro ;  
E pela riba as verdes cabaceiras  
Em floridos cordões se dependurão :  
Nuvem cobre o terreiro, vagão nuvens  
Matizadas no ar, como folhagem  
Rugidora que o vento cérca e arranca,  
A arvore queimada enverdecendo,  
Tristes, pallidas torres que não dobrão,  
Inconstante despindo o mobil manto  
Para outra enramar, cobrir de flôres  
Com a breve estação desta que esfolha.

---

Voltavamos, passada uma semana ,  
Mui saudosos da lavra. Nos trazião  
Nossa mãe preta e todos os escravos  
Mil presentes d'infancia : a cuja nova  
Tingida e resinosa ; o cará rôxo ;  
Dois ovos de perdiz, da glauca tonna ;  
A leda, berradeira seryquara  
De pés e olhos vermelhos, verdoengos  
Longo bico e a plumagem ; uns filhinhos  
Do coráo viridante em quentes plumas.

---

A' tarde, quando a lua no horizonte  
Descobria de prata o rosto humente  
Agitado no mar de um céu d'azul,  
Os cumes do occidente se extinguindo,  
Como o casal do Eden se assentavão

Meus pais á fresca porta no batente  
 Vendo o nosso folgar: interrompido  
 Quando o sino vibrava na capella  
 Angelus-ave; renascendo logo.  
 Lá chegava o feitor, depunha a foice,  
 E a meu pai relatava o dia findo;  
 Sobre a queima lhe falla, as chuvas teme:  
 « Corre mais abundante no caminho  
 « Tortuoso Mapá, banhô das margens  
 « A lustrosa cantan, que se ergue olente;  
 « Já tayócas se alaestrão doidamente  
 « Ou vão subterraneas; n'alta matta  
 « O acauan cantou, echos de longe  
 « Levárão por mais longe os outros echos;  
 « Acimão-se nos céos os sete-estrellos,  
 « Acentrada n'um forno a lua pende —  
 « Outros signaes eu vi — todos os astros  
 « São maiores, mais luzem; são mais fundos  
 « Os campos, perto os mattos d'outra banda,  
 « É mais amplo o horizonte; á madrugada  
 « Gritavão gansos para o sul passando;  
 « Comprido bando eu vi passar á tarde  
 « Da colhereira rosea; o sol no poente  
 « Vermelho: tudo as chuvas annuncia. »

---

Nos braços maternas que me embalavão,  
 Em ondas de alegria derramando  
 O cansaço infantil, eu me atirei  
 Um dia e, de prazer, preso em soluços.  
 Já mudo e descansado olhando os outros

No teçume em que andavão, despedir-me,  
Por entre elles perder-me, ia pensando :  
No lançar-me, senti na minha fronte  
Cahir gottas de pranto, eu estremeço...  
Minha mãi me apertava, e como alegre  
Foi dizendo : « Hoje brincas, no meu collo,  
« Qual na patria, depois da vida errante,  
« Hoje vens descansar... occulta sorte  
« Quantas vezes não muda os seios almos,  
« Delicias da mãi terna e o doce filho,  
« Por um leito de pedra ! estes rosaes,  
« Tanto céo, tanto amor, por tantas dôres,  
« Longo penar, morrer ! oh, Deos te salve  
« Dos frios dentes d'assassina sorte... »  
Nada pude entender ; mas, commoveu-me  
A voz dorida lhe escutar, tão triste !  
E assim como a progne implume ainda  
Se encolhendo tremente sob as azas  
Estendidas da mãi, quando na torre  
Quebrou a tempestade, eu a seu lado  
Ignaro emmudeci tambem chorando.  
— Induzio-me a voltar aos meus brinquedos,  
Emquanto era feliz, emquanto infante.  
Nunca mais ser contente eu não sabia :  
Minha mãi nunca mais contente olhou-me  
Com sua vista d'esp'rança : um que piedoso  
E de tristeza estava em seu semblante  
Olhando para mim, tão carinhosa !  
Comecei a passar todos meus dias  
Junto della, onde quer que ella estivesse,

Ou na rêde da sala, ou passeiando  
 Por entre a lorangeira, on nos pombaes ;  
 Dormia no seu leito, a voz lhe ouvindo —  
 Tremendo adormecer ! — e quando n'alva  
 Cantava o gallo, eu despertava, a via,  
 E como triumphante e prazenteiro  
 Dessa noite salvar, beijei-lhe a frente !  
 Não podia perdê-la um só momento,  
 Temia não sei que, porque nem sei...

. . . . .  
 E morreu minha mãe, perdi meu pai,  
 A Victoria, os escravos acabárão !...  
 Sou orphãa, sou perdida andorinha  
 Arrancada do ninho pelo vento,  
 Não sei por onde eu vou... murchando a vida  
 Nesta minha invernosa primavera.

---

Assim, meu Deos, no mundo os justos passão,  
 Sem ruido — vai sombra solitaria  
 Que reflectiste uma hora. Ah ! se eu pudesse  
 Voltar ao meu paiz... ah, se eu pudesse !  
 Passando, resgatar á liberdade  
 Esses vendidos, miserandos velhos  
 Da Victoria felizes ! pobres crias  
 De minha mãe, por hi morrendo, céos !  
 Dar-lhes a respirar no fim da vida  
 Os ares do palmar onde nascêrão :  
 E pasmados d'encanto ao ninho amado,  
 Qual aves da saudade erguendo o côto  
 Para o collo esconder fechando os olhos,

Então morrerem.... mas, ouvindo ainda  
O som dos bosques, o gemer da rola,  
E o lago berrador por muda noite  
Harmoniosa, e as aves da alvorada,  
E o suspiro exhalarem no seu canto !

---

Ainda a solidão nos conhecera,  
O deserto echôára, e sob os pés  
Sentiramos a terra estremecer !  
A campa quando mãos de amor a toção,  
Escorrendo uma voz quebrada, um pranto.  
Nossa casa ergueríamos da noite  
Dessas mesmas ruínas do casal,  
Entre ellas ; serviria a mesma porta,  
Os esteios os mesmos, o batente,  
Esses mesmos terrões desmoronados  
Novas paredes levantarão ; tudo  
Nos fallara o passado.... tudo lagrymas !  
E' fagueiro chorar por muitos olhos,  
Por muitos corações, por muitos labios  
O mesmo choro, o sentimento e amores  
Dos tempos que já forão ! — Se eu pudesse  
Meus amigos vendidos libertar !  
Ainda ver passando a colhereira,  
O ganso á madrugada, os meus palmares  
E a rola da Victoria e as aves todas !...  
E mudo a minha dôr come a minha alma  
Nos annos verdes, como verde fruto  
Mastigado com força nos vorazes,  
Nos rijos dentes a estralar quebrando

Da homicida, fatal, da minha sorte :  
Porém, não perca o fio da existencia,  
Deos no meu peito, amor nos olhos ambos,  
Longe do mundo, o rustico alaúde  
Na dextra sonora — hei de vencê-la !

---

Sou como a cria desmamada e triste,  
Que uma gotta de leite mendigando,  
Bale em torno de todas as ovelhas :  
Abanão-lhe a cabeça : eu não sou filho.  
Andorinha dos mares, sobre as ondas  
Perdida, as azas de cançada arrasta ;  
Passa a fróta alvejando qual cidade,  
Vôa aos mastros de um, d'outro navio,  
Os marinheiros gritão, e ella volta  
De timida outro bordo, e deste áquelle :  
Ai de ti coitadinha, fecha as azas,  
Solta um gemido e lança-te da vida,  
Vai na morte pousar ; cae desse cume  
Dos teus dias bem lugubres n'aurora !  
Ah, se eu tivesse mãe ! então.... ah ! sim,  
Nem como ave do mar, nem como a ovelha :  
A seus lados feliz, bem junto della,  
Meus braços enlaçando-lhe o pescoço,  
Bebendo os olhos seus, seus doces labios,  
Sua respiração branda, amorosa,  
Que alentou minha infancia e fôra eterna ;  
Vivendo nella só, toda minha alma  
Derramando sobre ella, ao mundo, ao tempo  
Mostrara o meu amor ! — O' vós, que a tendes,

Amai a vossa mãe, amai-a sempre,  
 Amai ainda — quanto amei, quanto amo  
 Minha mãe.... minha mãe!... tu, divindade,  
 Meu sol da infancia que me davas tudo....  
 Senti meu pranto como triste corre;  
 Vede meus dias solitarios, áridos,  
 Fruto que não vingou : tão cedo, a selva  
 Morreu, cahio : á calma exposto, o succo  
 Se perdeu, e mirrou... não tenho mãe.

---

Com o são lentos, longos, e pesados  
 Os dias deste mundo! como custa  
 Arrastar este arado da existencia,  
 Rompendo a leiva pedregosa e secca  
 Que não dá uma flôr! Tu me abandonas,  
 Deos, na terra ingrata? — eu vou seguir-te,  
 Se depois deste mundo azas me derdes....

---

## XLVI

Tua voz na infancia adormeceu no berço  
 Meu dormir de flor;  
 E de saudade e amor,  
 O' mãe, é sobre um tumulto que eu canto.

Sombria morte me acompanha, eu sinto  
 Seu faminto alentar : cada um meu passo  
 Abre um sepulchro, e me desaparece.  
 A luz me aterra, desconheço o dia,  
 Noite que treme apresentar-se ao sol

Antes da vida eu morro. Olhava apenas  
 Essa terra de vastos horizontes....  
 Meus olhos cambalêo pelas faces,  
 Como o occaso despede-se dos pinaros.  
 Nascem echos distante..... um só minuto,  
 O' echos, esperai-me — eu vou cahir !

. . . . .  
 . . . . .

Não me vês, minha mãe, neste deserto ?  
 Sem patria, como a nuvem desgarrada  
 Resvalando por céos de noite pallida :  
 Sem parar n'uma terra d'existencia —  
 Corrente crystallina por amores,  
 Por amores a cúpula palmosa,  
 Sombria e mui sonora, do folhedo  
 Seus aromas com os canticos das aves  
 Sobre mim derramando em casto leito  
 De val cheiroso, do penhasco ao seio  
 Descançada a cabeça, e o junco e as flôres  
 Do páramo por virgens do meu peito,  
 E por meu tecto o céo; candida lua  
 No meio da cerulea cabelleira  
 Exhalando o seu rosto de donzella,  
 Claro manto de sedas perfumadas  
 Cobrindo-me da noite, árida esta alma  
 M'embevecendo d'orvalhoso effluvio ;  
 Dormindo o somno placido da crença,  
 Afagar-te em meus sonhos de ventura,  
 Ver-me infante em teus braços, em tua fronte  
 Juncar, juncar meus beijos... minha mãe !

Não me vês, doce mãe, neste deserto ?

. . . . .

E o jardineiro sol da madrugada  
 Banhando as flôres de perfume e tintas,  
 Ou quando da palmeira aos pés arroja  
 A menêante imagem, no occidente  
 Carminizando o mar, e a natureza  
 Entre as mysticas sombras de uma tarde,  
 Quanto eu amára ! que esta vida enchêra  
 De todo este universo, minha mãe !

---

Não tenho um só amigo, sou tão pobre....  
 Que eu vejo um mundo.... ninguém sabe ao menos :  
 Extinctos olhos e uma terrea fronte  
 Não vão c'o ledo romanesco em galas.  
 Oh, quem pudesse penetrar-lhe o exilio,  
 Sondar seus mares d'illusões e abysmo,  
 E os mysterios erguer n'alma do bardo —  
 Sombria diante o sol, por entre as luzes,  
 Para os dias da noite solitaria !  
 Sem gemer uma dôr, chora-as comsigo,  
 Ao mundo que sorri, sorriso empresta ;  
 Na paz da solidão rasga sua alma ;  
 Lucubrações á hora êvosa e tacita,  
 E umas gottas de lagryma espontanea  
 Sobre essas flôres de tristeza e insomnia.  
 Meu corpo á terra abandonei miserrimo :  
 De saudades, de amor, sonhos, esp'ranças,  
 De ti, de um Deos alimentei meu peito —  
 E para o mundo, minha mãe, tão pobre !...

Errante pelas ondas do oceano,  
O som das vagas temperou-me a lyra,  
Echos dellas seus echos repetirão.  
Solitario dos homens, forasteiro,  
Na soledade do ideal ouvi-as  
Sympathicas, soluços me ensinando  
Arrancar ao coração ; com ellas  
Errei a mente n'amplidão calada ;  
Gemi com ellas na canção do nauta,  
Realçando na pròa sonora  
Em silencio a deshoras, pelo bojo  
Rompendo as tranças, quando a lua enflora,  
Quando a lua humedece, bella em mares,  
Bella no céu azul, no cávo panno  
Suspenso eburneo pelas vergas longas ;  
Chorei com ellas na extensão profunda  
Povôada do ether anilado,  
Quando da noite a balançar-se ao collo  
Sem bosque ave sentida ia piando ;  
Ensinarão-me a voz rude e selvagem  
Arando o vendaval rouco e ruinoso ;  
Em calma eu vi-as açoitando as rochas  
De Marrôcos, d'Hespanha, ou docemente  
As velas balouçando, e, qual mulheres  
D'ardentia vestidas, debruçadas  
Pelo Mediterraneo, o pensamento  
A descantar perdidas, suspirando ;  
E quando á matinada saltão peixes,  
Rubente caravella esmalta á tona,  
E de mansas e languidas dormião

Desfallecidos ventos nos seus braços.  
E no vago ondular da vida alheia  
Não busco a natureza, amo-a : nos homens  
Encontrar meus irmãos.... ah ! minha mãe,  
Ao meu amor só tu. Foste : — a tua sombra,  
Alma, ou o que houvesse de immortal em ti,  
Ficou-me triste musa do crepusculo ;  
Da saudade uma lyra encordoei  
No meu pranto por ti, no amor a Deos.  
— Balbo, flébil infante ao desamparo,  
Senti necessidade : eu quiz vibrá-la  
Por meu consolo ; e tímido, aos meus olhos  
Envolveu-me pudor, fugia crê-la ;  
Rubece a musa, innocentinha virgem  
Meiga nota de amor passar sentindo.  
E eu cresci na crença de meu pai.  
Meu pai também morreu, ergui-lhe as cordas  
Da lyra que me deste, em noite escura  
Ao mundo esquivo ás sombras do sepulchro.

---

Em pallida orfandade eu fui qual folha  
Nas azas dos tufões ludibriada :  
Da selva me arrancarão tenra e murcha,  
Quando o sol rodeava-me n'um berço  
De flôres e favonios, quando as aves  
No trino virginal d'argentea infancia....  
Que amanhecer, ó mãe, quanto era horror !  
Colocado me achei n'um horizonte  
Onde o fogo queimára a terra, as flôres,  
Tanto sorriso pradinal no monte,

No valle a prágana aureando ao sol !  
 A terra estava negra, rebuçada  
 Em camadas de cinza ; além, além  
 Crépe alvacento levantando apenas —  
 E o céo nem soube dar-me um fresco orvalho !  
 Chorei ! perdidas lagrymas de orfao.  
 Pedi consolações ! porém, á terra.  
 E os meus gemidos as soidões comêrão ;  
 Meu pranto aquece resfriada cinza ;  
 E ninguem me entendeu. Divago ignoto.

---

Leviano baixel das aguas todas,  
 Vergontea exíle do frescor movida,  
 Amei, oh, quanto amei ! anjos da infancia,  
 Que os meus annos d'aurora matizárão !  
 Erão ondas saltando, s'infiltravão,  
 Como em praia, em meu peito sonoro ;  
 E como ondas de vida os meus suspiros  
 Piedosos cahindo, me escutárão :  
 Doces cantos teci de amor travessos,  
 Desalentada mansidão da serpe.  
 Um rapido sorriso á flôr dos labios  
 Nasceu, tingio de amor, passou, morreu,  
 Suavissima aragem desprendendo  
 Amena rosa de recentes côres,  
 Fagueira lympha vinculando a concha,  
 E nem mais divaguei.... morreste?... virgem !  
 Anjo coitado, que tremeu de amar-me,  
 Arder as azas na silvestre chamma  
 Do meu amor ; alampada sagrada,

Luz delirante me sentir nos seios  
D'oleos divinos suspirar, morrer.

---

Longos, pranteados embalava os olhos,  
Que a face afrescão de uma luz infante,  
Ao céu de azul asserenado, manso,  
Ideal d'harmonias respirando,  
Como a rosa em seus bafos se diffunde;  
E nos fracassos desse peito alheio  
Anjos, nuvens divinas se exhalavão:  
« Virgem de vaporosas creações,  
« Dá-me um beijo por azas, dá com ellas  
« Que eu suba á salvação, ó casta ! ó noiva !  
« Tu, que alvoreces entre o côro e as harpas  
« Da natureza, que as montanhas vibrão  
« Por estes valles onde o vento dorme ;  
« Tu, que te inclinas á espaçosa sombra  
« Da tarde, como a tépida lembrança,  
« E o saudoso passado, dá-me um beijo !  
« Enche meu coração dos teus mysterios ! »  
— E ella não fallou : confusa e bella,  
Deixou nos olhos melindroso assomo.  
— E ella não fallou : meus olhos baixos  
Lampejάρão-lhe aos pés, doce mendigo  
Dobrado ante os altares da esperança.  
Suaves linguas de mimosa flamma  
Sentia-se a sahir do puro alento  
Da aromosa bocca : arbêna alpina  
Que na calma foi do ávido assaltada,  
Em cansaço e medrosa um ar faminta.

---

Vaguei por sobre as pallidas ruinas,  
À rota sombra do espinheiro agreste :  
Nem mais ouvi a rola solitaria,  
Lamentoso acauan deu-me o seu canto  
Nas horas do silencio taciturno,  
E outras aves do sol desconcertadas  
Solemnisárão o amanhecer e a tarde.  
Percorri as campinas lá da infancia,  
Não encontrei-as, de mudadas que erão ;  
Regou meu pranto os cardos do alpestrio  
Crescidos no alveo do Olho-d'agua. As flôres  
Que plantavas no pateo, o pé ramoso  
Do bugari morreu, nem matto as cobre !  
A capella das salvas.... Oh ! quem pôde  
O casal da Victoria interdizer-me ?  
Já vacilla o esteio, alta parede  
Em seus pés se amontôa, abate o tecto ;  
Em sentido assobio lá se envólta  
Amarella giboya, ao lado geme  
A coruja d'agouro, das ruinas  
Presidindo o cahir, nocturno esvoaça  
O morcego e pende, rumorêa o vento.

---

E o teu casal me foi negado um dia  
Pela terra tão má ! pecoreando  
Ao relento passei noite sem fim,  
No meio das soidões do meu passado,  
Em pedras estendido. Quantas dôres  
Abafavão-me as sombras ! meus gemidos  
Apenas ião se perder no valle.

De lassidão sonhava, adormecia :  
Eu era o teu sepulchro mysterioso,  
Na minh'alma encerrei teu pensamento,  
Meu peito a lousa do epitaphio : em mim  
Visões senti que os tumulos rodêão  
Roçarem fugitivas como o vento  
Por muda folha ; imagens dolorosas  
Me acenavão de longe, revoavão,  
Cahião como do ar, feridas pombas  
Quando cégas do sol vão contra os muros,  
Em saudade convulsas me abraçando ;  
De tão chorosas me acordarão.... Eu só !  
Nas ondas do suor, espectro errante,  
Descabellado e pallido entre as arvores —  
Despovoado céo ! O' mãe, ó mãe !

. . . . .  
. . . . .

Meu Deos ! porque mataste minha mãe ?  
Porque mudaste as flôres destes sitios ?  
Porque murchaste todas estas arvores ?  
Como tantas ruinas se amontoão !  
A verdura risonha do outro tempo  
Desfallece do prado, e triste as aves  
Levantão-se ás collinas do horizonte  
Ennegrecidas, aridas. Quem déra  
Vivesses inda aqui ! doce velhice,  
Apoiada em meus hombros, titubantes  
Nossos passos, feliz te conduzira  
Nas margens odorantes de tua fonte  
(Secca e perdida em carrascaes sem flôr),

Te dando agua na mão, que tanto amavas  
Na folha da cantan, e á tua vista  
Sorrindo as lymphas gárrulas passárão ;  
Á tarde, vagarosa, em doce pratica,  
No teu passeio a respirar no monte  
Do bosque perfumado brasileiro  
Ar tépido e saudavel : sobre a pedra  
Da ladeira, encostada a mim, por longe  
Vagando os olhos d'afrouxada vista,  
Como esses cantos vesperaes desmaião,  
N'uma historia sem fim, mas agradavel,  
Branda fita de mel, por entre as phrases  
O nome do teu filho accentuando ;  
E depois, quando a sombra já cahisse  
Dos laranjaes perante os astros todos,  
Pelos trivios á morta claridade  
Virmos trazidos para o tecto amado,  
Onde já passão as primeiras luzes ;  
Descansando no toro de páu-d'arco,  
Tu falláras então, porém sem lagrymas :  
« Aqui tuas irmãas contigo juntas  
« Ha vinte annos brincavão ; lá, teu pai  
« Esse pé de loureiro que inda cresce  
« Plantou quando nasceste, esperançoso  
« No teu futuro — a idade delle é a tua. »  
E no terreiro se ajuntando os pretos,  
Começão-se accender os fogos rusticos.  
Nem mais o canto das senzalas ouço...  
Oh, quantas cousas tem mudado o tempo !  
O' Deos, porque mataste minha mãe ?

---

Curvei-me á rama do palmar atlante,  
No ésto de uma quadra da existencia,  
Perto á sorte minguada ouvindo a morte...  
Mas, foi sonho. Açoitado do destino  
Perdi as margens que eu amava, ingratas!  
Minha dôr comprimi, pranto de sangue  
Por dormi-la chorei! chorei saudades,  
Do peito a fronte a levantar gravosa  
Vergada ao pensamento, fundos olhos  
Tremulando no vulto do gigante  
Rebuçado em seu manto de penhascos,  
Entre os céos a cabeça, lh'entoucando  
Silencioso nevoeiro a grenha;  
Fallecendo no azul das serranias  
Dos Orgãos endentados — qual n'arêa  
Do lybico deserto, o sol acceso,  
S'embalancão palmeiras no espeloso,  
Encantadas cidades, ilha ou selva,  
Onde eleva-se muda a caravana —  
No remanso das aguas desenhadas  
Mellifluas do Janeiro. Oh, meus encantos!  
Mãi despiedada que seu filho engeita,  
A patria me negarão... Posto ás chuvas,  
Senti murchar meus annos inda abrindo;  
Minha vida pendeu extenuada  
De suspiros e dôres; esta seiva  
Da minha alma s'evapora, esvae-se;  
Pela aerea raiz repousa o outomno,  
E os turbilhões ardentes a lacerão.

---

Eu vou subindo o rio da existencia  
 Contra as correntes em penosa balsa :  
 Estendo a vista pelo esteiro, busco  
 Deter co'as mãos as ondas, que me fogem !  
 Grito, que se não perca o meu passado —  
 E perde-se com o echo... e pelas margens  
 Apenas uma luz se extingue, um monte  
 Empallidece e sécca, as minhas torres  
 Desfazem-se em ruínas, um cypreste  
 Lá no fim do horizonte o corpo estende!....  
 E volto-me ao caminho para adiante :  
 O tempo se approxima, e passa : e digo,  
 O futuro lá jaz atrás da nuvem —  
 Porém branquêa a nuvem... peço ainda  
 A' noite, que me espere enquanto ha dia —  
 O sol desaparece, e tudo é noite !  
 — Está minh'alma se escorrendo em chagas  
 Tão vivas, de sanguineos meteóros  
 Nella cheia de noite, ou como os raios  
 Na sua tempestade serpentêão !

---

Eu via o tempo segundar-me ás pressas :  
 « Corre ! corre ! que eu passo. » Eu corri tanto ,  
 Que a vida toda n'uma aurora andei  
 Até aos pedestaes desta muralha !  
 Ainda as verdes purpuras me cercão,  
 E esta desgraça que eu radeio as cresta.  
 Não posso mais seguir : n'um desalento,  
 Eu cáio, e de fadiga mal me arrasto  
 A' beira de uma sombra, sobre o marco

A fronte deleixar em descabellos ,  
 Indifferente pela terra o corpo :  
 Meus olhos apagados, pelo valle  
 Embalde se demorão nos meus rastos,  
 Que palpitão, que somem-se e os aturvão.  
 O sol vacilla a contemplar-me, e pára !  
 Volto-lhe as costas, meu desprezo ao sol,  
 Que não é mais a mim como da noiva  
 O banho perfumado do noivado ;  
 Porém onda que o livido cadaver  
 Humedece insensível. O abandono  
 É meu leito da morte : expiro, acabo,  
 Sem terno pranto, sem amigos braços :  
 Vejo um inverno a desfolhar-me apenas,  
 E purpuras crestadas ; vozes mortas  
 Sinto apenas vibradas na montanha.

. . . . .  
 Que leito bello, e preguiçoso, e morno !

. . . . .  
 Neste enjão da vida ao menos diga :  
 Eternidade de dôr bebeu minha alma,  
 Por ella fui nutrido, e me sepulta ;  
 Só aqui não achei mentira o mundo.  
 — É rochedo meu peito á flôr estranho :  
 E do prazer nas gélidas cavernas  
 Sómente encova horror, lymphas amargas !  
 Creação desgraçada — nasce o bardo  
 Para soffrer, e maldizer os céos.

---

Ensopada nos balsamos do gozo,  
Dos amores, da vida a infancia minha  
Foi uma hora, e passou, tão leda e bella!  
Meu corpo da doença corrompido  
Mistura-se co'a terra; anoitecido,  
A noite empresta-me as sombrias fórmãs:  
E nem espero amanhecer mais nunca...  
Morrer! tão cedo, no quartel primeiro,  
O sol no monte a palpitar d'esp'ranças  
N'um vidroso fulgor... Oh, Senhor Deos!  
Os dias eu não choro para o mundo,  
Não carecem de mim gozos, prazeres:  
Donzella vacillante minha patria,  
Nova e rica d'encantos, e tão pobre,  
Tão orphãa como eu sou de pais e amores,  
De todo o peito meu quizera ama-la,  
Abrir com ella no subir dos annos  
Que não sabem murchar celestes flôres —  
Miserrimo sonhar! vão-se os meus dias  
Na corrente indomavel tropellados  
Dos pendores da sorte ao fundo abysmo.  
Porque, Deos, me creaste? em minha aurora  
Sou victima — ó que fiz? — Corre, homem louco!  
Ave magra e sem ninho vai cantando,  
De morta a descansar de vôo em vôo,  
Conforme a terra ataviada, nua,  
D'um céo alpestre, ou desatando encantos.

---

Doloroso cypreste da minha alma  
Ondêa no meu rosto a sombra errante

Dos ramos denegridos, annuncia ,  
Como os embalos de nocturno sino  
O enterro que passa, a minha morte —  
Minha morte amanhã... talvez inda hoje.  
Chorão ver-me exhalar a vida d'hontem  
No berço adolescente; eu sinto o pranto  
Do fundo peito, que só meu julgava,  
N'olhos estranhos, a doer na fronte  
Dos que me cercão, repetindo mudos :  
« Morrer tão cedo! » Como é bello, vêde,  
A morte do poeta nesta idade !  
Mimoso cysne pelo céo de um lago  
Desplumando suas alvas sem ter mancha  
Como as virgens gemeu, gemeu ! gemeu !  
Nem sabe s'inda á terra um corpo fica ,  
Se fica a terra, as flôres e as campinas ;  
Sem para cima os olhos d'esperança ,  
Mudo e candidamente está sorrindo —  
Expirando e sorrindo. — Mas, a patria ?  
S'enlevando inexperta pousalousa  
No sorriso fallaz da humana serpe,  
Ora, com sede, seduzindo a cega ;  
Logo depois, escarnecendo a nescia  
Desflorada : « Só farta os vis desejos,  
Tão vasia de amor divino ! » O' patria !  
Senhor, salva-a ! Senhor ! Eu morra, embora.

---

— Do descobrimento não murrêrão os despotas,  
Não, que o candido povo, o povo infante  
Não cessou de gemer. — Ah ! contra o debil

O forte não triumphã: elle envilece.  
Tem a alma no peito espaço igual  
Do mesquinho senhor, do escravo fraco.  
Cobardia é pisar o choro humilde,  
Cobardia é chorar nos pés tyrannos:  
A sorte commutada, elles semelhão.  
Não tem sorte o magnanimo, tão alto  
Está no throno ou no servil grabato.  
— Rapina simulada, a fronte é clara  
Perante o dia, no favor das sombras  
Deslisando ao través, t'insulta, e passa:  
Com ar d'escravidão te distrahiste!  
— Tão indolente, quem te dá piedade  
Vendo os teus campos se esterilisarem?  
O Deos, o proprio Deos, se offende e vinga:  
Peste, desolação, miseria, secca,  
Gritos de captiveiro e maldições,  
O horror que fazes, só nas mãos te estende!  
— Desprezivel te olhárão, em torpe estagno  
A ressonar, engurgitada em gula  
De tão pesada tradição retrógrada:  
Olhárão-te vistosa, como a Limace  
Arrastando na concha o fatuo egoismo  
Debruçar-se mui lenta sobre as praias  
De um vasto mar, em camas de ouro — de ouro!  
Se alimentando ali do limo e d'hervas  
Que as ondas trazem das oppostas margens,  
Das margens todas que não sejam suas,  
Move a cabeça apenas, e um dos córnos,  
Aonde os olhos se arredondão, fura

As cápreas zonas, e no Prata o molha ;  
 O outro, ao norte pelas nuvens dentro,  
 Accende no equador por entre os signos,  
 E nas aguas seus arcos esverdêa  
 Do primo-nato filho dos oceanos !  
 E o corpo se perdeu quasi nos Andes,  
 E além dos Andes, lhe abraçando as plantas,  
 Com voz dos sec'los que o futuro abalão,  
 Responde o grande mar ao mar Atlantico !

. . . . .  
 — Ergue-te! move-te! sê senhora, impera,  
 Estende as azas, vôa ao sol candente,  
 Campêa sobranceira pelas nuvens,  
 Imagem do condor das serranias !  
 Arma a justiça no amazoneo braço,  
 Ergue os teus filhos que te erguer sonhárão ;  
 Curva os teus filhos quando ingratos forão ;  
 Lava tua fronte que os estranhos cospem,  
 Saliva invída, mas desprezo ha nella !  
 — A onde é viva a riqueza o homem corre,  
 Todos amão viver, a patria encontrão :  
 Em seu jazer dormente, não amigos,  
 Exhauri-la só vem, como bandidos  
 Qu'imbelle victima inda insultão quando  
 Em seus congressos da montanha bailão.  
 — Oh, desperta! dormindo em pleno dia....  
 O bruto pesadelo da politica  
 Não dá sonhos — afoga e cansa e mata —  
 Pisando nos seus pés a Liberdade....  
 E a Liberdade nos teus seios geme !

Por amor de si mesma. A nuvem presa  
Desespera e se arroja na tormenta :  
Após os seus destroços miserandos  
A bonança virá, porém, tão tarde !...  
Sè briosa, prepara á natureza  
Templos á eterna luz : — na superficie  
Vem rolando do globo : ei-la bem perto,  
Sauda nossas plagas os primeiros  
Clarões e o crepitar ! Vejo o Oriente  
Cinza vasta, por onde ella passára,  
De um fumo branco se perdendo e leve.  
Abarbarando vão-se os que ella deixa,  
O tempo embora lhe não lave os traços,  
E o barbaro Occidente ora resplende.  
As ondas transporá : que já se espelha  
Nas Colombias dos Andes e dos mares ;  
E a sombra então, que nos envolve ainda,  
Irá longe de nós, e a cauda fria  
Estenderá no céo que nos eclipsa —  
O dia aqui' stará — Fei lei do Sol.



## ULTIMA PAGINA.

---

Se eu escrevesse um prologo, seria tão sómente pedindo ao publico me desculpasse de lhe haver offerecido os meus concertos — frios, tão mal entoados e rusticos. A dôr, os soffrimentos, a saudade forão o anjo desgraçado dessas inspirações como o grito fatal das aves da noite. Eu nunca os pretendi publicar — os restos disputados aos vermes e ao tempo serião roto cypreste ao meu tumulo — que, se um dia o pensasse, certamente não os teria escripto, nunca eu seria poeta, ainda só pelos escrever. Eu os cantava descuidado, sem dar-lhes nome os perdia — quando o peito mais leve como que adormeceu. Porém, a sorte fallou mais perto.... e hoje os procuro para dá-los. Estremeço ás fragoas por onde elles tem de rolar, e tenho remorsos de haver dado cousa tão má. Eu nunca os pretendi publicar : foi a sorte que fallou de mais perto: perdoai. Sáfara e inculta, aos auspicios da Infortuna pallida,

a terra só produzio flôres venenosas : não as respireis ; passai longe do valle — eis o caminho. Todavia, eu amo naturalmente esta vida errante, sem lei nem futuro : insecto em arribação contínua, tuas azas cortarão, cahirás em teus primeiros zumbidos.

À sombra do teu nome, doce irmã, bella e feliz Maria-José, eu teria abrigado os meus primeiros ensaios ; porém, não encontrei nelles um reflexo divino da poesia de que só mereces de ser rodeada, e encolhi o meu desejo. É a sorte que me anda illudindo, eu não morrerei ainda.

Eu vejo um firmamento de vasto azul, um astro se levanta no meio. Tudo desmaia em torno de mim : é que nada era estavel ; e tu, unica realidade que eu vejo, eu vivo, tu existirás !

Abstenho-me de ajuntar a este volume, por já tão longo e de certo fatigante, notas sobre lugares, costumes e nomes naturaes, que por falta de indagações scientificas possam ainda ser desconhecidos.

Rio de Janeiro, 1857.

JOAQUIM DE SOUZA-ANDRADE.

---

# INDICE.

## ESTANCIAS.

	Paginas
Harpa I. Desesperança . . . . .	3
Harpa II. Hymno á liberdade. . . . .	6
Harpa III. Ao Sol. . . . .	41
Harpa IV. Te Deum laudamus . . . . .	47
Harpa V. Legenda . . . . .	23
Harpa VI. A hectica. . . . .	29
Harpa VII. A *** . . . . .	34
Harpa VIII. Visões . . . . .	35
Harpa IX. O Rouxinol . . . . .	41
Harpa X. Canção de Cusset . . . . .	44
Harpa XI. Um dia é semelhante á eternidade . . . . .	46
Harpa XII. Minha alma aqui. . . . .	47
Harpa XIII. A virgemzinha das serras. . . . .	49
Harpa XIV. Hora com vida . . . . .	54
Harpa XV. Vem, ó noite! . . . . .	56
Harpa XVI. A *** . . . . .	57
Harpa XVII. Sonhos da manhã . . . . .	60
Harpa XVIII. M. . . . .	63
Harpa XIX. Pobre filha de Polonia . . . . .	65
Harpa XX. Berços do amor primeiro . . . . .	66
Harpa XXI. O principe africano . . . . .	76
Harpa XXII. Primeiras-aguas . . . . .	83
Harpa XXIII. Vamos juntos. . . . .	90
Harpa XXIV. O inverno . . . . .	92
Harpa XXV. A' partida de um velho enfermo . . . . .	98
Harpa XXVI. Fragmentos do mar . . . . .	99

## NOITES.

	Paginas
Harpa XXVII. O Cypreste. . . . .	145
Harpa XXVIII. A velhice . . . . .	149
Harpa XXIX. A escrava. . . . .	151
Harpa XXX. A maldição do cativo . . . . .	157
Harpa XXXI. Visões. . . . .	165
Harpa XXXII. . . . .	168
Harpa XXXIII. . . . .	171
Harpa XXXIV. Visões . . . . .	174
Harpa XXXV. Visões . . . . .	189
Harpa XXXVI. . . . .	226
Harpa XXXVII. Solidões. . . . .	229
Harpa XXXVIII. O dia de Natal . . . . .	237
Harpa XXXIX. A Musa . . . . .	241
Harpa XL. O Tronco de Palmeira . . . . .	247
Harpa XLI. . . . .	249
Harpa XLII. O Casal Paterno . . . . .	254
Harpa XLIII. Frondosos Cedros d'outr'ora . . . . .	260
Harpa XLIV. Meus nove annos n'aldéa . . . . .	262
Harpa XLV. . . . .	271
Harpa XLVI. . . . .	287
—	
Ultima pagina . . . . .	305

## E R R A T A.

Erros.	Emendas.	Paginas.	Linhas.
acabárão	acabárão,	5	6
Santo!	Santo!»	20	18
justo:	justo.	25	15
innundada	inundada	28	11
religiosa	religiosa,	61	5
enfurece-se	enfurece	103	4
deceu	de céo	107	10
morte: deter	morte deter:	178	1
ũa	uma	184	6
uma	ũa	184	8
d opastor;	do pastor;	221	18
acompanharão	acompanhárão	235	23
Eu via	Eu vejo	239	4
A. J. D.	A. G. D.	241	3
azas que a mãe	azas, que a mãe,	268	16
passado	passado,	272	26
do mar	no mar	276	28
do puro	no puro	293	27

Damos estes erros com que podemos deparar á primeira leitura depois da impressão, que alguns dos quaes desformão a metrificacão.

---

19157

JM

